

OS HOMENS DE SANGUE
OU
OS SOFFRIMENTOS DA ESCRAVIDÃO

POR

Vicente Felix de Castro



YANR
H052

Rio de Janeiro

Typographia—CINCO DE MARÇO—rua do Lavradio n. 96

1873



v.1
8869.9339
C355 h
v. 1

Es
Pa
rosos
que
dade
meu
Ju
corr
tôsc
tura
Mi
o ac
mild
filha
plag
das
Ju



DUAS PALAVRAS AO LEITOR

Escrevi este romance para o povo.

Patentear aos olhos do paiz os soffrimentos dolorosos e pungentes da escravidão, profligar o crime que se commette em algumas de nossas propriedades ruraes com abuso e desrespeito á lei, tal foi o meu proposito.

Julgo pois fazer um pequeno serviço em deixar correr pelo imperio de Santa Cruz este meu pobre e tóscó livro, despido de todas as galas da litteratura.

Minh'alma será reconhecida a todo brasileiro que o acolher com indulgencia como um dos mais humildes defensores dessa doce e querida liberdade, filha abençoada do céo, que ha de um dia pairar nas plagas deste paiz gigante e que tornar-se-ha uma das grandes e admiradas nações do mundo.

Julho de 1872.

VICENTE FELIX DE CASTRO.

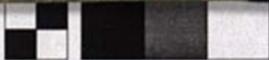


OS

Pe
de l
seis
que
mei
de S

E
pess
de c
eno
lha
ta,
tos

E
D
dia
e v
car



OS HOMENS DE SANGUE

OU

OS SOFRIMENTOS DA ESCRAVIDÃO

I

OS TRAFICANTES

Por uma tarde feia e chuvosa do mez de janeiro de 1867 dous cavalleiros montados em possantes corseis marchavam pelo caminho estreito e sinuoso que ia ter á fazenda do commendador Carlos de Almeida no municipio da cidade d*** desta provincia de S. Paulo.

Esses homens eram acompanhados por mais seis pessoas, sendo cinco pretos e um camarada caboclo de crestada e antipathica physionomia, e que vestia enorme ponche de panno grosso, com chapéo de palha, cujas abas largas lhe sombreavam a testa chata, na qual alguns manojos de cabellos hirtos e pretos cahiam-lhe até quasi os olhos.

Este camarada fumava um tóso cigarro.

De quando em vez, com um rebenque, que sacudia á mão direita, fustigava o seu sendeiro, pobre e velho animal, que parecia não poder supportar a carga, porque bufava extenuado de forças.



O instrumento que assim impellia o animal igualmente applicava aos pretos quando deixavam de apressar o passo.

Eram escravos, quasi nús e em farrapos, que imitavam victimas caminhando para o supplicio.

Demos agora attenção á conversa dos dous cavalleiros, que marchavam adiante.

—Temos, Sr. Silva, disse o mais moço, que denotava vinte e quatro para vinte e cinco annos, de porte elegante e sympathico e bem trajado, ainda um bôa legua a andar para chegarmos á fazenda do commendador.

—Maldito tempo que faz, respondeu o outro cavalleiro esporeando o cavallo. E tirando o relógio do bolso do collete consultou-o.

—Que horas marca, Sr. Silva?

—Cinco. A's seis estaremos na fazenda.

E depois o cavalleiro voltando um momento para traz, ajuntou alto :

—Oh lá, Chico Raposa ! toca esses malditos, que fazem a pirraça de cançados.

—Os bichinhos, meu amo, respondeu o caboclo com accento acaipirado, não zombam do meu rebenque!

—Aperta com elles, porque d'aqui a pouco temos uma chuva grossa. Nós, agora, vamos adiantar o passo, e tu, Chico Raposa, toma conta dos pretos.

—Nhor sim, respondeu o caboclo ainda fumando.

—Senhor Ricardo, metta as esporas no animal. E os dous cavalleiros caminhavam apressados.



Silva calculara bem o tempo para chegar á fazenda do commendador Almeida.

Ao fim de uma hora elle e Ricardo apeavam-se no terreiro areiado da magestosa habitação do commendador.

Antes de darmos a conhecer ao leitor os dous personagens, que vimos de mencionar, occupemo-nos da fazenda, desenhando sua linda perspectiva.

Na encosta de alta eminencia, toda verdejante de café novo, se observa a formosa habitação, com apparencia de uma pequena povoação, pitoresca e cheia de encantos, tendo grande sobrado no centro e não poucas senzalas em o quadro do terreiro, fechado por largo portão chapeado de ferro, vendo-se mais para um lado os engenhos para café e canna, e mais abaixo a casinha de pião ao moinho, havendo tambem a casa do selleiro em commodas proporções, e finalmente o pombal, pelo qual esvoaçavam os innocentes pombinhos arrulhando amores.

Um jardim delicioso, ao lado esquerdo da casa, ostenta suas flôres perfumosas, mui variadas, nos canteiros symetricos, indo-se por uma rua de rosas a um pequeno tanque, em cuja bacia de pedra o espelho da agua reflecte as sombras encantadoras das flôres que lhe ficam proximas.

Mais adiante, a mesma rua de rosas, partindo do tanque, vai a um grande pomar, aonde as frutas saborosas de nosso paiz são cultivadas com cuidado, por isso que sua vegetação se patenteia soberba.

Por ahi reinam brisas suaves e fragrantes, que



brincando sempre com os zephiros, festejando as flôres, vão repousar tranquillos no leito denso da folhagem, enquanto os colibris dansam no ar sugando o nectar que contem as flores em seus delicadissimos e odoriferos cálices.

Flôres e colibris pertencem á poesia divina. Deus quando formou o seu Eden os collocou ahi para a completa formosura da sua criação.

Quatro estatuasinhas de pedra representando as estações do anno adornam igualmente o jardim, cada uma em seu competente lugar.

Um caramanchão de jasmins tem o seu banco de pedra, além do tanque, e do qual se avista a rua de rosas e que conduz o apreciador á casa, passando por um arqueado portão de bellas parasitas.

Em frente do sobrado e residencia do commendador Almeida se vê uma extensa campina, onde pastam animaes vaccum, muar e cavallar, serpeando pelo meio um ribeirão crystallino e transparente, enxergando-se o leito forrado de branco pedregulho.

Pórcos e aves domesticas vagueiam igualmente pela campina.

Algumas arvores frondosas ahi resguardam os animaes dos ardentes raios do sol a pino.

A perspectiva da fazenda que acabamos de esboçar terá por certo agradado ao leitor, que ajuizará o bom gosto do commendador Almeida, que aproveitando bem a sua abastada fortuna, ostenta assim esse luxo de grandeza.

Esta fazenda denomina-se Campo-Alegre.



O leitor tem de fazer conhecimento com o commendador e sua familia; porém, antes disso, devemos cumprir a nossa promessa, orientando-o ácerca dos dous personagens—Silva e Ricardo, e qual o motivo que os traz á morada do commendador Almeida.

Silva é Bahiano e emprega-se no trafico de carne humana, isto é, tem por negocio a compra e venda de escravos, commercio este que lhe dá grande lucro. Reside no Rio de Janeiro, e annualmente faz duas viagens pelo interior do paiz e pelo norte desta provincia de S. Paulo, trazendo muitos escravos e vendendo-os a prazo ou a dinheiro, fazendo a differença conforme o trato.

Em tal ramo de negocio Silva não tem o menor prejuizo, porque só faz transacção com aquellas pessoas que são pontuaes e que têm a necessaria garantia para o pagamento.

Silva é economico; apenas tem um camarada, que havia sido feitor de uma fazenda, por conseguinte mão e de coração de pedra para a desgraçada gente, cujo sello amaldiçoado marca-lhe o captivoiro. Nesse homem deposita Silva confiança.

O traficante de carne humana não tem familia e conserva-se solteiro.

Não possuindo a alma generosa e compassiva, é-lhe indifferente o soffrimento do proximo; supplicas não attende; lagrimas e gemidos não o enternecem. No repugnante commercio em que vive, parece ja familiarisado com o padecimento dos po-



bres escravos, considerando-os apenas como uma boa mercadoria, são por conseguinte tratados como cousas e não creaturas, quaes animaes irracionaes, que não têm coração para sentir o bem e o mal, e nem alma para admirar e adorar a Deus, para um dia gosar as bemaventuranças eternas.

O traficante pensa assim.

Silva, em uma de suas viagens á cidade d' *** dera um pequeno interesse a Ricardo de Lima, seu conhecido da côrte, aonde este havia sido caixeiro, o qual vindo residir na mesma cidade d' *** ahi comportara-se bem na mesma profissão; mas não se achava satisfeito, porque vencia um pequeno ordenado.

Assim, avistando-se uma occasião com o traficante pedira-lhe a protecção para que o recebesse como seu agente ajudando-o a procurar compradores para a sua *mercadoria humana* e indicando-lhe as pessoas a que se havia de dirigir.

Esta proposição foi aceita por Silva, que parecia vêr no joven um bom socio para o futuro, e mesmo porque agora necessitava de uma pessoa intelligente que bem occupasse o cargo de caixeiro.

Dous annos fôra tempo mais que sufficiente para que o traficante aquilatasse as qualidades de Ricardo, achando-o apto para todo e qualquer negocio a que se dedicasse.

Dera-lhe pois sociedade na quarta parte dos lucros que tivesse d'ahi em diante na sua exploração de carne humana.

Tendo elles trazido do Rio de Janeiro uma boa partida de escravos, fizeram uma optima venda,

tanto p
de S. B
Mas os
dador
esses m

Sera
leitor
olhos p
tomado
grande
roada
baixa,
felpuda

A su
escrev
davia
cios; p
quand
de pag
e quan
ta de s

Silva
lecer-s
de faze
larga e
godão,
seja vé

O tr
para f
um tit
reflect



tanto pelo interior d'aquella provincia como desta de S. Paulo, restando-lhe apenas cinco escravos. Mas os dous socios tinham certeza de que o commendador Almeida, como freguez que era, compraria esses miseros.

Serapião da Silva (nome do traficante) que já o leitor conhece, tem um semblante singular. Uns olhos pequenos e esverdeados, rosto redondo, todo tomado de inculta barba ruiva, nariz curvado, boca grande, fornecida de alvos dentes, testa chata e coroada de cabelleira tambem ruiva, com estatura baixa, cheio de corpo, reforçado, mãos grandes e felpudas, eis a figura de Sarapião da Silva.

A sua instrucção se limita apenas em saber ler e escrever. Apesar de ter o coração de marmore, todavia a boa fé preside algumas vezes os seus negocios; porém é desapiedado com os seus devedores quando por qualquer circumstancia deixam elles de pagar-lhe. Por este motivo nunca tem prejuizo, e quando acontece receber alguns escravos em conta de suas dividas, são sempre por preços infimos.

Silva possuindo já uma boa fortuna tenta estabelecer-se, e para isso espera ter occasião favoravel de fazer a acquisição de uma fazenda, aonde, em larga escala, possa cultivar o café, a canna, o algodão, o tabaco; projecto esse que o preoccupa e deseja vê-lo em tempo opportuno realisado.

O traficante de escravos ambiciona a riqueza para fazer *bonita figura* no paiz aspirando tambem um titulo honorifico sem o qual a opulencia não reflecte.



Miseria humana!

E, todavia, este mal accomette a muita gente em nosso Brazil.

Fraqueza humana, repetimos: se a pessoa não é dotada de alma grande e generosa, debalde será essa honra, porque isso aos olhos de Deus, que tudo perscruta e observa, e observa mesmo os segredos que se guardam no recondito dos corações, nada vale, são vãs chimeras que se evaporam como o fumo.

E pois o homem bom e compassivo, que durante as horas do silencio medita sobre as miserias humanas enxergando no seu triste espelho o rico desprezando o pobre, o nobre expulsando o plebeu, as ambições das vãs grandezas supplantando os deveres religiosos da alma; esse homem que assim vive, julga e comprehende esta infeliz sociedade, é, no nosso humilimo pensar, digno de estima, porque suas bellas acções o distinguem daquelle que, enfastuado de lôfa aristocracia, só tem as *honras da commenda*, que lhe reflecte ao peito da casaca como joia de adorno e obtida por não pequena quantia!

Não prosigamos nestas considerações para não ferirmos susceptibilidades.

Continuemos nosso tosco romance.

Agora que os leitores já conhecem este typo social, passemos a apresentar-lhe o caracter de Ricardo de Lima.

Este joven tem uma physionomia mui sympathica. Sua conversação é polida, e suas maneiras agradaveis.

Procu
brilhant
sombrea
moreno
e espaço
ahi se e

Nessa
lhar en
regras d
de alma

Filho
cidade d
que car
logo um
extremo
possuida

Essa
lhe a t
nella, p
com let
quaes s

« Sou
queza d
homem
prova d
bôa mu
enviar-t
caridade

E a
innocen
dando c



Procure-se um mancebo de olhos pretos, grandes, brilhantes, nariz aquilino, boca breve e graciosa, sombreada de macio bigode, realçando-lhe o rosto moreno e comprido a avelludada barba, fronte alta e espaçosa, cabellos negros e crespos, bem apessoado, ahí se encontrará Ricardo.

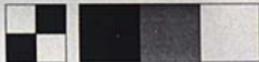
Nessa fronte alta e nesses olhos que parecem brilhar entre seus longos cilios, se achará, segundo as regras da physiologia, o homem intelligente, dotado de alma ardente e apaixonada.

Filho de pais incognitos na côrte, tivera a infelicidade de ser exposto á porta de uma pobre mulher, que caridosa recebera a infeliz criança dando-lhe logo um beijo na tenra e assetinada face, qual mãe extremosa acariciando o fructo de suas entranhas possuida do mais terno sentimento.

Essa mulher, ao pegar o triste exposto, tirando-lhe a toalha de fino linho que o envolvia, achou nella, preso com alfinete, um pequeno papel escripto com letras desiguaes, em algumas linhas tortas, nas quaes se liam estas palavras:

« Sou uma moça desgraçada, porque tive a fraqueza de ceder ás sollicitações amorosas de um homem rico e importante. Estou deshonrada e a prova do meu erro é esse innocente, que confio a ti, bôa mulher. Sou pobre e não tenho dinheiro para enviar-te. Quem sabe se algum dia te pagarei esta caridade.—E. C.»

E a bôa mulher gosando saude, tratou desse innocente, filho do crime, com todo desvelo, guardando como reliquia sagrada o papel escripto, espe-



rando que Deus misericordioso lhe ampararia para a educação da pobre criaturinha.

E, como seu proprio filho, a bôa mulher, fazendo todos os sacrificios, foi criando o menino, que crescia, sem ser acommettido por qualquer enfermidade.

A' proporção que o tempo passava, a compassiva mulher, como a mais estremecida das mãis, adorava a seu filho adoptivo, desejando-lhe que o horoscopo do seu futuro fosse o mais prospero e orlado de nuvens douradas o céu de rosas de sua vida.

O engeitado foi crescendo. A boa mãe adoptiva, tendo uma vida honesta e exemplar, pôde dar ao menino alguma educação, e à custa de seus trabalhos de agulha e de outras prendas que sabia, pagava os mestres do collegio.

Essa mãe carinhosa não olvidava no ensino de seu engeitado fazêl-o respeitar e amar a Deus, sobretudo, como o manancial de inesgotavel bem.

Fizera-o baptisar dando-lhe o nome de Ricardo de Lima e escolhendo para padrinhos pessoas pobres mas honradas, sem que elles, um dia, pudessem favorecer ao afilhado, quando por ventura este se visse em necessidade.

Apezar dos fracos recursos de que dispunha Joanna de Lima (nome da bondosa mulher), todavia Ricardo, em idade de doze annos, matriculara-se em um dos bons collegios da côrte, tendo, ao cabo de um anno, mostrado bastante talento para os estudos, tornando-se assim credor da estima e sympathia de seus mestres.



Quando, ao completar dous annos de ensino nesse collegio, em que tinha bebido alguma instrucção, sabendo correctamente o portuguez, traduzindo o francez, comprehendendo a geographia e com principios de latim, sua pobre mãe adoptiva fôra acomettida de uma febre perniciososa, que durante alguns dias de soffrimento não tendo ella forças para resistir, cheia de crueis angustias, vira chegar o seu ultimo momento, sem que deixasse um amparo para o seu pobre engeitado, que ficava agora abandonado sobre a terra sem ter mão beneficente que o tratasse e o guiasse no escabroso caminho da vida.

O misero orphão chorara muito a perda daquella que com tanta solicitude o havia criado nos extremos do amor materno. Porém o tempo foi pouco e pouco curando a ferida que Ricardo tinha no coração, até que cicatrisou-a. O menino não voltára mais ao collegio, porque já não tinha a quem obedecesse.

Como naturalmente acontece, esse menino inexperiente não quizera apresentar-se a seus mestres e pedir-lhes protecção para concluir seus estudos de humanidades. Lembrara-se logo de ser caixeiro em alguma casa de negocio, e isto sem difficuldade fôra-lhe outorgado por ter bonita letra e escrever com acerto.

Todo o tempo em que fôra caixeiro seu comportamento havia sido bom.

Ao completar vinte annos principiára a sentir um mal terrivel, que lhe minava a saude. Atemorizado consultára a um habil facultativo, e este fôra de parecer que, se Ricardo deixasse de sahir do



Rio de Janeiro, seu mal não teria cura. Assim o aconselhava que fosse para a provincia de São Paulo ou Minas Geraes a respirar o ar puro e saudavel, que os pulmões de Ricardo necessitavam e que só isso seria bastante para operar cura.

Os conselhos do medico não foram despresados. Ricardo de Lima tratára logo de sahir da côrte e ajustára-se como caixeiro de um commerciante, que n'essa occasião havendo feito o seu sortimento no armazem aonde morava Ricardo, dispunha-se a partir do Rio de Janeiro.

O destino do mancebo parecia favorece-lo, porque deparava-lhe excellente amo.

Despedindo-se de todos seus conhecidos, sahira de sua cidade natal com o coração fechado de sentimento.

Joanna de Lima havia depositado nas mãos de seu filho adoptivo, antes que lhe chegasse a hora fatal, o escripto mysterioso que o acompanhara quando exposto á sua porta

Ricardo não pôde lê-lo sem derramar lagrimas nesse papel, lastimando o infortunio de sua verdadeira mãe, e se a encontrasse então seria o mais feliz dos mortaes. Mas tudo isso era-lhe um sonho. Essa mulher, que lhe dá o ser e que commettera essa falta tão grave, jámais lhe appareceria. Assim, guardou o escripto de sua desditosa mãe como um penhor sagrado.

O triste joven vira-se só no mundo, sem parentes que o tratassem na sua infelicidade; e se a morte lhe quebrasse o fio da vida, ninguem o lastimaria,



ninguém desfolharia goivos e saudades sobre a sua
campa.

Porém, um pensamento grande e consolador não
o abandonara. Lembrava-se sempre do poder e bon-
dade immensa de Deus, e assim confiava, esperando
que o futuro lhe fosse propício.

Ricardo possuía um coração grande e generoso.



Sil
comr
Un
page
modc
demc
Mo
Er
gudo
larg
nariz
tizez
o tit
dá ab
dade
E
home
sua



O COMMENDADOR ALMEIDA

Silva e Ricardo foram introduzidos na sala do commendador.

Um mulato, joven, de bonita estatura, e que é o pagem deste figurão, recebeu os hospedes com modos affaveis, dizendo-lhes que seu senhor não se demoraria.

Momentos depois o commendador apparecia.

Era um homem de altura regular, gordo, barrigudo, com o semblante sanguineo, calvo, usando de largas suizas por baixo do queixo. Olhos azues, nariz curvado, boca de labios finos, e com certa altivez que se lhe nota logo á primeira vista, mostra o titular um desses typos de coração máo que não dá abrigo á generosidade, a quem o mal e a infelicidade do proximo são indifferentes.

E em verdade, o commendador Almeida é um homem fatuo e soberbo. Ostentando os brasões de sua mal entendida fidalguia, elle trata os pobres



com o maior desprezo, não deixando também de tratar com certa soberania as pessoas que o procuram para negocios.

A' porta da rica habitação do commendador não vai o necessitado esmolar o pão da caridade.

A fama do commendador não lhe abona o caracter—que é tido em conta de homem máo.

E' casado. Tendo quarenta e oito para cincoenta annos, apenas conta uma unica filha de treze para quatorze annos, bella como um anjo do céu.

A esposa do commendador é uma senhora de trinta e oito para quarenta annos, mas tem os mesmos sentimentos do marido. Descendente de familia humilde e pobre quando Almeida a pedira em casamento, longe estava elle de pensar que dentro de vinte annos seria—grande homem—e que o carro aurifero da fortuna lhe viesse espargir a riqueza. E pois, vendo-se essa mulher rica, considerou-se logo grande personagem; e olhando para os seus parentes com o maior desprezo, prohibio-lhes que chegassem á sua porta, e que jamais a molestassem com importunações e pedidos.

Assim, essa pobre gente respeitára as ordens que lhe foram dadas por intermedio de um escravo de D. Joaquina do Nascimento—alta e nobre esposa do commendador Almeida.

Esta senhora é altiva para com todo mundo e é inimiga de seus escravos.

O fructo do seu matrimonio fôra essa menina, que se baptisara com o nome de Carlina.

De t
tanto
notava
flôres
São
de Deu
a alma
Os n
sentim
uns de
de alm
corrup
E' a
do co
Nascim
tenro
traste
não pe
essa al
Na e
Deus or
entre e
do Eder
nero hu
E' a p
Mais
dador.
Elle,
sando o
deus da
fôra pr



De troncos tão cheios de defeitos, sahira no emtanto um raminho tenro, verde, esperançoso, que denotava, mais tarde, ser um lindo arbusto, que daria flôres bellas e perfumosas no viço do maior encanto.

São as contradições da natureza. O espirito vem de Deus, e, por conseguinte, ao creador apraz dotar a alma com uma parte de sua essencia divina.

Os membros de uma familia nunca têm o mesmo sentimento. Entre elles se encontram bons e máos; uns de idéas claras, outros de idéas embotadas; uns de almas generosas e nobres, outros de almas vis e corruptas.

E' assim a partilha do creador. Do matrimonio do commendador Almeida com D. Joaquina do Nascimento, tronco ruinoso brotára esse raminho tenro e lindo, cuja seiva de vida era toda contraste d'aquella que o criava, assim Carlina parecia não pertencer, senão pelos vinculos de familia, á essa altiva, soberba e infatuada gente.

Na esplendida e maravilhosa obra da criação, Deus omnipotente fôra circundado pelos anjos; mas entre elles surgira Satan rebellado, e Satan sahira do Eden para fazer a divisão dos sentimentos do genero humano.

E' a permissão do céo.

Mais algumas palavras ainda sobre o—commendador.

Elle, por meio de especulações, habilidoso, visando o futuro, conhecendo que o dinheiro era o deus da sociedade, ajudado pelo destino, que lhe fôra propicio ao nascimento, vira, cheio de satis-



fação, realizarem-se seus sonhos de opulencia e grandeza.

O tempo pois lhe corria bonançoso.

Almeida já se contava no ról dos millionarios, porém isso á custa de seu trabalho e methodo estudado na escola da economia.

Depois de opulento passou a ostentar fidalguia e altivez. Quiz habitar um palacete e o edificou com gosto e luxo.

De instrucção limitando-se apenas ás primeiras letras, tinha todavia intelligencia sufficiente para bem se dirigir em seus negocios de especulações.

As uberrimas terras de sua fazenda, de que auferia todos os fructos, foram lhe dando o augmento da fortuna, de anno em anno, distinguindo-se por tanto como o primeiro fazendeiro do municipio da cidade d'...

Apesar de ser um senhor deshumano para seus pobres escravos, não deixam elles de obedecer-lhe, curvando-se ao rigor do fado sinistro, que preside ao captiveiro.

Almeida não vota amizade a ninguem. Desprezando o povo apenas rende culto aos que, como elle, tem a fortuna de possuir dinheiro; mas procedendo assim guia-se pela bajulação que alimenta em sua alma ambiciosa.

O commendador é natural da provincia do Rio Janeiro, mas os troncos de sua familia ninguem o conhece.

Seu titulo nobiliario fôra dado em troco de uma pequena somma, que o correspondente de Almeida



entregára aos cofres do Estado no Rio de Janeiro com applicação pelo ministerio do impeio a um estabelecimento pio como o Hospício de Pedro 2º.

Eram honras compradas pelo dinheiro.

Quanto aos laços matrimoniaes, Almeida ostenta o caracter de homem sisudo; porém não vota esse amor puro, doce, suave, que todo o esposo fiel liberaliza á consorte. O commendador mostra-se mais solícito pelo augmento de sua riqueza.

A alegria de uma familia, que consiste em caros filhos, não fazia no emtanto os festejos, tão gostosos para os seios d'alma, aos dous esposos ao contemplar sua unica herdeira.

Agora que damos uma idéa ligeira deste nosso typo social, prosigamos em nosso humilde romance, tendo no entanto o leitor de encontrar-se com o commendador Almeida no correr da acção.

Silva e Ricardo ao avistar o fazendeiro, fizeram-lhe uma profunda cortezia.

Almeida olhou-os com soberania.

— Senhor commendador, disseram os hospedes.

— Ora, vivam os senhores, respondeu o titular com altivez. Temos então nova gente?

— Sim, senhor; viemos offerecer á V. S. algumas peças boas...

— Sendo ruim, já se sabe, Sr. Silva, é tempo perdido.

E Almeida fez introduzir os traficantes no grande salão do seu palacete, mobiliado com luxo e riqueza.

— Não jantaram?



— Não senhor, disse Silva com signaes visiveis de appetite.

— Pois esperem, não tardará a refeição.

Almeida tocou uma campainha que se achava em cima de uma mesa redonda no centro do salão.

O mesmo mulato, que recebêra os dous hospedes, apparecêra.

— Manda vir, Roberto, comida aqui para os senhores.

— Sim, meu senhor.

E o pagem sahio.

O commendador recostando-se sobre uma cadeira de balanço, e apoiando o braço direito numa das voltas do movel, em attitude soberana, murmurou, olhando para Serapião.

— Com que v. m. vem trazer-me nova *fazenda*... embora a minha lavoura já tenha gente sufficiente, não obstante, se esses bichos me sevirem, faremos negocio. . .

— Estou certo que os pretinhos lhe agradarão, Sr. commendador.

— Veremos, senhor Silva. *Fazenda* ruim, já lhe disse, não compro.

E Almeida voltando a cabeça para o lado de Ricardo, acrescentou :

— Quem é este moço ?

— Já tive occasião de cumprimentar á V. S., ha justamente seis mezes; respondeu o socio de Silva, mirando o fazendeiro.

— Não me recordo. . .



— Então, V. S. acha-se olvidado; ajuntou Serapião com riso bajulador; pois a ultima vez que aqui vim, trouxe em companhia o meu socio. . .

— Seu socio?

— Sim, senhor.

— Ah!

O commendador olhou a Ricardo de alto a baixo.

O joven, por sua parte, tambem não deixava de observar esse homem de dinheiro, que com tanto orgulho o tratava, desconhecendo-o e tendo-o talvez em conta de um ralé da sociedade.

— Diga-me, senhor Silva: porque não veio a esta fazenda na occasião em que trazia melhor *ponta* de escravos? porque deixou para trazer-me os *rebutalhos*?

— Ha uma razão simples, Sr. commendador, respondeu Ricardo, tomando a palavra de seu socio. Quando sahimos da côrte tivemos de percorrer diversos lugares da provincia do Rio de Janeiro, e assim, ao chegarmos ao norte desta provincia, apenas nos restavam poucos escravos. Porém estes que trouxemos não são *rebutalhos*, como pensa V. S. . . .

Almeida mirando o mancebo com certo desprezo, murmurou seccamente, oscillando a sua cadeira:

— Parece-me que a pergunta que fiz devia ser respondida pelo Sr. Silva, e não por *vauçé*, senhor moço. . .

— Mas elle é meu socio, Sr. commendador, objectou Serapião em tom submisso.



— E que me importa isso?

— Porém, senhor commendador, se eu não estivesse presente o senhor Ricardo poderia dispôr dos escravos como melhor lhe conviesse...

— Está bom, está bom. Hoje não estou para prosa, porque me acho um tanto atacado das hemorroidas, e preciso recolher-me, pois a noite chega. O que precisarem meu pagem os servirá.

E o commendador sahio do salão sem despedir-se de seus hospedes, tratando-os grosseiramente como estranho ás regras da civilização.

— Eis um typo extravagante da sociedade! disse Ricardo tirando um charuto do bolso do seu paletot de casimira parda, tomando tambem uma caxinha de phosphoros.

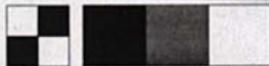
— Todos estes figurões lêem pela mesma cartilha da fidalguia, volveu Silva, tirando igualmente um charuto de um masso que tinha no bolso de seu paletot de panno rapé já usado.

— Fidalgo! Ora, por amor de Deus, Senhor Silva, não falle isto! é uma vergonha! Este commendador, que já o conhecia, é um grandissimo caipira! um homem sem educação, e cuja importancia é só reflectida pelo outro que o enobrece...

— Pois quer melhor nobreza, homem? observou Serapião da Silva, conscio do acerto de sua idéa.

Ricardo mostrou um sorriso de lastima, encolhendo os hombros.

— Pois o que vale hoje na sociedade? não é o dinheiro? Para que serve a sabedoria sem as amarellas? Com ellas é que se compram os melões...



Ricardo pensou um momento, e disse:

— Infelizmente a sociedade é assim... o ouro é a alma poderosa do mundo... elle faz a corrupção do seculo; mas...

Ricardo não completou a fraze, porque Roberto entrando no salão com um lampião de kerosene acceso, collocou-o na mesa redonda.

E o escravo olhando para os traficantes, tendo ouvido as ultimas palavras de Ricardo, objectou cheio de respeito:

— Meu senhor moço, não faça conta dos modos ruins de meu senhor commendador. Elle hoje está zangado porque quasi matou a pancadas a um meu parceiro. E' verdade que senhor é muito soberbo e trata a todos com desdém; mas vms. não devem reparar nisso... senhor se não tivesse dinheiro, nada valia... o mundo hoje está perdido... pensamento de todos é ouro... só ouro!

As palavras do escravo fizeram admirar a Ricardo vendo que tratava com um homem de sentimentos.

— E que mal commetteu o teu parceiro? perguntou o mancebo, curioso do que acabava de ouvir.

— Oh! meu senhor moço! por uma cousa atôa... meu senhor commendador é assim ás vezes... por qualquer pequena falta que faz o captivo é capaz de praticar uma morte o senhorio. Porém perdôe, meu senhor moço... se eu tiver occasião lhe contarei a causa, mas agora vou buscar o jantar, pois os meus senhores devem estar com fome...

O relógio da casa havia dado sete horas.



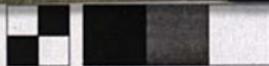
— Ora, está aqui um escravo que me agrada ouvir! observou Ricardo com gravidade, como se em seu espirito uma idéa sinistra lhe viesse denunciar a existencia de um drama de sangue. Pena é que não me contasse o motivo pelo qual esse figurão atacado pelas hemorrroidas, tendo praticado uma execução corporal nos acaba de tratar de um modo *bem delicado*...

— E o que temos com isso, senhor Ricardo? obteve Silva como indifferente ao que tinha ouvido. A nossa obrigação é outra... vendermos a nossa *mercadoria*...

— Senhor Silva, embora seja seu socio, não hade ser isso que deixará de fazer-me lastimar a sorte da desgraçada e infeliz escravidão em nosso paiz... praticam-se tantos horrores nas sombras do mysterio... commettem-se os maiores attentados contra Deus omnipotente...

Serapião deu uma risada de sarcasmo e ajuntou batendo no hombro do mancebo :

— Philosophia, senhor joven inexperiente... philosophia vã, que será como o sermão no deserto... Ora, diga-me uma cousa: estes bichos pretos, em cujo commercio nos empregamos, só pôdem fazer alguma cousa à força do azorrague; elles nasceram para escravos, e por conseguinte como escravos devem-se sujeitar ao destino de um bom ou máo senhor. Por exemplo: este altivo commendador, que não tem boa fama para os captivos, é. . Mas, caluda, ahi volta o mulato com a nossa refeição.



E de feito, Roberto trazia n'uma grande bandeja alguns pratos cobertos de appetitosas comidas, cujo cheiro desafiava o desejo dos dous hospedes no trabalho dos queixos.

Uma garrafa de crystal cheia de vinho via-se tambem na bandeja.

— Aqui está a ceia, meus senhores, disse o pagem do commendador, pondo tudo sobre a mesa redonda. Vms. aqui não tenham cerimonia... e meu senhor commendador está já accommodado, não virá distrahir os senhores deste gostoso exercicio...

Os dous hospedes puseram-se á mesa.

O mulato os servia.

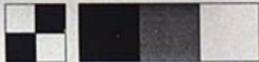
Cumpre-nos informar o leitor que Serapião da Silva não tivera o menor cuidado com a demora de Chico Raposa e dos cinco escravos. Este camarada já era *vagueano* destes lugares, e por consequencia a qualquer hora que chegasse seria recebido na fazenda.

O commendador Almeida, como sabe o leitor, tinha má fama, porém não se ideára que elle tratasse os hospedes por esta maneira tão singular, não consentindo que elles fossem ceiar na sala do interior occultando-lhes assim a sua esposa e filha.

Orando por este modo o titular tinha como desar apresentar á sua familia os dous traficantes de escravos, que julgava baixos para nivelar-se com a sua pessoa.

E pois os tratava por esse modo incivil.

Os dous socios comeram á satisfação.



Momentos depois era anunciada a chegada de Chico Raposa com os escravos.

Roberto fôra dar agasalho para essa gente.

Deixemos por algum tempo os dous traficantes, que já subiam aos seus aposentos, indicados pelo pagem, e vamos presenciar uma scena em lugar afastado da fazenda algumas braças, em uma senzala, na qual ardia um fogo que dava bastante claridade.

Com
recer
distan
velho,
tendo
lar, c
annos
nunci
Pas
O p
à port
dous p
O p
como
—N
lacio.
sando
prace



chegada de

nte.

traficantes,
cados pelo
em lugar
a uma sen-
a bastante

III

PAI JOÃO CONGO

Como submerso em profunda cogitação, sem parecer dar atenção a dous escravos, que a pequena distancia da senzala conversavam, um preto já velho, em ceroulas e camisa de algodão mineiro, tendo um pito na mão direita, de semblante regular, com a carapinha encanecida pelo peso dos annos, olhava para o fogo nesse silencio que denuncia meditação.

Passaram-se alguns momentos.

O preto velho fez um movimento, e olhando para a porta da senzala como que deu fé da conversa dos dous parceiros.

O pobre escravo sacudio a cabeça e murmurou, como tomado de um pesar concentrado:

— Negro está na senzala e senhorio lá no seu palacio... negro padecendo no coração, branco pensando ficar muito rico com o suôr de mim e de meus praceiros... branco dormindo na cama molle de



colhão, negro todo cansado deitado no chão na sua cama de esteira...

E o misero cativo deu profundo suspiro.

—Tudo negro pôde aguentar... mas bacalhão nas costas cortando a pelle e com salmoura em cima... oh! inferno do cativo! senhorio mão! muito mão! negro está velho, acabado... e pouco hade viver...

E esse escravo limpando com as costas da mão esquerda duas lagrimas, que verteram-lhe os olhos, accendendo o cachimbo, começou a fumar.

O leitor compassivo já terá advinhado existir n'alma desse escravo uma pagina negra no poema da dôr, e conseguintemente, terá desejo de conhece-la para bem ajuizar do coração de pedra do commendador Almeida.

Um mulato appareceu á porta da senzala.

Era Roberto.

—Boa noite, pai João?... disse em certo tom intimo.

—Entra, Roberto, respondeu o preto soltando uma granda fumaça da boca.

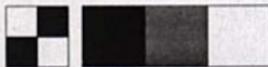
O mulato entrou na senzala, e chegando-se perto do fogo, poz-se de cocaras.

—Então pai João, já sabe que senhor vai comprar mais escravos?

—Quem te disse?

—Você não conhece aquelle senhor Silva que vende nossos pranceiros?

— Conhece.



— Pois elle está ahí na fazenda e trouxe cinco desgraçados para cahir no poder de nosso ruim senhor...

Pai João nada disse e ficou em silencio.

— Pobre gente! acrescenta Roberto, como lastimando o destino que iam ter esses escravos de Sorapião.

— Senhorio gosta de vêr sangue humano, murmurou o preto velho com toda gravidade; sangue humano hade metter medo para senhorio... Já matou minha mulher e meu filho, e eu estou aqui padecendo...

E pai João deu um suspiro; e pondo o cachimbo para um lado, ajuntou as mãos e como que proferio uma oração que só a alma sabia, elevando os olhos enternecidos para cima.

— Amanhã é dia de pagode na fazenda, pai João...

O escravo olhou para o parceiro.

— Senhor vai comprar os negros e elles vão conhecer o captiveiro...

E pai João, como que não podendo supportar uma raiva desesperada, praguejou:

— Maldito seja senhorio!

— Oh! não falla assim, pai João... alguém pôde ouvir e você irá depois para o supplicio da escada...

— Maldito seja senhorio! repetio o negro com intuição profunda. Escuta, Roberto... eu tenho odio a senhorio... se não o tenho matado é porque



Deus está lá em cima no céu e vê tudo... e, por tanto preto soffrerá captiveiro...

— Senhora tambem é muito má... judia muito das mucamas;— observou Roberto ateando um cigarro que tinha atraz da orelha.

— Senhora é companheira de senhorio com o coração tão ruim como elle...

— E sinhasinha, pai João?

— Oh! sinhasinha parece não ser filha de senhorio... Você sabe, Roberto... sinhasinha é uma menina de ouro... todos os domingos ella me dá uma pataca para fumo e rapaduras, e ás vezes tambem me dá algum pedaço de carne, tendo dó da minha velhice... Quando senhorio matou minha mulher, sinhasinha era bem pequena; se fosse grande senhorio attenderia o seu pedido e minha mulher não morreria. Todos me chamam pai João congo, feiticeiro... se eu fosse feiticeiro botaria feitiço no senhorio...

— E' só por causa de você, pai João, assobiar para as cobras no matto que o chamam de feiticeiro!

— Isso não é feitiçaria, Roberto... é segredo que não conto a ninguem... Um dia vi a sinhasinha lá no campo e um jararacussú estava já para dar-lhe o bote: eu assobiei e a cobra foi se enroscando pelo campo fóra... Quando algum preto aqui da fazenda me vem pedir algum remedio para qualquer doença, eu tenho muitas raizes e com ellas faço cura... Está aqui a minha feitiçaria...

— Feitiçaria é a irmandade de S. Miguel das al-



mas, pai João... observou o pagem do commendador com certo recejo.

— S. Miguel das almas, respondeu o escravo com riso de pouco caso, só serve para matar os nossos parceiros do captiveiro...

— Você ainda não viu esse pagode, pai João?

— Lá na fazenda daquelle senhorio, que se chama barão do Taquaral...

— Quando foi isso?

— Foi por uma festa de S. João, e já ha muito tempo. Eu sahi aqui da fazenda quasi pela meia noute, e andei depressa para chegar na fazenda do Taquaral antes do cantar do gallo...

— E o que viu nesse pagode, pai João?

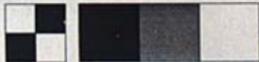
— Ora que vi, Roberto? bruxaria atôa...

— Contaram-me, pai João, que fazem o diabo a quatro... que sobem por uma parede como aranha; que dão um pulo do chão e agarram o caibro de uma casa alta; que um cipó vira-se n'uma cobra, e que o mestre da irmandade dando a beber a qualquer dos irmãos agua ou caxaça, bezendo-a faz apparecer uma molestia horrenda...

— Bruxaria atôa, Roberto... Já te disse que a irmandade de S. Miguel das almas é só para matar os captivos para não servirem o senhorio mão... Na fazenda do Taquaral têm morrido alguns escravos, e senhorio não sabe de nada...

—Esse senhor barão dizem que é ruim como senhor commendador Almeida. . .

—Um! um! fez pai João com mysterio.



—Se senhor commendador não comprar os escravos de senhor Silva, elle os vai vender ao senhor barão, que é tão rico como senhor commendador.

—Cahir nas unhas de senhorio, ou cahir nas unhas de senhorio Barão, tudo dá no mesmo... sangue hade correr...

Nesse instante Roberto ouvira uma voz que o chamava.

— Estão me chamando lá na casa, pai João... vou de pressa... quem sabe se senhor commendador me procurou?..

Um! um! murmurou o preto velho como se augurasse mal desse chamado.

E Roberto sahio ligeiro da senzala deixando pai João no mesmo lugar.

O escravo, depois de olhar para a porta e vêr que a noite era mui escura e chuvosa, fechou a porta.

Vamos agora apresentar ao leitor os padecimentos deste misero escravo na fazenda do commendador Almeida.

Este pobre negro havia sido comprado ainda moço no Rio de Janeiro por um agricultor de mediocre fortuna, que annos depois o vendera ao commendador.

Este, para mostrar a superioridade de senhor, fizera applicar uma bôa *tunda* no desgraçado pai João congo, victima innocente da maldade desse coração de pedra. Depois mandara escaldar as côstas do escravo com uma salmoura que pusera o infeliz em torturas horriveis.



Conhecera assim pai João o rigôr do captiveiro, e em sua alma uma ferida se abrira para nunca mais fechar-se. Um céu sombrançeiro e sinistro se patenteava no pensamento do negro não esperando vê-lo transformado em horizonte azul e sereno.

Então o escravo começara a gemer em silencio, derramando seu suor para a felicidade do tyrano, que não lhe poupava o sangue.

Qualquer pretexto ao barbaro fazendeiro servia para flagellar a seus escravos, com especialidade a alguns delles.

Pai João, em sua mocidade, era um negro de bonita figura: soubera conquistar o coração de uma linda mulata, prestimosa, regulando a sua idade, e que D. Joaquina do Nascimento estimava, não deixando todavia de a espancar quando alguma cousa não sahia-lhe ao paladar do desejo.

Apesar de ter pai João essa ferida no seio dalma, no entanto, apreciando a mulata ás occultas, seu destino parecia minorar o rigôr do captiveiro nessa muda contemplação.

O escravo era obediente, e curvava-se, cheio de paciencia, ao supplicio que se reproduzia quasi sempre entre a escravatura do commendador.

Depois de alguns annos de torturas para pai João congo, um dia, de melhor humor Almeida consentira que Isabel fosse sua esposa, pois tinha tido o empenho de D. Joaquina do Nascimento. O escravo casara-se com a mulata; mas isso não lhe fôra felicidade, porque no mesmo dia do consorcio a desditosa captiva havia sido martyrisada pelo



senhor por causa de não ter-lhe dado uma resposta em tempo.

A ferida que pai João soffria sangrou-se de novo.

Um dia não se escoava sem que o escravo experimentasse alguma nova decepção ou desgosto que minava sua alma.

Pai João tivera um filho. Era mais uma victima para o augmento de seus infortunios.

O martyrio dessa desgraçada familia da escravidão não tinha paradeiro.

O algoz era soberano absoluto pelo dinheiro que o fazia incolume ás perseguições da lei e as victimas não tinham poder sobre elle pela triste condição de seu destino.

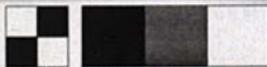
E apesar de tudo isso, pai João não se queixava de sua desditosa sorte. Era porém sempre melancolico sem esperança no mundo, e nas horas silenciosas do seu viver não tinha o sorriso da bonança para sua alma apprehensiva de tormentas horriveis.

A alma de pai João era grande. Em seu coração abrigava os melhores sentimentos. O supplicio do parceiro espedaçava-lhe as entranhas.

Mil pensamentos sinistros o acommettiam de tropel, mas conhecendo sua impotencia perante o algoz succumbia máo grado seu.

E no emtanto o fraco não se premunia de forças para atacar o forte!

E assim corria o tempo nas agonias do infortunio para o misero escravo, para sua mulher e filho.



Um dia o céu sinistro de sua vida negrejára-se de todo. A tempestade rugia ameaçadora e pai João como que antevio o final de suas desgraças, julgando-se perdido para o mundo, o sonho da existencia lhe havia sido assaltado de imagens de sangue.

Almeida apaixonara-se pela mulata Isabel. Era uma extravagancia daquella escaldada imaginação. A escrava não fizera o menor caso de carinhos falsos ou reaes. O senhor, procurando obrigar-a a ceder ás suas libidinosas solicitações, achára a maior resistencia. A mulata tinha coração para sentir o bem e o mal, e aborrecendo o seu soberano absoluto, só lembrára-se do martyrio de pai João e de seu filho, aos quaes amava com dedicação de esposa fiel e mãe desvelada.

A desgraçada familia do escravo, só por esse motivo, era digna de viver sob um tecto dourado, tendo a estima de todos pela boa qualidade de sua alma.

O senhor, potente, titular, millionario e tudo emfim em nossa ambiciosa sociedade, longe estava de nivelar-se com o escravo, que lhe era superior, embora sua condição humilissima o reduzisse na senzala a zero, ou cousa, como costumam dizer os barbaros proprietarios ruraes.

O calix da amargura para pai João foi pois esgotado até ás fezes. No maior rigor da sorte o infeliz vio sua esposa succumbir ás torturas de uma carnificina horrivel!

Não podendo o potentado fazendeiro obter o que



seu malvado espirito desejava, a mulata Isabel fora sentenciada a um soffrimento repugnante!

As carnes delicadas da mulher do escravo foram mutiladas pelo azorrague, que o commendador com punhos de ferro applicava, sedento de ver correr o sangue da victima, esposa virtuosa, cuja palma do martyrio lhe era guardada na outra vida.

Este horroroso castigo se reproduzira por tres dias. Pai João desfallecia pela dôr intensa que lhe cortava a alma.

Com evangelica resignação o escravo vio todo esse drama sangrento sem que amaldiçoasse a barbaridade do homem, que olvidando os preceitos divinos, commettia tão grande attentado.

O negro dirigia seu pensamento para Deus, e de seus olhos corriam duas lagrimas vertidas do intimo do coração, que iam, como uma supplica muda porém de pungente eloquencia, ao seio do creador.

Isabel não pudera resistir ao martyrio, succumbira. O peito opresso do escravo tomara-se de luto. Nem uma palavra proferira ao ver sahir o cadaver da esposa para a inhumação.

A penna não nos presta côres para pintarmos as agonias de pai João ao separar-se do corpo da mulher!

Tivera sinceros desejos de acompanhar a consorte enterrando-se com ella na mesma sepultura, terminando assim o padecimento de seu calvario.

Mas o escravo amoroso e sensivel, pensava em seu filho, fructo dessa amizade simples, pura e sin-



cer a que votava a Isabel, e assim superou a sua dor querendo viver para o filho.

Porém a desgraça tinha-o marcado com o sello negro do destino. O filho de pai João tivera a mesma sorte da mulata Isabel. Foi então que o escravo maldisse a seu senhor creando-lhe um odio concentrado, mas sem todavia ter idéa de um attentado na pessoa do verdugo fazendeiro.

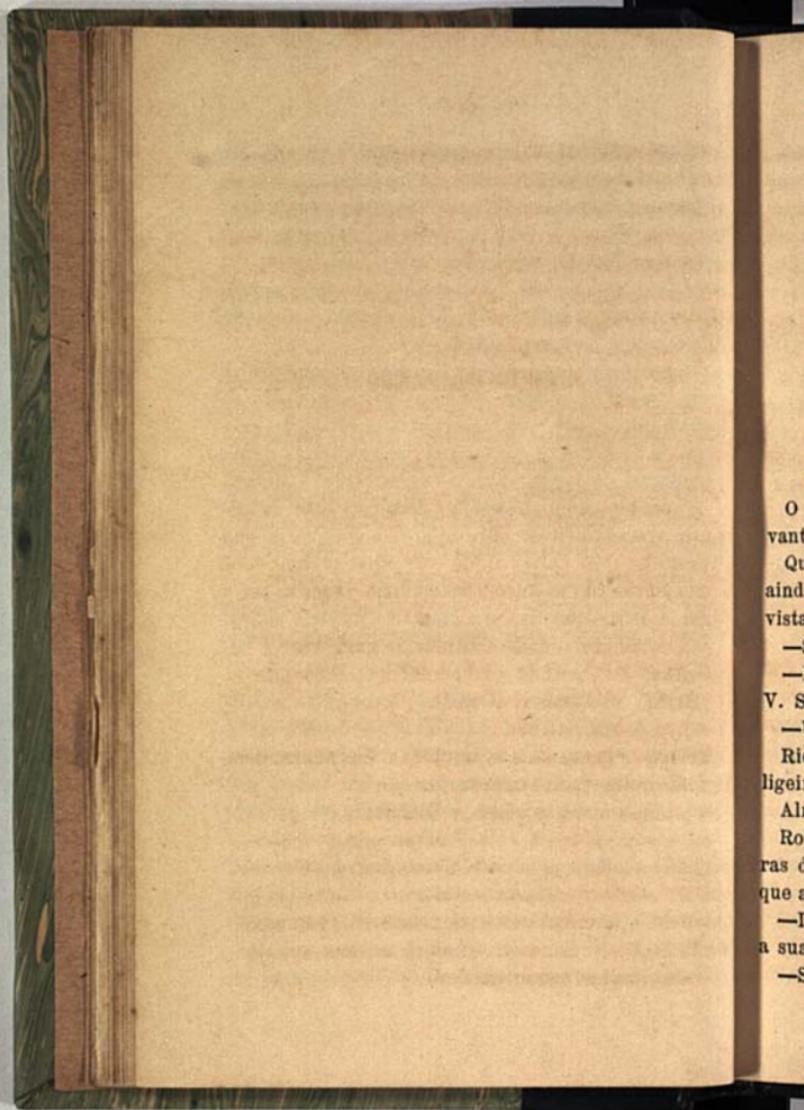
Carlina, que fôra crescendo, era o anjo que vinha sorrir para o infeliz captivo, mitigando-lhe o soffrimento. A menina tinha certa predilecção pelo escravo. A dôr que lho ralava as entranhas e que se reflectia no seu semblante entristecido affectava a innocente alma do anjo, a quem pai João informára singela e rudemente do poema sinistro de sua vida.

E esse seraphim formoso algumas vezes ia ter á senzala de pai João para o distrahir de seus males, e aos domingos, dava-lhe dinheiro para fumo e rapaduras.

Carlina reprovava no intimo do coração o procedimento máo de seu pai, mas só pai João o sabia. Ella não se atrevia a fallar á sua mai por tambem conhecer-lhe os mesmos sentimentos do pai.

Voltemos agora aos nossos traficantes.





O
vant
Qu
aind
vista
—
—
V. S
—
Rie
ligein
Al
Ro
ras d
que a
—
a sua
—



IV

NEGOCIO E CAPRICO

O commendador Almeida tinha o costume de levantar-se ao abrir do dia.

Quando veio para o salão vêr se seus hospedes ainda dormiam, os encontrou á uma janella, cuja vista aprazível os detinha.

—Senhor Silva, disse o titular seccamente.

—Bons dias, senhor commendador. . . como passou V. S. de suas hemorrhoidas ?

—Um pouco melhor.

Ricardo apenas cumprimentára o fazendeiro com ligeira inclinação de cabeça.

Almeida como que não deu fé disso.

Roberto appareceu no salão trazendo duas chieiras de porcelana com café, n'uma salva de prata, que apresentou aos dous socios.

—Depois de tomar o café, senhor Silva, vamos vêr a sua *diccharia*. Se me fizer conta faremos negocio.

—Sim, senhor commendador.



Junto a um dos engenhos da fazenda havia nma casa fechada, que servia para despejo. N'um dos seus repartimentos Chico Raposa fôra descançar com os cinco escravos.

Serapião da Silva, acompanhado do commendador, para ahi se dirigira.

Chico Raposa vendo o fazendeiro tirou o chapéo, e pondo-o em baixo do braço, disse :

—Bom dia, patrão commendador?

—Adeus, camarada. Ande, tire cá para fôra esses bichos. . .

Chico Raposa obedeceu a ordem.

Os escravos á venda foram parar no terreiro.

Ahi o commendador foi examinando um por um.

Chegando-se ao primeiro, mirou-o. Depois abrindo-lhe bem os olhos com o pollegar e o indicador da mão direita, murmurou :

—Aqui ha sangue... bem... não soffre do figado...

E calcando depois a mão sobre o mesmo figado, acrescentou :

—Dóe-te, negro?

—Não, sinhô, minha sinhô, respondeu o infeliz receioso do barbaro fazendeiro.

—Como te chamas?

—João, minha sinhô.

—Não sentes alguma dôr?

—Não, minha sinhô.

—*Guzo sahe!* disse Almeida dando um bofetão no escravo com força de Hercules.

O preto sahio cambeteando para um lado.



—Que tal, senhor commendador? perguntou Silva com desejos de effectuar o negocio.

—Não é *fazenda* boa, porém ficará.

—E' um bom escravo de serviço, senhor commendador, respondeu o traficante rindo-se.

O exame passou ao segundo escravo.

Começou pelos olhos, terminando com o *guso* *sahe* acompanhado do bofetão.

O escravo nem se quer pestanejou. Resistio ao bofetão.

—Este me agrada, senhor Silva.

Dos cinco escravos trazidos por Serapião e Ricardo só serviram tres para o commendador.

Depois o traficante disse:

—Vossa senhoria está ao facto dos preços da *fazenda*, e por conseguinte dará o valôr que melhor lhe parecer. . .

—Não dou mais de 3:800\$000 rs. pelos tres; se lhe serve venha receber o dinheiro para passarmos a escriptura, para a qual ainda é preciso mandar chamar o tabellião à cidade.

Silva pensou um momento.

—Está feito, senhor commendador, disse; valiam mais dinheiro, porém como V. S. é freguez, fiquem elles por essa quantia.

Uma pequena digressão ao leitor.

Ricardo não acompanhára a Serapião para o negocio dos escravos, e deixára-se ficar no salão, contemplando a gosto a bonita e pitoresca vista que tinha diante dos olhos.



Mas de repente, distrahindo-os, vio a linda filha do commendador, que entrava no salão com surpresa do joven, que admirou logo tanta formosura.

Elle cheio de respeito cumprimentou polidamente a menina.

Carlina correspondeu ao cumprimento com certo acanhamento proprio das meninas da roça, que não estão affeitas aos costumes da alta sociedade.

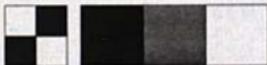
Carlina teria quando muito quatorze annos. Esbelta, gentil, graciosa, com a cutis delicada, branca e transparente, semblante bello, encantador, com veiasinhas imperceptivelmente azuladas nas fontes, labios de coral, olhos pretos, grandes e avelludados, e uns cabellos ondeantes, bastos e tão negros como o ebano.

N'essa boca de coral aninhando-se o mais doce dos sorrisos parecia a menina patentear toda a magia da poesia do creador na feitura da primeira mulher, ao sorrir para o seu companheiro, nas delicias do paraizo terreal, visando o mais puro e santo amor do coração.

Já dissemos que Carlina è um anjo do céu e do contraste de seus pais.

O leitor já aquilatou aquella alma compassiva e generosa no tratamento por ella dado a pai João congo.

E pois a menina vindo ao salão, aonde se achava Ricardo, tivera um fim: reparar a maneira grosseira e incivil de seu pai na recepção que dá a seus hospedes. Para isto encontrára essa occasião favoravel em que o commendador fazia o negocio



dos escravos com Serapião da Silva, podendo assim dizer algumas palavras a Ricardo, sem receio de surpresa.

—Perdôe-me, senhor, disse ella com voz suave, porém agitada, vir-lhe pedir uma desculpa...

—Desculpa, minha senhora? respondeu Ricardo com certa perturbação do espirito pela imagem linda, que contemplava admirado.

—Sim, senhor... meu pai o tratou mal... mas é isso proprio do seu character sêcco, principalmente em certos dias, que é intoleravel, por achaques velhos que soffre...

—Oh! minha senhora! murmurou o joven com urbanidade e deixando vêr um sorriso nos labios; fui bem tratado, e por conseguinte sou o que devo pedir-lhe essa desculpa.

—O senhor?

—Sim, minha senhora, porque vim dar incommodo ao Sr. commendador, que em realidade queixara-se de hemorrhoidas...

—Isso é delicadeza sua, senhor... Bem sei que foi incivilmente tratado. Mas quando voltar cá, para outra vez, prometto-lhé que não hade ser assim. . .

— Ora minha senhora, basta o tratamento que V. Ex. me está dando agora para me satisfazer todos os desejos do coração nesta viagem. . .

Estas palavras foram proferidas com significativa expressão; e não obstante ser Carlina roceira e não ter a polidez da donzella educada, todavia



compreendeu com admiravel perspicacia a intuição do joven, por isso que observou, abaixando os lindos olhos com vexame :

—Muito estimo. . . é signal que está reparada a falta committida por meu pai. . . Agora terá a bondade de dizer-me : retiram-se hoje ?

—Não sei, minha senhora. Meu socio Silva é quem dispõe a viagem.

—Porque não ficam aqui até amanhã ?

—Talvez, minha senhora. Se o senhor commendador comprar algum escravo, necessariamente tem de vir o tabellião passar a escriptura.

—O senhor é filho da côrte ?

—Sim, minha senhora.

—Tem pai e mãe vivos ?

Ricardo deu um suspiro e disse :

—São mortos, minha senhora...

—Então deve ter soffrido muito ?

—Uma agonia profunda me entristece os seios d'alma.

—Ah ! E não tem esperança ?

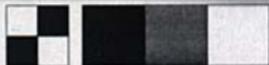
—Esperança. . . mal da humanidade se ella abandonasse ! E' a filha predilecta do céu que nos acalenta nas horas da provança. . . que sorri para o moribundo no leito da dôr, promettendo-lhe outra vida cheia de felicidades nos encantos do paraizo.

—E' pobre ?

—Infelizmente, minha senhora...

—Ha quanto tempo negocea em escravos ?

—Ha quasi anno e meio.



—Tem bom lucro ?

—Pouco, minha senhora.

—E gosta de traficar em carne humana?...

—Ah ! minha senhora ! contrafaço o meu genio... sou amigo da liberdade, e retalha-me a alma o martyrio da escravidão...

—E porque não abandona então este modo de vida ?

—Porque a necessidade a isso me obriga...

—Pois bem, como o senhor soffre no coração uma agonia, sympathico por tanto com a sua pessoa, porque todos quanto padecem me commovem a alma de um modo que não me é dado explicar-lhe.

Nesse momento a voz do commendador se ouviu na escada.

—Ahi vem meu pai ; vou [deixa-lo... talvez ainda nos encontraremos. Perdôe a minha curiosidade.

E Carlina desapareceu do salão ligeiramente.

Ricardo, para não despertar desconanças no titular, tirou uns papeis do bolso do paletot, e como que prendeu sua attenção no conteúdo dos mesmos.

O commendador e Silva entraram.

—Então senhor moço, você não quiz presenciar o negocio ? como é isso pois ? não é socio do senhor Silva ?

E o fazendeiro olhou altaneiro para o mancebo.

—Senhor commendador, disse Ricardo com polidez, o negocio que fizer o meu socio darei por bem feito, e por conseguinte era desnecessaria a minha presença no lugar aonde se acham os escravos. E



de mais tinha de examinar certos papéis de família, e a ocasião era favorável para isso ficando qui só...

—Ah! Tem família?

—Sim, senhor commendador.

—Na côrte?

—E' verdade, porém meus pais são mortos. . .

—Ah!

E o fazendeiro voltando-se para Serapião murmurou :

—Se este moço quizesse ficar aqui na fazenda, o faria meu secretario, mas com a condição de dar-me conta de todas as faltas dos meus bichos escravos. . . Hontem achei-o exquisito e pareceu-me um certo *quidão petit mattre*, que por esta *redondeza* conheço...

—Porém, V. S. já o tinha visto aqui mesmo na fazenda, ha alguns mezes... disse Serapião sorrindo.

—Tenho uma memoria muito incerta. . . as cousas que se passam ficam-me no esquecimento.

—Mas, admira-me de querer V. S. ficar-se com meu socio para seu secretario?

—E porque admira-se?

—Porque V. S...

—Foi um pesamento que tive e desejo realizar por um capricho, interrompeu o titular com gravidade.

—Por um capricho, senhor commendador?

—Eu o explico. O meu amigo barão do Taquaral, que não escreve menos mal, ostentando sua aristocracia, paga a um secretario para a sua correspondencia politica e commercial. Eu, que em verdade me acho em melhor posição, posso pagar tambem a um

secretar
nunca o
assim. .

— Qu
rapião e

—E' m
dador, e

Ricare
como q

sortisse

Carlinda

mudar o

de rosas

do com

de todos

tivesse p

que lhe

voz de

d'alma,

Essa
grande,
deixava
siado de
compreh

Só por
mendade

esse hon

que lhe

zar a m
formado

E com



secretario para toda minha correspondencia. . . nunca o desejei, porém agora tive esse capricho, e assim. . .

— Quer V. S. tomar-me o socio, apressou-se Serapião em responder.

— E' no caso que elle queira, observou o commendador, olhando para o joven.

Ricardo que ouviu em silencio todo esse dialogo, como que acertava na mente algum plano que lhe sortisse effeito no futuro, pensando na formosa Carlinda, que bem como o anjo da poesia, vinha-lhe mudar o sombrio céu negro da fazenda em horizonte de rosas, porque o mancebo já conhecia o caracter do commendador Almeida, e assim seria capaz de todosos sacrificios uma vez que a bella menina estivesse perto de si, por quem já sentia uma paixão que lhe nascêra no fundo do coração, ao qual a voz de Carlina fallara naquelle tom mellifluo d'alma,—que lhe suavisára os males que soffria.—

Essa pagina bella, eloquente, humanitaria e grande, que o livro do coração de uma donzella deixava patente, e que Ricardo leu, mudo, extasiado de admiração, o pusera em estado de não comprehender bem o alcance de sua magnitude.

Só por esse facto já o mancebo olhava para o commendador com modos bem diferentes, vendo que esse homem de sangue era o pai do anjo de bondade que lhe tinha aberto os seios d'alma para neutralizar a má disposição que o espirito de Ricardo havia formado do titular.

E com estas idéas o joven observou ao fazendeiro :



—Uma vez que V. S. deseja-me para seu secretario, estou prompto a aceitar a proposição. Porém, primeiro que tudo, é conveniente que o senhor commendador mande syndicar do meu comportamento na cidade d'... O lugar que me offerece é importante; assim só o aceitarei com esta condição.

— Não tenho que ouvir a ninguem sobre o seu comportamento. Tive cá a minha idéa e quero realiza-la. . .

— Mas, senhor commendador...

— Ora, deixemos...

— Lá pelo comportamento do senhor Ricardo, objecto Serapião, eu me responsabilizo por elle...

—Dispensio, senhor Silva. Estou resolvido. Paguei 2:400\$000 rs. por anno por todo o trabalho de minha correspondencia. Serve-lhe, senhor Ricardo?

—Aceito a proposta, senhor commendador. Porém, V. S. hade dar-me uns dias afim de arranjar certos negocios, e mesmo tenho que fazer contas com o socio. . .

— Quantos dias ?

— Oito dias serão sufficientes.

— Concedo-lhe. O nosso trato pois está feito.

E o commendador depois voltando-se para Serapião ajuntou :

— Agora vou mandar chamar o tabellião para passar a nossa escriptura. E na occasião lhe contarei o dinheiro.

— Oh! senhor commendador! V. S. é mui pontual em seus negocios.

E o tit
casa.

— E e
deiro de
homem,
execução

— O q
assim. . .

barão do

tar um s

depara e

vou dar,

filha já

mesmo p

que será

do-se cor

O mar

pião que

lhe o car

dubias s

dera. Ma

exito que

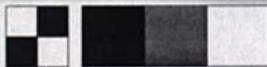
— Ten

tamento

Pautarei

homem E

— Poi



E o titular retirou-se do salão para o interior da casa.

— E esta? murmurou Ricardo logo que o fazendeiro desapareceu. Que lhe parece, Sr. Silva, este homem, repentinamente ter uma idéa e pô-la em execução satisfazendo o seu capricho?

— O que quer, senhor Ricardo? Esta gente é assim. . . O dinheiro faz cócegas. Entendeu que o barão do Taquaral não lhe é superior para sustentar um secretario. Pois bem, já que o destino lhe depara este bom emprego, tome um conselho que vou dar, senhor Ricardo. O commendador tem uma filha já moça; faça por ser bom cavalheiro, faça mesmo por adivinhar o pensamento do fazendeiro, que será provavel ter um excellente futuro casando-se com a menina.

O mancebo tivera a idéa de patentear a Sera-pião que essa menina lhe abriera brecha mostrando-lhe o caminho dourado da fortuna, embora fossem dúbias suas palavras, todavia elle as comprehendera. Mas julgou que seria melhor calar-se para o exito que desejava; e por tanto só respondeu:

— Tenho fé no destino, senhor Silva. O comportamento que até aqui tenho tido não será mudado. Pautarei os actos de minha vida pela norma do homem honrado. . .

— Pois faça isso e não arrepender-se-ha.



As h
Na b
dor alm
Almei
A famili
com ess
D. Jo
mente á
um doce
cebo cor
O alm
feição, A
haver c
idéa que
justifica
havia a
belto e g



CONHECER O CAPTIVEIRO

As horas passavam.

Na bonita sala do interior da casa o commenda-
dor almoçava em companhia de seus hospedes.

Almeida reparava agora a sua falta apresentando
a familia Serapião e Ricardo, não obstante os tratar
com esse ar soberano, que nem um instante deixava.

D. Joaquina do Nascimento correspondeu altiva-
mente á saudação dos hoppedes, e Carlina mostrou
um doce sorriso que fôra comprehendido pelo man-
debo como se elles se vissem pela primeira vez.

O almoço era excellente; e durante a gostosa re-
feição, Almeida tinha feito sciencia a sua esposa de
haver contratado a Ricardo para seu secretario,
idéa que D. Joaquina approvára, porque viria isso
justificar a sua aristocracia. E de mais, ella se
havia agradado da figura do joven achando-o es-
belto e gentil.



N'essa occasião o que quer que fosse fizera estremecer o coração de Carlina. Porém isso fôra tão rapido que ninguem a excepção de Ricardo, notára.

Uma lembrança augurada pela felicidade atravessára a mente do mancebo e seu sympathico semblante expandio-se ao contemplar um momento o formoso rosto do anjo.

Aproveitamos esses instantes de entretenimento da familia com os hospedes para pormos o leitor ao facto do character de Carlina, menina espirituosa, viva, inquieta, porém possuindo, como já dissemos, coração de ouro, compassivo, grande e generoso.

A menina soubera, pelo mulato Roberto, que tinham chegado á fazenda os hospedes, ahi já conhecidos, mas Carlina não tendo visto a Ricardo por achar-se então enferma, o pagem lhe fizera comprehender ser elle um moço bem sympathico e de modos bons, e, assim, que sinházinha o havia de apreciar.

O escravo informára ainda do tratamento que dá seu senhor aos hospedes, tratamento indigno de uma pessoa alta como o commendador. A menina curiosa do que ouvira, vendo seu pai acompanhado de Serapião dirigir-se para a lugar onde se achavam os escravos á venda, aproveitou o ensejo, e, com o pretexto de uma reparação, foi apressada ao salão, sem nada communicar a sua mãe D. Joaquina, e ahi tivera o dialogo com Ricardo pelo modo que o leitor já conhece.

Carlina quasi que era senhora de seus caprichos



por isso que o commendador Almeida não a contrariava; e ás vezes, apesar de não dar elle abrigo ao terno sentimento filial, a doçura, delicias do consorcio, apreciava as leviandades da menina, suas travessuras e folguedos da juventude.

Sua mãe procedia tambem da mesma fórma deixando a filha em completa liberdade.

Esta menina, em idade de dez annos, fôra enviada a um collegio de uma cidade vizinha; para isso o commendador pedira á directora tivesse com ella todo zêlo afim de que aproveitasse o ensino, havendo-lhe marcado o praso de dous annos com interrupção das ferias do Natal, que Carlina passaria na fazenda.

A menina aproveitára o ensino, e dentro do tempo marcado fôra a admiração da professora, sua mestra. Não obstante as travessuras de Carlina e de trazer as outras meninas n'uma roda viva era estimada no collegio.

Fôra pois com pesar que a professora vira Carlina deixar o estabelecimento para retirar-se á sua fazenda.

Só uma cousa contrariava a alma sensivel da menina: o supplicio que seu pai dava aos escravos, e maxime a pai João congo, porquem sentia verdadeiro interesse pelas amarguras do seu viver de captivo, augmentando-lhe ainda as saudades crueis, que lhe faziam gravar no intimo do coração as imagens de sua mulher e filho.

Uma ou outra vez se minoravam os castigos bar-



baros que o commendador mandava applicar aos escravos; porém isso era em occasião que o desapiadado fazendeiro achava-se de humor menos máo.

Pai João só tinha algum allivio quando ouvia a sua sinhásinha. As palavras de Carlina eram o balsamo sagrado que lhe cahiam nas feridas sangrentas da alma.

A menina avistando a Ricardo tivera por elle a maior sympathia, havendo-lhe tocado n'alma a palavra—padecimento—que o joven expressára com profunda agonia.

Isso era bastante para ella dar-lhe a sua estima.

A travessa Carlina não sabia o que era amor, e portanto essa sympathia que sentira pelo mancebo era toda natural e propria de sua alma de anjo—sentindo o mal alheio como uma ferida no coração.

Nobre e alto sentimento que só aninha-se no peito da creatura a quem Deus destinou para amparo do desgraçado mitigando-lhe as penurias da vida!

Agora que o leitor bem conhece o commendador e sua familia, conhecendo igualmente a Serapião e o secretario do fazendeiro, voltamos ao romance.

A's 11 horas chegava o tabellião á fazenda do commendador.

Era um empregado já velho, escrevendo vagorosamente, e por isso quasi que levára uma hora a passar a simples escriptura de tres escravos.

Faltando uma testemunha, o commendador mandára chamar a um vizinho em distancia de uma legua, prolongando-se assim o tempo.



O tabellião fôra bem pago pelas horas que esperára a testemunha; tivera a gratificação de 50\$000.

O fazendeiro fizera isso por ostentação. Recebido o dinheiro, Serapião da Silva assentára de ir n'esse mesmo dia á fazenda do Taquaral, visto que distando apenas tres leguas, e estando o tempo bom o aproveitaria, tendo em mente a maxima—que aquillo que se pôde fazer hoje não se deve deixar para amanhã. Assim despedira-se do titular.

Ricardo prometendo voltar á fazenda dentro dos oito dias despedira-se tambem do homem que já considerava por amo.

Elles sahiram, conduzindo Chico Rapoza os dous escravos restantes.

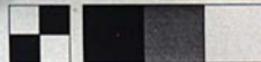
Tempo depois havia alvoroço na fazenda. Dir-se-ia serem os aprestos para algum espectáculo, por isso que todos os escravos eram chamados por ordem do senhorio, a circumdarem o grande terreiro para esperarem o que iam ver.

Almeida não tinha feitor para seus escravos, mas este serviço era encarregado a um preto reforçado, de nação monjollo, que era o principal executor das ordens sanguinarias de seu senhor.

A maior parte da escravatura do fazendeiro votava raiva ao feitor, que tambem de quando em vez era suppliciado pelo proprio commendador.

Os escravos comprados ha poucas horas a Serapião da Silva, e que ainda se achavam na casa do despejo, foram chamados á fórma.

Fizeram um quadrado juntando-se todos os captivos de Almeida em numero de cento e cincoenta.



Os tres recém-comprados não entravam nesse numero, e iam conhecer o rigôr do captiveiro.

O instrumento do martyrio estava na mão do negro feitor.

Chamou elle o primeiro dos tres.

Chegou o escravo com o semblante assustado, tremulo e juntando as mãos em geito de supplica.

— Tira essa tanga! disse o feitor em tom raivoso.

A victima, tremendo como varas verdes, deixou as cóstas nuas.

Começou a execução.

Tempo depois o sangue corria.

Os gemidos do desgraçado escravo iam ecoar ao longe como uma queixa de maldição contra o verdugo commendador.

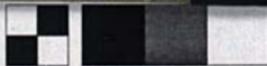
Era requinte da malvadeza humana o martyrisar-se um innocente que não havia commettido o menor delicto, e só pelo pretexto do reconhecimento do captiveiro fazia-se todo esse barbaro apparatus, imitando os supplicios que os barbaros romanos davam ás victimas do captiveiro, regozijando-se em contemplar no amphitheatro a dôr com o maior interesse, o espedaçamento de membros sangrentos que deviam inspirar horror!

Como o barbaro romano pois o commendador Almeida (de uma das janellas do seu palacete) mirava o repugnante quadro de sangue, como se elle lhe deleitasse a vista, não experimentando no coração de pedra o menor enternecimento,

sendo-lhe
escravo

Isto
coração
tristeza
biciosa
mas, as
ras. Nes
guns po
excepçõe
doloroso
manchad
terra nã
crime pe
prietari
perio da
de ouro,
consequi
raça.

Porém
Tempo v
de Santa
America
da esca
o povo ci
A tend
berdade.
gelho do
não virá
sim um r
para o tr

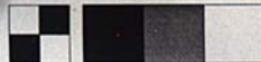


sendo-lhe indifferentes os pungentes gemidos do escravo!

Isto que descrevemos, benevolo leitor, com o coração fechado de pezar, com a alma tomada de tristeza por vermos uma sociedade corrupta, ambiciosa e deshumana, parecerá uma hyperbole, mas, asseveramos no emtanto serem verdades puras. Nessas scenas horribéis commettidas por alguns potentados fazendeiros (salvando-se honrosas excepções), que nas propriedades ruraes o poema doloroso da escravidão offerece paginas sinistras, manchadas pelo sangue do innocente, a justiça da terra não vai exercer a sua acção profligando o crime pelo respeito votado a essês barbaros proprietarios de escravatura, que zombando do imperio da lei, entrincheirados em fortes ou castellos de ouro, são ahi incolumes e inviolaveis, e por consequente soberanos despotas da desgraçada raça.

Porém o reinado dos impios hade acabar-se. Tempo virá (e não está remoto) em que o imperio de Santa Cruz, esta nossa vastissima região da America do Sul, hade ser um paiz livre. O echo da escravidão soará então como anathema entre o povo civilizado.

A tendencia de quasi todo brasileiro é pela liberdade. A liberdade portanto hade vir. O evangelho do Homem Deus cumprir-se-ha. O escravo não virá a ser a exploração do traficante, mas sim um membro para a sociedade, um homem util para o trabalho, que ennobrece e faz prosperar.



Mas suspendamos nossas reflexões para não massarmos o leitor, e continuemos a narração.

Depois que o espectáculo sangrento terminou-se, soffrendo o escravo cento e cinquenta açoutes, na crueldade do castigo prolongou-se-lhe a agonia applicando-se sobre as feridas gotejantes do desgraçado a bem conhecida—salmoura—para assim evitar-se qualquer mal que sobreviesse nas carnes mutiladas e retalhadas pelo azorrague.

Feito este barbaro curativo o feitor deixou o martyr, que cahio exanime para um lado, com gemidos do intimo d'alma, que não acharam echo no senhorio, que continuava no seu posto de espectador !

Desnecessario é repetirmos ao leitor compassivo o mesmo supplicio ao segundo e terceiro escravo.

Elles tiveram igual sorte á do primeiro.

Entre todos os pretos que presenciaram essa scena horrivel do—*reconhecimento do captiveiro*—duas pessoas de coração sensível haviam sido testemunhas tristes do espectáculo: pai João congo, que fazia parte do quadrado e Carlina, que em uma das janellas da casa, e distante do pai, derramava lagrimas pelo padecimento dos desditosos escravos, não podendo implorar por elles, porque seu deshumano pai não a attenderia.

Ella não pudera vér o castigo do primeiro escravo até o fim e retirara-se da janella com a alma tomada de melancolia.

Pai João, como acostumado a semelhante scenas, deixava vagar em sua idéa, apprehensiva de horro-



res, mil pensamentos diversos; ora tinha desejo de acometero máu senhorio e suffoca-lo; ora lembrava-se de sacudir o jugo de seu captiveiro; ora idea-va urdir na fazenda uma revolução secreta com o fim de exterminar os senhorios; porém o negro era crente de Deus, e assim Deus o fazia esmorecer no pensamento.

— Deus quer, assim seja, murmurava consigo. Coração do escravo um dia não hade soffrer. . .

Passaram-se as horas, chegando a noite pai João achava-se na sua senzala, como de costume' perto do seu fogo.

Roberto apparecera ahi.

— Então, pai João, como vai?

— Como vai? Negro padecendo seu captiveiro.

— Vim só para contar a você uma novidade...

— Novidade de *bacalhau* nas côstas de nossos parceiros, rapaz?

— Não, pai João?

— Conta lá isso.

— Senhor commendador ajustou um secretario para escrever todos os seus papeis e cartas...

— E o que tem negro com isso, Roberto?

— Oh! você não sabe que esse moço que foi justado nos vem favorecer aqui na fazenda?

— Como é isso então?

— Escute, pai João. Sinhásinha me fallou hoje que senhor Ricardo não gosta do castigo dos escravos, e que a todo o senhor barbaro elle aborrece...

O preto velho olhou para Roberto e disse, como duvidando:



— Se senhorio é barbaro, como é que vem senhor Ricardo se ajustar com elle ?

— Pois ahí mesmo é que está a historia, pai João. Sinhásinha junto com elle...

— Sinhásinha com elle? Pois sinhásinha vai casar Roberto ?

— Que duvida, pai João!

— O senhor Ricardo já pediu sinhásinha a senhorio?

— Não, mas ella ficou gostando delle. Pensa que o seu coração é tão bom como o della.

— Isso preto entende. Porém, senhorio não hade querer casamento... senhorio quer muito dinheiro. senhor Ricardo de certo é pobre...

—E', pai João, e não tem pai nem mãe. Elle contou isso a sinhásinha. Disse tambem que vive triste, e...

— Ah! então branco tem algum sentimento... murmurou o preto como em reflexão.

— Você, pai João, quando esse senhor Ricardo vier peço-lhe uma cousa...

— O que é, rapaz, que queres do negro velho ?

—Desejo que voce trate bem delle.

— Se senhor Ricardo vier junto com sinhásinha

— Então desde já estou servido, disse Roberto ateando o seu cigarro, que tinha atraz da orelha.

Pai João accendera o seu cachimbo e começou a fumar.

Distrahia-se o pobre escravo em ver a fumaça que ia em espiral dissolvendo-se no ar.

Dest'arte ficou silencioso como se parafusasse em alguma cousa.

— Rob
mudo.

Por fim

— Pret

— O q

— Escu

cardo ver

ou mais

— Sinh

tu muito

— Se s

lhe pedir

— Fall

— Quer

rã o pedi

será mai

sua mulh

grande, s

— E' so

— Pois

o escravo

felicidade

— Tem

ao fogo.

— E q

— Elle

— Poré

— Qual

— Se si

duvida.

OS HOM



— Roberto o mirava, igualmente conservando-se mudo.

Por fim pai João fallou assim :

— Preto velho teve uma esperança de repente...

— O que é, pai João ?

— Escuta, rapaz. Se com effeito esse senhor Ricardo vem morar na fazenda, casamento mais tarde ou mais cedo se fará, se sinhásinha quizer isso...

— Sinhásinha... murmurou Roberto rindo-se, gostou muito do moço, e assim o negocio está na unha...

— Se sinhásinha casar com senhor Ricardo, eu lhe pedirei uma cousa...

— Falle, pai João...

— Quero ser seu escravo... senhorio não recusará o pedido de sinhásinha; e assim preto velho não será mais castigado e morrerá tranquillo, indo vêr sua mulher e seu filho no céu, aonde está Deus grande, senhor de branco e de preto...

— E' só isso a sua historia, pai João ?

— Pois o que queres mais, Roberto? Uma vez que o escravo fica livre do *bacalhau*... tu queres maior felicidade ?

— Tem razão, disse Roberto, ajuntando os tições ao fogo.

— E quando vem o senhor Ricardo ?

— Elle deu oito dias ao senhor commendador.

— Porém o senhor Ricardo póde arrepende-se...

— Qual, pai João, e sinhásinha então ?

— Se sinhásinha quizer... murmurou o preto em duvida.



— Já lhe disse, pai João, que sinhásinha ficou gostando do moço, e não digo mais nada.

E fallando assim Roberto levantou-se e ajuntou :

— Adeus, pai João, até amanhã.

— Escuta, rapaz...

— O que ?

— Esse senhor Silva e senhor Ricardo foram para a fazenda de senhorio barão ?

— Foram.

— Vender nossos dous parceiros ?

— Pois o que mais, pai João ?

O escravo deu um suspiro e disse.

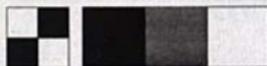
— Pobre gente !

E pai João ficou só na senzala.

A alg
liza o m
eira, ser
aguas o
margens
frondosa
ciosas a

Uma c
pelo ren
como de
se avist
sapê, c
ras.

O rem
occultav
vêr sua
que lhe
que fazi



VI

A CASINHA DE SAPÉ

A algumas leguas distantes da cidade d' se desliza o magestoso Parahyba por um leito sem cachoeira, serêno—como um lago, espelhando-se em suas aguas o azul da immensidade, e nas pitorescas margens reflectindo-se as sombras das arvores frondosas, que desgalhavam como curvando-se graciosas a esse espelho limpido do rio.

Uma canôa singrando cortava a corrente, movida pelo remador, com direcção á margem esquerda, como demandando uma pequena enseiada, da qual se avistava a alguns passos uma pequena casa de sapé, circumdada de laranjeiras e jabuticabeiras.

O remador era um velho, cujo chapéo de palha occultava parte dos cabellos encanecidos, deixando vêr sua physionomia crestada pelo sol do trabalho, que lhe parecia dar forças aos musculos no manejo que fazia do remo.



A canôa abicou á praia, toda forrada de fina e branca areia.

O velho levantou-se da pôpa, aonde estava sentado, e atirando o remo dentro da canôa, della sahio, prendendo-a a um poste, seguiu depois direito o caminho da casinha de sapê.

Ao seu encontro veio uma jovem de vinte para vinte e dous annos, moreninha e cheia de sympathia, de olhos e cabellos negros, com a boca pequena e labios carnudos da cor dos carôços da romã, porém mal vestida e denunciando pobreza.

— Então, papai, o que arranjou? perguntou a moça anciosa.

— Nada, minha filha, nada... Aquelle homem tem um coração de pedra e não me quiz soccorrer...

A joven, nesse instante, como que sentio desfallecimento n'alma, por isso que murmurou em tom lastimoso :

— Ah! um homem tão rico! creado em nossa casa! negar a papai uma quantia para que o nosso sitio não passe a outra mão!...

— O mundo é assim, minha filha, respondeu o velhinho entristecido. Esse homem, eu o criei e hoje dá-me bem a paga do meu trabalho! Ficar sem a minha casinha de sapê... sem os encantos deste rio, aonde o vejo ha tantos annos, quasi sempre tranquillo, mimoseando-me com seus gostosos peixes e fazendo-me esquecer os azares de minha vida de pobre !

E o velho ficou em silencio e continuou a andar para casinha.



A moça o acompanhou também em silencio.

Entraram na casinha de sapê.

Ella tinha um pequeno commodo, que servia de sala, e d'ahi seguindo um estreito corredor ia ter na varandinha do interior, especie de sala de jantar, aonde se via um pequeno quarto á esquerda e outro á direita, dando a porta da varandinha para a cozinha, e para o quintal.

Os moveis eram tão pobres como a casa. Porém tudo ahi respirava limpeza: as paredes caiadas; o chão varrido, e as teias de aranhas não tinham descanço com uma vassoura de capim fino e secco, que as mãos da moreninha agitava sobre os inoffensivos insectos.

Se a pobreza imperava nesta habitação, era honesta e isenta dos vicios que accarreta a desgraça quando, accommette o infeliz, a quem a sorte marca com aquelle sello fatal ao respirar o oxygenio da vida.

Esse velho que encontramos, singrando as aguas do Parahyba, em verdade era victima do seu destino; e por tanto, leitor benevolo, acompanhemos o homem á sua casinha de sapê, aonde vamos apanhar alguns factos, que servem para o encadeamento deste tóscico romance no interesse de seu simples enredo.

Eram quasi seis horas da tarde de um dia do mez de maio de 1865. O frio já começava a sentir-se, e o céu estava varrido de nuvens, e ostentava o portento das maravilhas do Creador.

O velho entrando na casinha disse para a joven moreninha.



— Tenho fome, minha filha, pois estou só com o café que tomei aqui ao rompêr do dia.

— E esse homem rico não lhe deu nada para almoçar, papai? inquirio a moça olhando com pezar para o velho.

— Já te disse, menina, que estou só com o café, murmurou o homem em tom peremptorio.

— Espere um pouco, papai; eu já vou trazer-lhe alguma cousa para jantar. Não estava desprevenida porque isso mesmo esperava.

E a moreninha foi em direitura á cozinha, aonde esteve alguns momentos, voltando depois com dous pratos, um com feijão temperado e adubado de cebolas e couves, e com uma hipyabinha, em postas fritas, com agradável cheiro, que desafiou logo o appetite do velho, que se chegou á mesa, aonde a moça havia posto os dous pratos, indo depois buscar a farinha e o arroz, não se esquecendo de um copinho com [agua-ardente, nem de uma faca velha, garfo e colher.

O velho começou a comer com vontade.

— Algum banquete, que me tivessem offerecido lá na fazenda desse rico barão, não seria melhor do que este prato, minha filha, preparado por tuas mãos!

— Uma comida atôa, papai... disse a moça com um sorriso agradecido.

— A mesa do pobre, minha filha, sabe mais ao paladar que a do rico, quando com o suôr do rosto o pobre ganha o pão da subsistencia...



— E' uma pura verdade, papai. Agora peço-lhe que me conte os modos com que o barão o recebeu...

— Eu te fallo tudo logo mais. Deixa-me refazer as forças... sou já tão velho, minha filha!... setenta annos!... oh! quantas cousas tenho visto n'esta vida!... mortes, roubos, infelicidades... Porém, para que fallar-te nisso? O mundo vai tão cheio de crimes!...

— Pois seja como papai quizer. Em quanto Vm. come, vou á cozinha arranjar-lhe uma chicara de café.

— Adivinhaste o meu desejo, menina.

A moreninha retirou-se.

Aproveitemos agora o ensejo para orientarmos o leitor á cerca dos dous personagens que entram em scena.

Leonardo da Silva, é o nome do velho. Sua physionomia, apesar de alquebrada pelo peso dos annos, mostra certa dignidade e grandeza d'alma, dando-lhe respeito essas cans venerandas, que lhe cahem pela frente alta e espaçosa, como indicando intelligencia. Sua altura é regular, porém não cheio de corpo.

Suas mãos são callejadas pelo trabalho. Traja um jaquetão de panno azul, já rustido e calça de algodão riscado. A camisa era alva como a neve e mostrava assim o cuidado de quem o tratava.

Leonardo começara a vida no trabalho da péscia em nosso magestoso Parahyba. A sua casinha de sapê, já por nós descripta, havia sido comprada pelos lucros que auferia d'esse trabalho.



Comprehendia na casinha o laranjal e o jabuticabal, e tambem o terreno de um alqueire de planta, que se estendia por um lado na varzea do rio, e aonde patenteava a lavrança que fazia Leonardo no cultivo da terra.

Leonardo nascêra na pobreza e nella criára-se. Descendia de gente baixa, mas isso não obstára para que tivesse bom coração e intelligencia, e tanto que se esforçara, logo que chegára á idade de dezenove annos, a aprender a ler e a escrever com um desses professores da roça, que algumas vezes se encontram pelas fazendas, ensinando, com supina ignorancia, o—Bá e a carta de nomes—deixando o discipulo viciado e lendo com a comprehensão do—*Papagato real*.—Assim são essas escolas. Porém apezar disso, Leonardo se distinguira á força de vontade. Escrevia e comprehendia o que lia.

Fôra a luz para o seu espirito.

Abençoava o trabalho, e desta arte entregava-se a elle, não se olvidando tambem do cultivo da sua intelligencia.

Uma forte inclinação para péscas o forçava a frenguentar o rio, donde tirava bons peixes, que ia vender ao povôado mais proximo.

Acostumado a esse trabalho, que não lhe pesava, distrahia-se de qualquer outra idéa, que porventura tivesse de seu futuro.

Seu pai, que era um caipira completo, não contrariára a vocação do filho; porém morrendo nada lhe deixára, porque vivia de aggregado.

A ess
culio,
uma cal
á vonta

Assim
de sapê,
beiras r
tação.

Temp
nha eng
sára-se

Desse
ninha, e
o nome

Uma
na paz
lhe vies

que o cl
Acudi

cessidad
Abrin

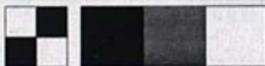
viduo*
Leona

— Oh
zeram p

— Si
Deus! q

— E'
Tu anda

rar occ
oa no



A esse tempo Leonardo já tinha um pequeno pedregulho, e com algum trabalho mais poderia comprar uma cabana ás margens do Parahyba aonde vivesse á vontade.

Assim acontecêra. Leonardo comprára a casinha de sapê, que circumdada de laranjeiras e jabuticabeiras mais tarde tornára-se o regalo de sua habitação.

Tempo depois apaixonára-se por uma caboclinha engraçada e cheia de bondade, e com a qual casára-se sem encontrar obstaculo.

Desse matrimonio nascêra-lhe a menina moreninha, que o leitor já conhece, e fôra baptizada com o nome de Bemvinda.

Uma noite que a pequena familia, accommodada, na paz de sua casinha, sem lembrar-se que alguem lhe viesse bater á porta, Leonardo ouvira uma voz que o chamava.

Acudira de pressa julgando logo ser algum necessitado.

Abrindo a porta encontrára-se com um individuo*

Leonardo o conhecêra sem esforço e murmurára:

— Oh! o Cypriano a estas horas! o que ha? quizeram prende-lo para recruta?

— Sim, senhor Leonardo, valha-me por amor de Deus! quero ajuda-lo no trabalho, e...

— E' bem feito isso, Cypriano! respondêra o velho. Tu andavas a vadiar por aqui e por alli sem procurar occupação, seria de justiça a tua prisão para



recruta; mas não desejo desamparar-te e morarás commigo, com tanto que me ajudes no trabalho. Entra.

Era um rapaz de dezoito annos, de robusta constituição, porém seu semblante não movia sympathya.

Não tendo eira nem beira, sem pais, andava á mercê do destino vagando por uma e outra parte do Parahyba.

E Leonardo recolhendo-o para a sua casa, com constantes admoestações, bons exemplos, pôde vencer a indolencia do rapaz e obriga-lo a trabalhar.

Fez mais ainda. Ensinára a Cypriano a soletrar as primeiras letras, e fôra quanto bastára para que soubesse assignar seu nome.

Cypriano não tinha bom coração; mas sujeitava-se a Leonardo, respeitando-o e ajudando-o a trabalhar tanto na pesca como no cultivo do terreno da casinha.

Dez annos morára este moço com Leonardo; porém uma noite desaparecêra, sem que o velho soubesse qual havia sido o seu destino.

Mas não se molestára com isso, e continuára no seu trabalho.

Bemvinda então contava doze annos, e seu pai, não obstante o trabalho que tinha, furtava algumas horas á noite para ensinar a filha, á luz da candeia, fazendo-lhe comprehender no cabo de alguns mezes os rudimentos das primeiras letras.

A menina era a satisfação dos dous esposos, por isso que tendo elles bons sentimentos n'alma, sor-



riam com esse amor do coração paternal e permitido como doçura da vida conjugal.

Uma fatalidade viera por esse tempo amargar o coração de Leonardo e de Bemvinda. A morte arrebatára a esposa e mãe carinhosa.

A dôr do pai e da filha era immensa.

Porém o tempo, pouco e pouco, foi minorando esse pezar.

Leonardo acostumára-se a viver só, estimando a filha como a um anjo de Deus.

O tempo corria, e o viver do velho e da moça não tinha tido alteração.

No emtanto a menina tornava-se interessante, terna e meiga caipirinha, como suave poesia d'aquelle sitio, em que Leonardo via fugir os seus dias, gravando-lhe n'alma tristes apprehensões do futuro sempre que os annos findavam, aproximando-lhe o termo da existencia.

Este homem pobre e descendente dos ralés da sociedade, possuindo coração nobre e alma sentimental; queria viver não para o gozo de seu Parahyba e da casinha de sapê, mas para a ingenua menina, que não abrigava o mal em seu peito, e em cujo pensamento perpassavam sonhos de flôres campestres, brizas inebriantes e como a aurora da juventude, risonha e cheia de encantos.

Leonardo tivera a idéa de comprar uma escrava crioula para a filha, e essa idéa o dominava. Tinha pezar em vê-la trabalhar, fazendo todos os serviços rudes improprios de uma moça, e, assim, com afan,



atirando-se ao trabalho e economizando o fructo delle, fez um capital de 500\$000 rs.

Dirigira-se depois a um agricultor seu vizinho de duas leguas, que tinha uma crioula á venda, e entabolára a negociação da escrava, que teria 15 annos, de bonita figura.

Porém o dinheiro não chegava; faltavam ainda 500\$000 rs., pois o agricultor pedira um conto de réis pela crioula.

Então Leonardo se responsabilisára por um credito de 500\$000 rs. com o competente premio de um por cento ao mez, sujeitando nelle a mesma escrava e a sua casinha de sapê.

A escrava era de bõa indole e acostumára-se com a sua nova senhora; porém a fatalidade veio ainda acabrunhar a alma de Leonardo.

A crioula, com tanto sacrificio comprada, sendo acommettida de uma grave enfermidade, succumbira, apezar de alguns remedios que lhe foram applicados por um curandeiro d'aquelles lugares, que viera pelo chamado do velho.

Leonardo e Bemvinda se resignaram com a sorte.

Uma cousa, porém, ralava o coração do pobre homem: era o pensamento do que devia ao agricultor vizinho.

Mas o animo não o abandonára: contava que a sua casinha de sapê não havia de passar a estranhos.

Por esta occasião corria a noticia de haver a fazenda do Taquaral, importante popriedade rural do termo da cidade d'***. passado a novo proprietario,



que viera de Minas-Geraes com familia, e pelos signaes que desse homem davam as pessoas que o viam, Leonardo tivera tambem desejo de indagar a esse respeito, acudindo-lhe a lembrança de Cypriano.

Mas isso parecêra-lhe impossivel. Banira a idéa.

Uma vez, em companhia da filha, na roça de um vizinho, com quem Leonardo se dava, ainda o pobre velho tivera o pensamento que esse proprietario da fazenda do Taquaral era o seu camarada Cypriano, que talvez por algum dos caprichos da fortuna se apresentava agora como figurão da nossa mysteriosa sociedade.

Com essa preocupação deixando a filha em o sitio do vizinho encaminhára-se para a fazenda do Taquaral, que ficava a tres leguas.

O pobre velho tivera forte sensação ao conhecer o novo proprietario. Era em realidade aquelle rapaz que viera achar abrigo na casinha de sapê, receioso de ser recrutado por sua indolencia! Porém que differença de modos, benevolo leitor! Era um figurão, com o saliente abdomen, cheio de soberba e grandeza!

Leonardo julgára um sonho essa metamorphose de Cypriano, tão grande fôra a sua admiração.

O pobre velho dera-se a conhecer a Cypriano; este porém fizera-se estranho, desconhecendo aquelle que lhe ensinára o amor ao trabalho, e que o fizera comprehender os primeiros elementos das letras!

Esse homem como que envergonhava-se em descobrir a sua humilissima individualidade a Leo-



nardo pensando no desprestígio de seu nome, que já tinha o título pomposo de commendador.

Leonardo tomado então de justa indignação, lançou ao rosto de seu camarada palavras cheias de amargura, profligando a sua ingratidão e o chamando de villão ruim.

Cypriano cahira em si, vendo a imprudencia que commettia buscando de balde occultar a sua verdadeira pessoa a Leonardo.

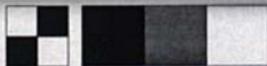
Pedira então ao velho que lhe perdoasse, mas que nunca descobrisse a ninguém a sua origem, e que quanto aos outros que o conheciam elle os teria como estranhos.

Leonardo quizera depois saber a causa da felicidade de Cypriano; mas era mysterio que o ex-camarada não estava pelos autos para explicar ao seu bemeifeitor.

Era o pagamento do bem com o mal.

E Leonardo deixára o rico fazendeiro, com a idéa tomada da transformação de Cypriano.

Voltem
aquelle á
— Não
homem ri
lhe 600\$0
e generos
— Talv
vesse soa
ao villão
e impostu
— Ago
com que
— Trat
não tinha
divida ser
deve pen
tinha em
e 600\$000
me servir



VII

BEMVINDA

Voltemos agora ao pai e á filha, que deixamos, aquelle á mesa, e esta preparando o café.

— Não posso comprehender, papai, como um homem rico, que lhe deve tanta obrigação, negue-lhe 600\$000, um barão!... que devia ser um grande e generoso homem!...

— Talvez se não tivesse titulo algum me houvesse soccorrido... os titulos, minha filha, dados ao villão servem para augmentar-lhe a soberba e impostura.

— Agora estou disposta a ouvir, papai, os modos com que o barão o recebeu.

— Tratou-me mal, minha filha... disse-me que não tinha culpa que eu tivesse contrahido uma divida sem necessidade, porque o homem pobre não deve pensar em ter escravos; que o dinheiro que tinha em casa era reservado para outros misteres, e 600\$000 lhe faziam falta; que em outra occasião me serviria...



— Desculpas, papai, desculpas desse mão homem, que não conhece o bemfeitor!

— Pois, em verdade, minha filha, fui com a certeza de obter o dinheiro... um homem rico, que devia abrigar a gratidão n'alma... soffri a maior contrariedade com a negativa do titular... do titular!...

E Leonardo, sahindo de seu natural, deu uma risada de sarcasmo, acrescentando:

— Fortuna cega! tu distribues os teus dons sem escolher a condição do homem! tu fazes do caipira um nobre, e do pequeno um grande! tu fechas os olhos da justiça e os crimes se praticam impunemente reproduzindo-se por toda parte! Fortuna! fortuna! por quem na terra todos se curvam com submissão.

E Leonardo meditou um momento, ajuntando:

— Não posso crêr que um homem como Gypriano fosse recompensado por algum acto de virtude, não... seu coração é pequeno e mão... aqui ha algum mysterio... e mysterio grande! Fugir o homem desta casinha, ir occultar-se longe, bem longe, e depois, no cabo de alguns annos, voltar um ricoço e commendador, e logo ainda transformar-se em um barão!... Oh! protesto, minha filha, que este mysterio heide penetrar! sou um caipira, um quidam, mas isso não obsta para que se me patenteie um crime que talvez esteja nas trevas!

E o velho assim exclamando, fitou a physionomia interessante de Bemvinda por alguns instantes com certo pezar secreto, que ella penetrou logo dizendo:

— Papa
Vm. pag
não será
Esse bar
nos fez, n

— Oh!
tecido,
rupção s
mos, em
auxiliad
são hype
que nos
emfim qu
me apre
não tenh
embolso
tia? Nos
lucro; o
parte; t
rano do r

— Espe
uma lem

— Que

— Aqu

E Bem

O velh

— Não

— Ah!

— E'

— E o

os hom



—Papai, não fique triste, Deus nos hade ajudar... Vm. pagará a sua divida, e nossa casinha de sapê não será tirada, não... ha tanta gente bôa ainda!... Esse barão ruim algum dia hade sentir o mal que nos fez, negando-nos o dinheiro que precisavamos...

— Oh! minha filha! murmurou Leonardo entristecido, bem sei que o mundo, apezar de sua corrupção ainda conta gente de alma grande... podemos, em verdade, de um momento para outro ser auxiliados por algum coração generoso... mas isto são hypotheses... esperanças lisongeiras d'alma, que nos afagam no meio de uma tormenta! Deus emfim que nos vêm consolar assim... A realidade se me apresenta agora de um modo que me esmaga... não tenho recurso algum... o meu credor exige o embolso de 600\$000 rs.; e aonde buscar esta quantia? Nosso trabalho, filha do coração, já não dá lucro; os especuladores se reproduzem por toda parte; todos têm gana pelo dinheiro, que é o soberano do mundo!

—Espere, papai, não falle assim triste... tive cá uma lembrança, que me parece bôa...

—Que lembrança, filha?

—Aquelle moço, que já tem vindo aqui...

E Bemvinda fez mysterio.

O velho recorreu á mente.

— Não se recorda, papai?

— Ah! espera... agora sei, é Americo Lopes...

— E' elle.

— E o que nos fará esse joven?



— Ora, papai, se Vm. pedir-lhe o dinheiro emprestado por algum tempo, lhe dará sem obstaculo.

— Apesar de ter esse moço uma bôa alma, menina, todavia o mundo vai tão cheio de egoismo!

E o velho assim fallando, encolheu os hombros e não repellio a sombra de melancolia que lhe corria o semblante e ficou em silencio como meditando.

Bemvinda respeitou-o.

Leonardo ajuntou depois:

— Para que não digas, minha filha, que desprezo a tua idéa, amanhã, se Deus permittir, irei ao sitio de Americo Lopes. Agora é tempo de descanso.

Passaram-se as horas.

No dia seguinte Leonardo fôra pontual em fazer a viagem ao sitio da pessoa por Bemvinda lembrada.

Tal é a nobreza d'alma desse velho, que não hesitára em deixar só na casinha de sapê essa creatura fragil, tão delicada, não receiando nada de mal e tendo toda a confiança na virtude da donzella, pedindo a Deus que a guardasse.

Americo Lopes morava a duas leguas dahi da casinha de sapê.

Leonardo partira cedo, e quando voltára eram pelo menos duas horas da tarde.

Sua filha veio encontra-lo entre a duvida e a esperanza.

O pobre velho trazia o semblante desanuviado.

— Então, papai!

— Tua idéa, minha filha, foi bôa...

— Pois não disse, papai?



— Arranjei o negocio, porém com uma condição...

— Qual, papai?

— Mas para que heide te dizer já? amanhã saberás quando ouvires a Americo Lopes, que deve chegar até o meio dia.

— Pois o que será isso, papai?

— Não te anceies, amanhã saberás.

O resto do dia Leonardo levou-o em serviço de uma horta, que tambem cultivava, serviço em que Bemvinda ajudou-o.

Escoou-se o tempo.

Chegando a hora apazada por Americo Lopes, elle não faltou á promessa.

Vinha só, montado em bom cavallo e vestido decentemente.

Era um moço de vinte e cinco annos, de physionomia comprida e de traços meio regulares, moreno e sympathico.

Saudou alegremente o pai e a filha, dizendo:

— Cheguei ás horas determinadas.

E o moço olhou com attenção para Bemvinda.

Esta, observando isso, ficou como atarantada, murmurando:

— Papai, vou apromptar uma chicara de café para o senhor Americo e não me demoro.

— Pois vai, minha filha, traze um café bom. E a moça sahio apressada.

— Então, Sr. Leonardo, disse Americo, deu a conhecer á sua filha a condição que lhe puz?



— Não, Sr. Americo, quero-lhe fazer uma surpresa.

— E se ella não annuir á condição?

— E porque não?

— As mulheres são ás vezes caprichosas...

— Minha filha só têm o capricho da honra e da virtude...

— Oh! isso para mim me vale um thesouro...

— Porém, Sr. Americo, eu sou um caipira, sem nome de familia, rude trabalhador.... um pescador...

— O trabalho, Sr. Leonardo, honra mais o homem que a fidalguia fôfa que hoje em dia impera. Descendente de parentes pobres e humildes, considero-me insignificante membro da sociedade; mas não é por isso que deixarei de censurar as ambições que cegam os homens. Eleva-se a pessoa pelo dinheiro, embora seja um malvado; curva-se a um potentado de aldêa, soberano senhor de escravos, porque o potentado não se teme de nada. Nos poucos annos que tenho vivido, Sr. Leonardo, muito hei presenciado que me contraria o pensamento: a ingratição, a lisonja, a inveja, o vicio, o latrocínio e os crimes que reinam com notavel impunidade, tudo, tudo emfim deve actuar no espirito que medita sobre as cousas deste nosso paiz. Nada sei, obscuro lavrador, apenas aprendi a lêr e escrever; porém, isso não obsta que eu veja a chaga que corrôe as entranhas da patria, chaga gangrenada que virá a atacar, se não houver remedio prudente e acertado, as bases do grande edificio social para precípal-o em



ruinas. Tudo isto, pois, me magôa a alma. Sou cidadão e como tal tenho o dever de pugnar pelos interesses desta gigante nação; mas os erros dos que governam são a causa do seu atraso no pugilato da politica, que falsifica o nosso systema constitucional. Estas palavras desconchavadas...

— Não, não, Sr. Americo, é um pensamento claro a respeito dos males de nosso paiz, atalhou o velho, como apreciando o moço.

Nesse momento Bemvinda trouxe duas chicanas de café.

Offereceu uma ao hospede, dando a outra a seu pai.

A joven como que sentia-se vergonhosa.

— Escuta, Bemvinda, uma cousa...

— O que, papai?

— Se eu te pedir um favor...

— Um favor?

— Sim. Fazes-m'o?

— E porque, não, papai?

— Attende. Eu estou velho e quasi a bater ás portas da eternidade... tu não terás um amparo: assim farás a minha e a tua felicidade se quizeres receber por esposo a este generoso mancebo, que é dotado de bôa alma, é intelligente e possui alguns bens...

A donzella fez-se vermelha como lacre e disfarçou a sua perturbação, curvando a graciosa cabeça como se julgasse sonhar.

Leonardo, tomando o seu café, olhou para Americo e como que lhe disse ao coração:



— Ha de ter uma excellente esposa.

O moço apenas mostrou um sorriso, como signal de satisfação.

— O que dizes, minha filha? não queres fazer o gosto de teu pai, que tanto te estima?

— Papai... articulou Bemvinda com vexame; e eu sou caipira... rustica... e...

— Oh! não é isso o obstaculo... falla uma palavra só: queres ou não?

— O que fôr do seu agrado é tambem do meu...

— Por obrigação, não desejo isso, minha senhora, disse Americo pondo a chicara em velha bandeija, que estava sobre uma pequena mesa.

— Nem eu desejo que minha filha por minha causa se constranja a um negocio de tanta gravidade e importancia, murmurou Leonardo.

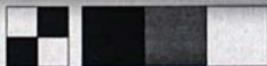
— Papai nunca me obrigará, porque é muito bom para mim, e portanto não quererá o meu mal...

— Obrigar-te, minha filha? não, jámais!

— Só uma cousa posso-lhe garantir, minha senhora, que procurando-a para minha consorte, acho-a tão cheia de interesse, que daria-me por muito feliz se pudesse compartilhar o destino de uma moça de um coração tão brando, tão simples e ingenuo como d'aquella que está me ouvindo...

E Americo olhou com ternura para a donzella, que observou com certa emoção d'alma:

— Casamento... casamento... é negocio muito importante, que não deve-se fazer depressa, mas com muito vagar...



A idéa da menina foi applaudida por Leonardo e Americo.

Dias depois desta scena, Leonardo fôra pagar a seu credor o dinheiro que lhe devia, fornecido pela generosidade de Americo.

Algumas palavras vamos aventurar ao leitor sobre o joven roceiro.

Este moço é oriundo de gente pobre, mas honrada. Sua educação não fôra de todo olvidada. Seu pai o mandára aprender na escola de sua freguezia as primeiras letras.

Tinha bôa comprehensão e aproveitára o ensino. Inclinado a lêr, gostava de ver todos os jornaes que por acaso deparava. Este desejo, á proporção que o tempo passava, foi-se augmentando. Morrendo seus pais o deixaram senhor de seis bons escravos, de uma bôa situação agricola e de algum dinheiro.

Americo, que a esse tempo contava 22 annos, soubera reger seus bens, como joven sensato e honesto que era.

Amigo do trabalho, que achava nobre, não esquecia tambem de illustrar o seu espirito, lendo livros e jornaes literarios, com esclarecida comprehensão. O mancebo era economico, mas para sua leitura não poupava o dinheiro na compra de livros e assignaturas de jornaes.

Alma generosa e compassiva prestava-se a seus vizinhos com o maior prazer.

Mais amigo do que senhor, tratava os seus escrava-



vos com toda brandura, empregando pequenas correções quando alguma cousa não sahia como determinava.

Este moço relacionava-se com o commendador Almeida, e elles, algumas vezes, questionavam sobre o máo trato que em geral se dá ao escravo em nosso paiz; porém os bons sentimentos do mancebo não podiam superar as más idéas do fazendeiro, que em frases duras e orgulhosas zombava do coração docil e humano de Americo.

Com tão bôa indole o joven promettia ser um excellente cidadão.

O acaso o fizera ter conhecimento com o velho pai de Bemvinda, encontrando nelle uma alma grande e dotada de virtudes, que muito o maravilhára, não esperando que sob o aspecto de um tosco trabalhador e pescador existisse um espirito claro e cheio de conhecimentos das miserias humanas.

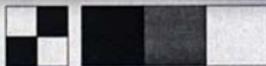
Symphathisou pois com o nosso Leonardo, offerecendo-lhe todos os seus limitados serviços, não deixando tambem de agradar-se dos modos honestos de Bemvinda, achando-a bonita e espirituosa.

Corrêra o tempo.

Bemvinda desposára no cabo de dezoito mezes a Americo, que forçára Leonardo a abandonar a casinha de sapê e a péscas no seu Parahyba, indo o velho morar com o genro, sem receio do futuro para sua filha, que a julgava agora bem amparada.

Pela mente de Leonardo passára a idéa de pres-

crutar
já o l
que va
como a



crutar os arcanos da vida do barão do Taquaral, que já o leitor conhece de estirpe baixa, personagem que vai tomar parte na acção deste romance, assim como as tres que vimos de referir.

pequenas
sahia como

nmendador
avam sobre
ro em nosso
ancebo não
iro, que em
oração docil

ia ser um

m o velho
uma alma
o o maravi-
cto de um
um espirite
isérias hu-

rdo, offere-
rviços, não
os honestos
ituosa.

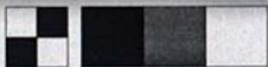
ito mezes
onar a casi-
ndo o velho
ro para sua
a.
ta de pres-



A faz
sos café
montar
dada, c
entrada
arelado
tendo e
leiro, e
possuin
matas,
animae

E' em

Quem
duvidar
camara
dez an
letras, e



VIII

O BARÃO DO TAQUARAL.

A fazenda do Taquaral é bella e aprazível. Formosos cafeieiras, ainda novos, circumdam as suas altas montanhas. A casa da morada é grande, assobradada, com janellas envidraçadas, tendo na porta da entrada uma escada larga, que desce para o terreiro areiado e cercado de senzalas cobertas de telha, tendo engenhos, moinhos, monjollos, casa de celeiro, e um bom pomar com variedade de fructas, e possuindo grande porção de terras uberrimas em matas, capoeiras e campo para as criações dos animaes.

E' emfim uma excellente propriedade rural.

Quem é o barão do Taquaral? perguntará o leitor duvidando que Cypriano é aquelle caipira que fôra camarada de Leonardo da Silva, e com quem morára dez annos e aprendêra a soletrar as primeiras letras, e o deixára um dia, fugindo para longe. Pois



é elle, em carne e osso, o barão do Taquaral — rico fazendeiro e influencia politica no termo da cidade d***

Cypriano viera da provincia de Minas-Geraes casado, e com tres filhos ainda pequenos, habitar a fazenda do Taquaral, que havia comprado pela quantia de cem contos de réis, intitulado-se então commendador João Cypriano.

Seus escravos eram em numero de oitenta, de ambos os sexos.

Logo corrêra a noticia da bõa aquisição que faziam os habitantes do termo da cidade d*** por contar-se esse *figurão* em seu seio, *figurão* que vinha dar importancia ao lugar.

Todas as vistas se convergiram para o rico commendador, que pagára a fazenda do Taquaral em bõa moeda ao vendedor, que tambem era importante e abastado e possuindo mais fazendas.

Começaram os habitantes da cidade a ter como influencia o commendador João Cypriano. Todos o iam bajular, ao ponto de o arvorarem sem o menor obstaculo em chefe do partido conservador na cidade, por então existir esse partido sem direcção.

O dia em que revestiram a João Cypriano do importante encargo fõra de festa na fazenda do Taquaral. Lauto jantar, brindes ao novo chefe e toda casta de lisonja entre os convivas exaltando os *merecimentos* do commendador.

Este correspondia, cheio de orgulho e soberba satisfação d'alma, aos seus *bons amigos*, que o elevavam á altura do primeiro homem do lugar.

Dous a
dador Jo
barão do
da quan
urgencia
Nova
barão a
quaral.

E assi
Leonard
govern
mundo p
com seu
algum a

O pove
que dep
ainda m
realidad

Viera
dades de
comman
cipio da

Fõra u
dos ao s
Não tinh
da espos
generosi
unicos a
o prostit

O barã
pois mar



Dous annos depois dessa manifestação o commendador João Cypriano era agraciado com o titulo de barão do Taquaral, dispondo o seu correspondente da quantia de vinte contos de réis applicada ás urgencias do Estado.

Nova festa tiveram de assistir os *amigos* do novo barão ao ir cumprimenta-lo á sua fazenda do Taquaral.

E assim, benevolo leitor, o caipira, camarada de Leonardo o pescador, era o potentado barão, que governava o povo da cidade d''', e dava cartas no mundo politico como real influencia, conseguindo com seu empenho tudo quanto pretendia para algum afilhado!

O povo pois déra toda importancia a Cypriano, que depois de sua nomeação de barão tornára-se ainda mais enfatuado e soberbo, julgando-se em realidade um fidalgo de sangue azul.

Viera ainda outra titulo ennobrecer as qualidades do *illustre figurão*. Fôra nomeado coronel commandante superior da Guarda Nacional do municipio da cidade d'''.

Fôra um dragão para os miseros guardas designados ao serviço da nossa guerra com o Paraguay. Não tinha coração para sentir as lagrimas da mãe, da esposa e da irmã, que lhe vinham implorar a generosidade por seu filho, marido e irmão, como unicos amparos de sua fragilidade, evitando assim o prostibulo e a perdição d'alma.

O barão era surdo aos gemidos das victimas, e pois mandára muita gente para o Paraguay, espe-



rando por isso ser elevado a visconde. Essa dignidade porém não apparecia; no entanto que o barão lia quasi sempre no *Jornal do Commercio* despachos em identicas circumstancias.

Alguns dos seus mais affieçoados o aconselharam a que libertasse dez escravos, indo pessoalmente offerecer ao Imperador como voluntarios para a campanha, e que a renumeração seria certa.

Porém o barão não queria ser visconde por essa maneira. Não estava disposto a diminuir o numero de seus escravos por essa honra.

De mais a palavra liberdade não sôava bem aos seus ouvidos. Era tyrano para seus captivos, que fazia castigar immoderadamente sem a menor compaixão.

O barão relacionava-se com o commendador Almeida, e se colligavam no modo de maltratarem os infelizes escravos para assim obterem o augmento de suas propriedades sem prejuizo de tempo no serviço da roça!

Depois conversavam de suas influencias e aristocracia, contando Almeida tambem com um titulo de barão. Isso, porém, deixaria para occasião mais opportuna, não lhe convindo igualmente alforriar dez escravos, á imitação dos cidadãos benemeritos, que foram os primeiros a dar o exemplo de patriotismo, fazendo marchar para o campo da honra, não miseros escravos, mas defensores voluntarios da patria, que foram engrossar as fileiras do nosso exercito, respeitado pelo inimigo.

A familia do barão do Taquaral consistia em sua



em sua mulher e tres filhos pequenos, como já dissemos; porém a baroneza não inspirava sympathia alguma, mostrando ter quando muito vinte oito a trinta annos.

E' uma moça tósca, de semblante redondo, cutis branca, olhos gatescos e cabellos louros.

O sorriso da bondade, que pantenteia a alma da mulher virtuosa, não vem adejar em seus labios finos e desbotados, mostrando pelo contrario o espelho dessa physionomia a existencia de um coração malevolo, critico e cheio de desprezo pela gente desfavorecida da fortuna.

A baroneza procura trajar á moda, porém isso não lhe dá elegancia nem graça, apesar de usar de penteado de coque, quasi ao alto da cabeça, feito das tranças de seus cabellos abundantes, mas sem a menor ondulação e macieza.

No emtanto, ella ama a seus tres filhos enfatuando-se que o futuro destas crianças seja mui prospero, como prospera e rica é a sua existencia, e com um título de nobreza.

Não nos cumpre por em quanto desvendar mysterios da vida de João Cypriano; deixaremos isso ao nosso honrado velho Leonardo, que protestára conhecer a origem da transformação de seu ex-camarada para tão grande altura—intitulando-se commendador e mais tarde barão.

Continuemos o nosso romance.

Para a fazenda do Taquaral pois Serapião da Silva e Ricardo de Lima se dirigiram.



Ahi chegaram tarde.

O barão os recebêra com ar de soberba.

No emtanto não fôra tão incivil aos hospedes como havia sido o commendador Almeida. Tratára-os bem.

— Então, Sr. Serapião, vem vender-me os seus escravos? perguntou o titular com altivez.

— Sim, Exm., mas apenas me restam dous.

— Dous? e rebutalho? Ora!

E o barão rio-se com sarcasmo.

— Ah! são dous negros bons, Exm., murmurou Serapião com ar prazenteiro.

— E' Vm. que o diz...

— Pois o senhor barão verá.

— Havemos de vêr essa *fazenda* amanhã.

— Diga-me: quando sahio da côrte?

— Ha mais de tres mezes, Exm.

— Então nada sabe de novo da guerra?

— Tudo é velho, Sr. barão.

— E o que se falla na côrte?

— Exm., respondeu Serapião com indifferença, falla-se muita cousa; porém ninguem sabe ao certo quando terminará essa maldita guerra, que tanto mal nos tem feito...

— Mal para uns e bem para outros, observou Ricardo entrando na conversação.

— Diz uma verdade, moço, murmurou o titular com certo sorriso significativo.

— Eu o comprehendo, disse Serapião sacudindo a cabeça em signal affirmativo; o mal é para os pobres e o bem para os ricos...



— Assim vão as cousas deste nosso mundo, senhor barão, ajuntou o mancebo com intuição.

— Eu, como commandante superior, volveu o fazendeiro com emphase, tenho visto derramadas muitas lagrimas, muitos queixumes e maldições, por ter enviado ao Paraguay soffrivel numero de guardas nacionaes; no entanto essa gente soffre, e a minha recompensa será talvez por ahi um titulo de visconde...

-- E bem merecido, Exm. ! exclamou o negociante de negros com uma cortezia.

O dialogo foi interrompido por um pagem do barão, que vinha dizer que o jantar dos dous hospedes estava á mesa.

João Cypriano ou barão do Taquaral, conduziu os dous socios para a sala do interior da casa, que era bem mobiliada.

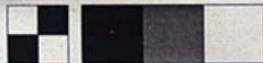
A baroneza recebêra os hosdedes com certo desdem e aristocracia.

Serapião e Ricardo pouco se importaram disso. Ahi ainda a conversação rolou sobre a guerra, entretenimento que não reproduzimos para não fadigar o leitor.

Tempo depois Ricardo de Lima tinha um agradável colloquio com um moço de sua idade, que era o secretario do barão e seu conhecido.

— Nunca pensei que vinha encontrar o senhor Alfredo aqui na fazenda do Taquaral!...

— Nada mais natural que isto, senhor Ricardo... o senhor barão paga-me bom salario; e embora, ás



vezes, assista a espectaculos sangrentos, todavia não se pôde ganhar dinheiro sem sacrificio...

— Então tem bom salario?

— Bom.

— E o serviço?

— Um tanto massante, porque, aqui para nós, senhor Ricardo, este barão é bastante bruto, e um dia mette-se-lhe alguma cousa na cabeça, que deixa a gente tonta não se sabendo o que escrever. Agora está com a mania de ser elevado a visconde, e muitas cartas neste sentido são dirigidas ao proprio ministro do imperio...

— Ao ministro?

— Do que se admira, senhor Ricardo?

— Pois o barão tem relações com o ministro?

— Julga-se, como chefe do partido conservador, que está em seu direito indo directamente ao ministro sem necessitar de outrem.

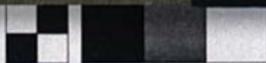
— E o ministro?

— O ministro responde-lhe sempre, que em seu tempo terá a nomeação.

— Promessa de ministro, senhor Alfredo; isto acredito.

— E quem sabe se o barão será em breve visconde?

— Os nossos fidalgos de hoje, murmurou Ricardo com sorriso de censura, sahem todos do nada; não são os fidalgos de sangue azul de outros tempos; é uma aristocracia com resabios de democracia, por isso que tiram-se de todas as camadas sociaes os



nossos titulares, com tanto que o dinheiro possa enobrecer o individuo...

— E' isso uma pura verdade, senhor Ricardo, respondeu Alfredo, acendendo o seu cigarro a um phosphoro.

Ricardo tomando tambem outro cigarro, comeou a fumar.

— Vou ter um emprego igual ao seu, senhor, Alfredo, disse.

— Ah! em que fazenda vai se arranjar?

— Secretario do commendador Carlos de Almeida.

— Excellente logar.

— E porque é excellente?

— Ora, senhor Ricardo, porque alli vive-se respirando a poesia bella do creador...

— Tenha a bondade de explicar-me.

— Oh! homem! pois alli não mora um anjo do céo?

— A filha do commendador?

— Sim. Pois não é um anjo, senhor Ricardo?

— Não ha duvida; é uma formosa menina.

— Quanto dá-lhe o commendador de ordenado?

— Dous contos e quatro centos mil reis.

— Que coincidencia! dous contos e quatro centos mil reis é tambem o meu ordenado.. é um emprego que vale a pena porque minha despesa é limitada. Farei um peculio para o futuro.

— O mesmo pretendo eu fazer.

— Oh! o seu futuro, supponho será bello...

— Já comprehendi a sua intenção, senhor Alfredo... porém o destino dirá...aquelle anjo que ha-



bita a fazenda do—Campo Alegre—será a distracção da minha vida sedentaria.

— Mas, diga-me uma cousa, senhor Ricardo: quem lhe obteve esse emprego?

— O desejo do commendador. Teve um capricho repentino e realizou-o immediatamente.

— Como?

— Lembrou-se que o senhor barão do Taquaral tinha um secretario, e por isso tambem estava no caso de sustentar um, e assim commetteu-me o arranjo sem mais nem menos.

— Capricho de gente rica. E quando vai tomar posse do seu cargo?

— Dentro de oito dias.

— Só uma cousa lhe ha de aborrecer...

— O que, Sr. Alfredo?

— Os castigos que se dão aos escravos da fazenda, que me consta são mui rigorosos...

— O senhor tambem passa pelos mesmos desgostos, pois disse-me que algumas vezes presenciei espectaculos de sangue...

— São espectaculos que me revoltam o espirito... commette-se tanto barbarismo!...

E Alfredo pronunciou estas palavras com certo tom de magoa e gravidade, que Ricardo não pôde deixar de perguntar, como indiscreto:

— Poderia, por favor, orientar-me desse barbaro.

— Da melhor vontade, Sr. Ricardo. Porém ficará isso para logo mais, lá no meu gabinete, aonde vou mandar arranjar-lhe uma cama. Ninguém saberá da nossa intenção.



— Obrigado, Sr. Alfredo.

Passaram-se as horas.

Dahi a pouco tudo estava em repouso na fazenda do Taquaral.

Serapião da Silva descansava no seu quarto, distante daquelle em que estava Ricardo com Alfredo.

O barão, depois de ter tido alguma prosa com o traficante, se dirigira para o interior da casa, indo-se juntar á familia.



O leit
de Alfre
baixo s
Um la
pequena
— Sa
fazenda
— Igr
— Foi
nho rela
para qu
diocre d
nio-me
sendo m
espectac
tudo vi
os no



UM PROTESTO SOLEMNE

O leite preparado para Ricardo era em frente do de Alfredo, e os dous mancebos podiam conversar baixo sem que os ouvissem.

Um lampeão de kerosene ardia em cima de uma pequena mesa.

— Sabe, disse Alfredo, quem me poz aqui nesta fazenda ?

— Ignoro, respondeu Ricardo.

— Foi um amigo do barão, e com quem entreteinho relações de amizade. Era um excellente partido para quem vivia de caixeiro e com um salario mediocre de tresentos mil réis. O mesmo amigo previnio-me que o fazendeiro tinha alguns defeitos, sendo mui cruel para seus escravos, e que eu seria espectador de sangrentas execuções ; porém que tudo visse com indiferença, porque é sempre com



trabalho e contrariedade que se ganha o dinheiro, poderoso auxiliar que faz hoje a nobreza em nossa terra—que faz o mandão e potentado !

— Infelizmente é assim o pensamento que domina a mór parte do povo, murmurou Ricardo, interrompendo a Alfredo.

— Sujeitando-me, pois, contratei-me com o barão do Taquaral, tendo sido testemunha de sinistras e terríveis scenas.

— Agora é occasião de orientar-me desses tristes factos, Sr. Alfredo...

— Vou satisfazer os seus desejos.

E o mancebo acendeu de novo o cigarro e principiou a fuma-lo.

Ricardo imitou-o.

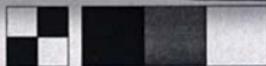
Depois de alguns instantes de silencio, o secretario do titular fallou assim :

— Ha quinze mezes que habito aqui no Taquaral, e já tenho visto cousas de arripiar as carnes ! O primeiro supplicio foi de um velho negro, que commettendo uma leve falta, só porque se obstinasse em negativa, o azorrague, no artificio da roda, cortou-lhe todos os membros, mutilando-lhe as carnes e fazendo-o succumbir; e o barão, que por si proprio ordenava o horrivel castigo, regosijava-se em olhar para a sua victima !

— Barbaridade humana ! exclamou Ricardo revoltando-se contra o barão.

— Ainda isto é pouco em comparação de outro espectáculo, de que fui testemunha. Uma occasião, que o *bacathau* rasgava as costas de uma crioula

casada
encara
captiva
cravo
acto,
brando
letot, c
livrar
chando
as mã
nas ca
Não sa
da fóra
a furia
pecto d
— O
— Es
— O
— Qu
divina
— De
pondeu
terra f
potenta
— E
— E
senciar
meda es
— E'
cardo c



casada com um negro de musculos de ferro e mal encarado, se atrevêra elle a soccorrer a victima do captivo; mas d'ahi a pouco uma luta entre o escravo e o potentado, que presidia o repugnante acto, punha este em furor e desespero, e lembrando-se de um punhal que tinha occulto no paletot, cravou-o no peito do desgraçado, que vinha livrar a sua mulher, quiçá da morte, e já estrebuchando o escravo no chão ainda o titular, com as mãos tingidas de sangue, cravava o punhal nas carnes do misero retalhando-lhe o coração! Não saciando a sua ferocidade, o ferro homicida fôra ferir a viuva captiva bem no peito com a furia da pantera e com os dentes serrados e o aspecto de condemnado do céo!

— Oh! oh! fez Ricardo horrorizado.

— Escute ainda.

— Oh! oh! não! não posso mais ouvi-lo! basta!

— Quando serão estes crimes punidos pela justiça divina?

— Deus tarda o seu castigo, mas não falta! respondeu Alfredo com gravidade. Se a justiça da terra fecha os olhos aos crimes commettidos pelos potentados, a divina vê tudo, e um dia...

— E um dia chegará a punição!

— E dest'arte tambem tem o Sr. Ricardo de preenciar na fazenda do commendador Carlos de Almeida espectaculos semelhantes... pois esse homem...

— E' nm tyrano para a escravidão, atalhou Ricardo com pezar.



— E quantos individuos assim em nosso paiz?...
respondeu Alfredo.

O socio de Serapião olhou para o secretario do Taquaral e ajuntou :

— E quantos attentados se occultam por essas fazendas, onde os deleixos de nossas autoridades, calcando aos pés a lei, deixam os mandões aggravar a sociedade em seus sagrados direitos?...

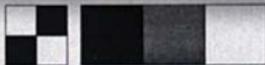
— Não está remota a época em que uma transformação social virá mostrar que o imperio da Santa Cruz, nação fadada para grandes cousas, hade olhar com horror para o seu passado, em que o gemido agonizante da escravidão echoará como victima da barbaria de homens de sangue, sem lei e sem coração !

E Alfredo assim manifestando a sua idéa denunciava apoiar francamente a liberdade dos escravos, considerando o captiveiro como um mal no Brazil, e improprio de um povo que se diz liberal e hospitaleiro, de um povo generoso e amigo da prosperidade!

Com estes sentimentos, os dous mancebos prometteram-se reciprocamente tomarem á si a defesa das desgraçadas victimas da escravidão, desde que algum crime se commettesse, afim de que não fossem elles coniventes com seus amos nesses espectaculos sangrentos.

D'est'arte, Ricardo murmurou :

— Não me faltaraõ meios para denunciar á justiça publica algum facto horroroso na fazenda de Almeida sem que todavia seja-me preciso patentear o meu testemunho...



— O mesmo farei eu, juntou Alfredo com gravidade. Já que a desgraçada raça não tem poder sobre o algoz, alguém que tem alma compassiva irá justificar á authoridade o sangue que se derramar do captivo na fazenda do Taquaral!

— Este nosso protesto será como um juramento sagrado! exclamou Ricardo estendendo-lhe a mão.

— Será! respondeu Alfredo com toda a intuição da alma.

A noite passou-se.

N'outro dia cedo o barão viera ter com Serapião da Silva.

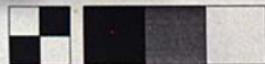
O titular indo examinar os dous escravos, que lhe eram offercidos, não os achára a seu gosto, e por isso deixára de fazer o negocio, facto que contrariou a Silva por ter elle necessidade de percorrer outras roças até que encontrasse comprador para a sua fazenda.

Poucas horas se demoraram os dous traficantes no Taquaral.

Ricardo acertára com Alfredo, que d'ahi em diante elles entreteriam uma correspondencia mysteriosa em que denunciasses os *factos negros* que se dessem n'uma e n'outra fazenda; e promettendo ambos reciproca amizade, se despediram.

Acompanhemos a Silva e Ricardo. Em caminho, a uma legua distante da fazenda, n'uma encruzilhada, Serapião disse para o mancebo:

— Sei que se fosse ao sitio do capitão João Lopes, elle nos compraria a nossa *mercadoria*; mas para que tomarmos esse trabalho de caminharmos umas



quatro leguas, quando tenho um sujeito na cidade que faz uma boa transacção commigo ?

— Não sabia desse negocio, respondeu Ricardo, ateando o seu cigarro ao phosphoro.

— Pois lh'o conto.

E Serapião, assim fallando, parou o seu animal. O joven fez o mesmo.

— Oh ! lá, Chico Rapoza ! disse Silva gritando e olhando ao longo do caminho ; toca o burro e esses negros ! vamos voltar para a cidade.

— Nho sim, gritou tambem o camarada, que vinha a alguns passos atraz ; estou lá neste baque !

— Escute, sr. Ricardo, dão-me duas crioulinhas com volta de 1:200\$000 rs. por esses dous pretos ; e reflexionando sobre este arranjo, acho-o bom. Que diz ?

— Faça-o como quizer, senhor Silva. Bem sabe agora que não tenho voz activa no negocio, porque vou deixar de ser seu socio...

— Porém ainda não fizemos o nosso balanço...

— Não importa, senhor Silva.

— Seja lá como quizer. Estou deliberado a voltar para a cidade.

— E eu prompto a acompanhá-lo.

Chico Rapoza juntou-se ao patrão.

— Estes bichinhos, meu amo, estão hoje com preguiça ; não querem andar... boto-lhes o rebenque !

Ricardo e Silva seguiram o caminho da cidade. O camarada seguiu atraz, dando uma relhada em cada negro.



— Então, que lhe parece o barão? perguntou Silva virando-se para o moço.

— Queria fazer pechincha.

— Pechincha! um homem d'aquelle! que tem tanto dinheiro!

— Quem sabe?

— Oh! digo-lhe que este titular tem muito dinheiro! é um homem de importancia!

— De importancia para os que adoram o *bezerro de ouro*...

— Não o entendo, senhor Ricardo.

— Eu lhe explico. O dinheiro hoje tem um culto, e o barão com fama de fazendeiro abastado, tambem tem o acatamento de seus bajuladores, que o elevam em nossa miseravel e avida sociedade!

— Senhor Ricardo, a sua idéa me parece extravagante...

— Extravagante?!

— Sim, o positivismo social hoje cifra-se só n'uma palavra — dinheiro! a sabedoria, o talento — dinheiro! e, por conseguinte, esse barão do Taquaral, é um grande figurão: se não comprou-me os escravos não foi por pechincha, mas sim porque a *fazenda* em realidade não o agradou.

— Apezar de o considerar por esse modo, senhor Silva, o tal barão para mim não tem importancia alguma; quem nos diz os crimes que terá elle commettido?

— Crimes?! ora, não falle n'isso!

— Alguns castigos barbaros em seus escravos...



— E qual é o fazendeiro que está isento d'isso ?

— E com que direito, senhor Silva ?

— Com o direito de proprietario e senhor...

— Então commetendo-se um attentado...

— Ninguem está autorizado para censural-o.

Repito : o proprietario pôde exercer livremente o dominio de sua *fazenda*...

Ricardo, atirando fóra a ponta do seu cigarro, esmoreceu o seu animal, e chegando quasi junto do traficante, sorriu-se com desdém dizendo :

— A sua logica não admittre replica ; e portanto sua *idéa de ouro*...

Silva não comprehendendo que as palavras do mancebo eram uma censura, deu uma gargalhada, e interrompendo-o, murmurou :

— Ouro ! ouro ! não ha idéa mais sublime ! por elle andamos aqui a trabalhar !

E o dialogo dos dous viajantes não proseguio, continuando elles o seu caminho.

Chegaram a tardinha á cidade.

Silva habitava uma casa de boa apparencia, em uma rua estreita, porém pouco frequentada.

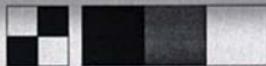
A mobilia da casa era muito simples.

Chico Raposa, depois de entregar os escravos a Serapião, despedira-se dizendo :

— Agora, meu amo, vou para a minha casinha vêr a mulher... Amanhã volto para vm. dar-me os cobres...

— Espera, Chico Raposa, leva já o teu dinheiro, disse o negociante.

— Senhor não, está seguro, meu amo.



E o caboclo montando no seu burro sendeiro, deu-lhe uma relhada com força, e o animal seguiu pela rua.

Demos attenção agora a um dialogo entre Ricardo e um individuo, que parecia ter 40 annos, de physionomia respeitavel e sympathica, usando de bigode e barbas no queixo, e trajado com toda decencia.

— Senhor Ricardo, murmurou esse homem olhando para o mancebo; um negocio importante me traz aqui... procurei-o, mas como me informaram que o senhor achava-se para fóra da cidade em viagem, aguardei esta occasião.

— Do que se trata então, senhor doutor? perguntou o moço com interesse.

— Um amigo meu, da côrte, escreveu-me pelo correio esta cartinha, que terá a bondade de lêr.

E assim fallando, o interlocutor tirou da algibeira de seu paletot uma carta de *enveloppe* e entregou-a a Ricardo.

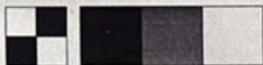
O mancebo abrindo-a começou a lêr.

Era escripta em papel pequeno.

Não façamos mysterio dessa carta ao leitor, a qual é assim concebida:

« Amigo e Snr. Dr. Reginaldo Salles. Uma pessoa, « de minha amizade, empenha-se para saber noticias « de um joven, filho aqui da côrte, que retirou-se « para a provincia de S. Paulo ha já bem tempo.

« Esse moço fóra engeitado á porta de uma mulher, « que tivera a caridade de cria-lo, dando-lhe alguma



« educação. Chama-se Ricardo, e sua mãe adoptiva
« era conhecida pelo nome de Joanna de Lima.

« O joven deve guardar consigo umas linhas
« escriptas por sua verdadeira mãe, que envergo-
« nhada da sua fragilidade, repellira de si o fructo
« de sua leviandade, enviando o filho e essas linhas
« á mesma Joanna, que é fallecida ha annos.

« O amigo deseja esta noticia porque trata-se do
« futuro desse moço.

« Se, por acaso, elle habita n'essa cidade, tenha a
« bondade de procura-lo e mostrar-lhe esta carta.
« As linhas escriptas por sua mãe, será a chave para
« abrir-lhe a porta da fortuna.

« Contando com este obsequio do meu amigo, aqui
« tambem me achará para empregar-me gostoso em
« seu serviço.

« Adeus.—Do—de—V. S. amigo affectuoso, obri-
« gado.—Julio de Campos. Côrte, 20 de janeiro
« de 1867. »

Ricardo ao concluir a leitura, deixou que duas
lagrimas de crystal corressem a fio pelo semblante
entristecido, lembrando-se d'aquella infeliz mulher
que lhe dá o ser.

Este colloquio passára-se n'uma salinha da casa
de Serapião; e como a noite já vinha estendendo o
seu manto escuro, Ricardo pedindo licença ao Dr.
Reginaldo, entrando n'uma alcôva contigua, voltára
ao cabo de alguns instantes, trazendo um pequeno
lampeão de kerosene aceso, que pusera em cima
de uma mesa redonda, que estava no meio da sala,
vendo-se ahi algumas cadeiras de palhinha.

PE

Ricard
carta, co
tão sorpr
Depois
— Sim

obscuro
de uma r
alguma e
que teve
entranha
maledice
guardo c
çada má

O Dr. R
funda at
O man
mão dire



PENSAMENTO NOBRE E HUMANITARIO.

Ricardo de Lima ainda passando os olhos pela carta, como que julgou ser um sonho do pensamento, tão sorprendido ficára.

Depois murmurou em voz repassada e commovida:

— Sim, senhor doutor, não posso negar-lhe o meu obscuro nascimento... eu fui criado pela caridade de uma mulher, que com sacrificios buscou dar-me alguma educação. Essas linhas, escriptas por aquella, que teve a infelicidade de engeitar o fructo de suas entranhas para occultar a sua vergonha ao povo maledicente, existem com effeito commigo. Eu as guardo como um penhor sagrado da minha desgraçada mãe...

O Dr. Reginaldo olhava para Ricardo com profunda attenção sem interrompê-lo.

O mancebo, abrindo o peito da camisa, levou a mão direita a uma especie de reliquia, presa a um



cordão fino de ouro, e mostrando-a ao respeitavel homem, disse:

— Eis aqui o mysterio do meu nascimento...

— Snr. Ricardo, observou o Dr. Reginaldo com gravidade; a fragilidade da mulher é partilha da humanidade. Quem nos diz que sua desditosa mãe, com as promessas de um casamento prospero, esquecida de si nos extasis de amor, se deixou arrebatada nos braços do seductor, e que esse homem agora, quem quer que seja, procura remediar o mal beneficiando o filho desse amor illicito?

— A Eva do Paraiso foi enganada pela serpente, e o peccado contra Deus foi commettido. A mulher pécca tambem na terra cahindo no engano do homem; e apesar de conhecer-me filho do erro, todavia não amaldição a memoria de minha mãe, não... lastimo-a como victima da sua leviandade...

— E' nobre esse sentimento, Snr. Ricardo, e o louvo. Porém, diga-me uma cousa...

— O que, senhor doutor?

— Posso dar a resposta ao meu amigo da côrte?

— Quando isso lhe convier; mas com uma condição...

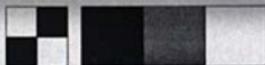
— Qual?

— Se me chamarem á côrte, eu não irei senão depois de passar tres mezes.

— E porque?

— Porque tenho um compromisso com o commendador Carlos de Almeida, e dentro de poucos dias vou exercer alli o logar de seu secretario.

— De seu secretario?!...



— Sim, senhor doutor. E porque admira-se S.S. ?
— Porque as noticias desse homem não lhe abo-
nam conducta bôa. Dizem ser um tyrano para os
escravos.

— Por esses factos sou forçado a aceitar o em-
prego.

— Como?

— Para ser util á humanidade, senhor doutor ;
para alliviar o padecimento da escravidão nessa fa-
zenda... tres mezes me são bastantes...

— E por si só, senhor Recardo ?

— Oh ! não, senhor doutor ; tenho alli um anjo
do céo que me livrará de qualquer triste emergen-
cia...

— E esse anjo?

— E' uma flôr odorifera, suave, meiga, que se gerou
de um tronco ruim e defeituoso, como o contraste
das cousas humanas, flôr que virá mitigar como
seu perfume as chagas gotejantes do captiveiro, oc-
cultas pelo véo do mysterio que se estende por al-
gumas de nossas propriedades ruraes...

— Então conta que esse tempo seja sufficiente ?

— Para o beneficio que intento ?

— Sim, senhor Ricardo.

— Conto que terei consummado os meus desejos..

— Com o auxilio do anjo ?

— Sem duvida, senhor doutor.

— Uma cousa passou-me agora pela mente, se-
nhor Ricardo...

— Tenha V. S. a bondade de orientar-me.

— Uma idéa futura...



— Uma idéa futura?

— Disse o senhor Ricardo que a filha do commendador Carlos de Almeida é um anjo do céu...

— E' verdade.

— Quem sabe se esse anjo virá sorrir-lhe n'um céu de rosas ?...

E Reginaldo olhou bondoso para o joven com riso de tranquillidade.

O mancebo acolheu esse sorriso com agrado, respondendo :

— Um moço sem eira nem beira, não póde aspirar á posse da filha de um rico potentado da aldeia?

— Sem eira nem beira !... quem sabe qual será o seu destino, senhor Ricardo?

— Só tenho uma esperança, senhor doutor.

— Qual?

— A bondade de Deus!

— Para o crente ella não falta, senhor Ricardo.

— Quando o crente tem viva fé.

— Vou agora deixal-o. Permitta-me licença ..

— Já, senhor doutor?

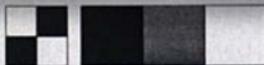
— Necessito retirar-me.

E Reginaldo tomando o chapéo, despedio-se do mancebo, dizendo-lhe :

— Breve nos veremos.

E Ricardo acompanhou o doutor até a porta da rua, levando o lampeão para clarear-lhe a passagem.

Depois, entrando para a salinha, fechou a porta por dentro e dirigio-se ao seu quarto.



Ahi, pondo a luz sobre uma mesinha, sentou-se em seu leito, decentemente arranjado, e ficou como meditando.

Alguns instantes se escoaram.

— Oh! sim... está bem comprehendido o sentido dessa carta, que li ha pouco... O homem que desgraçou a minha mãe é rico... ella o disse nas linhas que aqui tenho... quer reparar uma falta felicitando o filho... mas devo eu aceitar isso? não será uma vergonha, um opprobrio para mim? receber talvez uma herança illicita?... o que não dirá a maledicencia do povo, quando apontarem-me como filho bastardo? oh! oh! vergonha!

E o mancebo curvou a cabeça como acabrunhado.

E' que sua alma nobre e grande se revoltava contra a baixeza do seu nascimento, como um ferrete de ignominia para o seu futuro.

Depois Ricardo ajuntou:

— Dinheiro! dinheiro! tu és o idolo adorado de nossa actualidade; a ti se curvam todos sem distincção de classes. Tu cobres com o teu poder almas corruptas de crimes, cegas os olhos da justiça, entras nos gabinetes dos ministros e transformas o villão da aldéa, o carniceiro do escravo, n'um titular do imperio! Abates a virtude e a intelligencia porque ellas despresando-te não se curvam ao servilismo de uma avida e ambiciosa sociedade! Apesar de reconhecer esse teu poder eu tambem despreso-te! Pelo caminho do vicio repillo-te com todas as forças de minha alma; desejo possuir-te porém pela via honrosa, pelo suor do trabalho e



empregando-te, com os bons desejos do coração, nos que necessitam, nos que gemem agonias da escravidão sem ter poder contra o algóz.

E o mancebo ainda ficou em silencio.

E acrescentou ainda, depois de alguns segundos:

— Tres mezes depressa se passam; mas a perseverança pôde muito, ás vezes supera mesmo ao impossivel... Seja qual fôr o meu destino, estou resolvido a tudo! Deus não me abandonará. A liberdade que é o evangelho de Christo deve ser pugnada por todo homem de sentimentos nobres, ainda mesmo que lhe surjam tropeços e contrariedades. E pois serei um dos humildes sectarios d'essa liberdade; e, amanhã, para dar começo á minha idéa irei para a fazenda do commendador Almeida, aonde um anjo de bondade guiar-me-ha o futuro.

D'ahi a pouco Ricardo deixava o seu aposento indo ter com Serapião no interior da casa.

O sino da matriz da cidade n'essa occasião dava oito horas.

Eram as horas em que Serapião e o joven tomavam ordinariamente o chá.

— Então, disse o traficante avistando a Ricardo, o que lhe queria o Dr. Reginaldo?

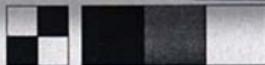
— Um simples negocio.

— Sem interesse?

— Sem interesse.

— E por isso o procurára?

— Apenas para saber o logar do meu nascimento e os nomes de meus pais.



O mancebo occultava a verdade ao traficante.

— Veja lá, Sr. Ricardo! o tempo não é para zombar-se; a guerra do Paraguay precisa de gente. Quem sabe se esse doutor, que é advogado, quer tirar algum partido de sua pessoa?

— Como?

— Pois o Sr. Ricardo não é solteiro?

— Bem o sabe, Sr. Silva.

— Sem pai nem mãe?

— E' verdade.

— Embora seja meu socio e agora obrigado por um trato com o abastado fazendeiro Carlos de Almeida, todavia isso não é isenção para deixar de marchar para o Paraguay.

— Tal não aconteceria, porque graças a Deus tenho algum dinheiro em peculio, elle chegará para pagar a um substituto; e, demais ainda...

— Tem de haver o interesse de nossa sociedade, atalhou Serapião, tomando o seu ultimo gole de chá.

— Já vê pois, Sr. Silva, que nada tenho a temer pelo lado da guerra...

— Ficam desvanecidas as minhas duvidas. Agora, diga-me: quando vai para a fazenda do commendador?

— Pretendo seguir amanhã, se não houver alguma contrariedade.

— Tão depressa? tem ainda oito dias...

— Não importa. Aquillo que podermos fazer hoje não devemos deixar para amanhã; é um axioma que devemos praticar.



— Nesse caso, amanhã arranjaremos as nossas contas, Sr. Ricardo.

— E' como quizer, respondeu o joven repetindo uma chicara de café.

— Um conselho lhe dou, murmurou o traficante olhando para o moço; nunca contrarie as ordens do commendador; é um exquisiteso de genio, e principalmente quando está atacado das hemorrhoidas; veja lá como se porta com esse figurão!

— Fique tranquillo, Sr. Silva; esse homem não me dará receios.

No dia seguinte, cedo, Ricardo fizera suas contas com Serapião, resultando-lhe da sociedade, livre de todas as despezas, 2:800\$000, quantia que o traficante contára em notas do banco e do thesouro, entregando-as ao joven.

No ajuste dessas contas elles não tiveram a menor duvida.

Ricardo fazia deposito em mão de um negociante honrado, que havia sido seu amo, do dinheiro que ganhava, como um peculio para assegurar-lhe o futuro. Augmentára esse peculio com o dinheiro recebido de Serapião.

Agradecendo os bons obsequios que lhe prestára o traficante, Ricardo delle se despedira, retirando-se para a fazenda do « Campo Alegre » levando um cargueiro com o seu par de canastras.



ORGULHO DE ARISTOCRATA

O mancebo fôra recebido pelo commendador com ar aristocrata e soberbo.

Designára-lhe um gabinete para seu aposento, contiguo ao salão.

Depois dissera a Ricardo :

—Acertemos agora a sua obrigação de secretario.

— E' o que V. S. determinar.

— Tem de escrever toda a minha correspondencia, de encarregar-se de minhas contas e tambem da correspondencia politica, se fôr necessario...

— Tudo o que fôr de escripturação, estou prompto a fazer-lhe, Sr. commendador.

— Pois bem, Sr. Ricardo, estamos certos. O seu ordenado é 2:400\$000, livres de toda a despeza, menos a roupa do seu vestuario, que será por sua conta.



— Não ha duvida alguma.

— Oh ! ainda uma cousa.

— Ordene, Sr. commendador.

— Nos domingos e dias santos Vm. ha de fiscalisar os meus escravos aqui na fazenda...

— Como, Sr. commendador?

— De qualquer *falcatria* que elles façam os mandará punir pelo feitor, independente de minhas ordens...

— Porém, Sr. commendador, parece-me que essa clausula não deveria entrar em nosso trato.

— Ora, não se ponha com asneiras, Sr. Ricardo ! pois que lhe custa *sondar* as senzalas dos meus escravos nos domingos e dias santos ? Isso lhe serviria até de distracção...

Ricardo pensára alguns instantes.

— Farei os seus desejos, disse ; não seja isso o obstaculo.

— Diga-me outra cousa, Sr. Ricardo...

— Falle, Sr. commendador.

— Em que cifra-se a sua instrucção ?

O moço olhou admirado para o fazendeiro.

— Pois julga V. S. que eu aceitaria o cargo de seu secretario, apenas sabendo ler e escrever ? Graças a Deus, tive alguma educação, e...

— Oh ! não se moleste com a minha pergunta, Sr. Ricardo ; apenas desejo saber isso, porque tendo mandado minha filha Carlina para um collegio, aonde esteve alguns mezes, ella não recebeu ensino completo. Se bem que olhe com indifferença para estas cousas, porque a verdadeira educação



que hoje ambicionado é a opulencia ou—o dinheiro—fallando portuguez claro; mas como faço parte da aristocracia, não quero que se diga que uma rica herdeira do commendador Carlos de Almeida não teve educação, e assim desejo que lhe dê algumas noções da lingua franceza...

— E' só isso, senhor? eu tambem entendo da geographia, e poderei...

— Pois tambem a ensinará. Porém entendamo-nos primeiro: este trabalho fará parte do nosso trato...

— Não ha nisso o menor obstaculo, Sr. commendador. Folgarei de transmittir a pequena luz de instrucção que possui a uma donzella de alma nobre e bella como a creação de Deus...

— Repito, murmurou Almeida com riso enfatuado; para mim nada significa essa luz ao espirito; a unica luz que enxergo para uma moça é o dote de dinheiro; com elle um menina sobe muito alto; todos rendem culto á sua importancia. Consequentemente consinto que Carlina tome suas lições de francez e geographia, não por necessidade de saber, mas para que se não diga que um titular deixou em olvido o ensino de sua filha. Sou rico, bem rico para ostentar os meus braços de aristocrata...

Pelo pensamento de Ricardo passava ainda uma idéa bem triste sobre o character do fazendeiro, character que é peculiar aos nossos figurões de dinheiro que zombam da bondade, da virtude e generosidade, quando ellas se abrigam no coração do pobre, ante despresado por essagente, que na corrupção social tem o apanagio de sua importancia e grandeza!



O mancebo já conhecia os instintos do commendador Almeida, e por tanto as expressões proferidas agora por esse homem eram a copia fiel de sua alma viciosa.

— V.S. deve sustentar o seu braço perante o mundo civilizado para que a censura não venha depois embaciar o brilho de sua riqueza e hierarchia...

ERicardo pronunciando estas palavras, Almeida não comprehendeu que ellas envolviam o sarcasmo, e por isso respondeu-lhe com emphase :

— Nada deste mundo poderá mariar a minha reputação e importancia... sou grande, bem grande, para olhar com desprezo a esses *quidam*, miseraveis pobretões, que vêm render homenagens à minha rica e alta posição?

E uma risada de orgulho crispou os labios do commendador, corroborando assim o seu pensamento erroneo, indigno e revoltante.

Ricardo ainda olhára para esse homem, como lastimando a cegueira de seu espirito baixo e vil na apreciação da nossa sociedade servil e ambiciosa.

O mancebo não deu uma palavra ao commendador e apenas deixou apparecer em seus labios um sorriso de desprezo.

O dialogo fôra interrompido porque Roberto, o pagem do fazendeiro, o vinha chamar para o jantar.

— Vamos ao jantar, dissera o commendador para Ricardo e ambos se dirigiram ao interior da casa. Passaram-se as horas.



Demos agora attenção a um colloquio agradável entre a filha do titular e Ricardo no jardim da fazenda, aonde se achava tambem D. Joaquina do Nascimento, mas ella havia deixado Carlina com o joven embevecida na contemplação de uma flôr, que bella sorria para ambos ao receber os ultimos raios de um sol vivificante, que lhe matisava a côr azul finissima e transparente.

O sol ia sumindo-se por traz das verdejantes montanhas em frente ao jardim, despedindo-se de umas das mais lindas tardes de estio, em que ao firmamento varrido de nuves, as ondas de luz dourada, já amortecidas pela approximação do crepusculo, dão esse encanto poetico, cheio de magia divina que faz embeber a alma nas suavissimas harmonias da grandeza do Omnipotente, como que arrebatando-nos o espirito para outro mundo repleto de delicias sempiternas.

— Gosta desta flôr? perguntou Ricardo, admirando o formoso semblante da donzella?...

— E' tao linda!... a borboleta!...

— A borboleta? o retrato das meninas bolicosas, inquietas, travessas, que pousam aqui, alli, e acolá, sempre alegre sacudindo as azinhas tenuous na liberação do liquido perfumoso dos calices das flôres...

— Então compara-me com a borboleta? voluvel, travessa sem merito?

— Não, aventurou o mancebo, fixando a menina com summo interesse, pelo contrario acho-lhe infinita graça...



— Ora senhor Ricardo... meu genio é assim... não posso contrafazer-me... minha alma é alegre, porém ás vezes tambem se fecha de pezar.

— Sua alma está reflectida no espelho de sua graciosa physionomia, tão limpida e serêna como aquelle céo tão puro que nos dá vida...

— Estou mais contente hoje porque tenho um companheiro de alma nobre, a quem posso manifestar meus sentimentos, dpositando em seu coração todo a minha confiança. E de mais, vai ser o meu mestre de francez e geographia, e como discipula cumpre-me obedecê-lo...

E Carlina deixou brincar em seus labios de coral meigo sorriso, que transformou-lhe o semblante na magia de um cherubim.

— Obediencia! exclamou Ricardo como abysma-do; obediencia eu é que hei de prestar-lhe...

— A' mim?

— Que duvida.

— Não consentirei.

— E porque?

— Porque vai ser o meu professor.

— Professor, não, dar-lhe-hei o pouco que sei.

— Modestia... senhor Ricardo.

— Tive desejos de saber alguma cousa; porém quasi nada sei.

— Havemos de vêr se falla a verdade.

— Deixo-lhe o direito de julgar-me.

— Eu julga-lo? Ora essa!

E a donzella prodigalizou mais um magico e macio sorriso ao mancebo.



— Teria nisso prazer no coração.

— Espere uma cousa..

— O que ?

— O João congo quer conhece-lo... é um negro de alma generosa, ou antes um homem de honra...

— Oh ! fez Ricardo com certo estremecimento.

— Porque se agita assim ?

— Agitar-me assim ? não ; foi uma idéa repentina que atravessou-me a mente...

— Uma idéa do captivo do escravo ?

— Sim ; a desgraça de um homem...

— E', em verdade, um desgraçado, Sr. Ricardo... Elle lhe abrirá seu coração magoados...

— Suas queixas ser-me-hão como um evangelho... E quando o poderei vêr ?

— A' noite, em sua senzala. Roberto o guiará. Deixe isso por minha conta, Sr. Ricardo.

Neste interim D. Joaquina do Nascimento voltava ao lugar aonde tinha deixado a filha dizendo-lhe em certo tom de censura ;

— Então, está aqui a contemplar ainda essa flôr, menina ?

— Não, mamã... estava conversando com o Sr. Ricardo sobre o ensino que vai dar-me.

— Ensino de que ?

— Pois mamã não sabe ?

— Ah ! sim... é uma bôa asneira de teu pai, menina... Para seres feliz basta teres dinheiro...

— E só isso, mamã ?

— E o que mais queres ?



—Desejo saber tudo quanto sabe o senhor Ricardo...

—Tolinha ! voltou D. Joaquina com severidade ; pois eu cá sei alguma cousa ? e não estou hoje uma mulher grande ! mulher de um figurão !

Ricardo olhou lastimoso para esse pobre espirito, que nada comprehendia, que enfatuado do dinheiro que o cegava, proferira essas palavras do erro e da ignorancia, que são proprias da gente da classe infima.

O mancebo nada disse, e apenas fitou o suave e terno semblante de Carlina, que igualmente lastimou em silencio o máo pensar de sua mãe, silencio que Ricardo comprehendêra sem esforço pela expressão desenhada no rosto do anjo.

D. Joaquina virando-se depois para o joven murmurou :

—Então vem morar aqui na fazenda por muito tempo, Sr. Ricardo ?

—E' cousa que não lhe posso responder, minha senhora, porque isso depende do futuro...

—Não o entendo. Futuro !... o que é futuro ?...

—Futuro é o tempo com o qual não podemos contar, minha senhora.

—Ah ! é isso...

E a mulher como que comprehendendo a idéa do joven ajuntou :

—Se eu quizesse podia saber tambem muita cousa ; mas como sou rica, muita importancia tenho... Tu has de vêr, Carlina... quando te vierem pedir em casamento, que não é essa tua ca-



rinha de boneca que *engutcard* isso, mas sim o teu dote em dinheiro... O que dizes, minha tolinha? não é isso uma verdade?

— Seja lá o que mamãe quizer, respondeu a menina em tom sério, porque não tenho na mente idéa de casamento... quero viver livre na minha juventude para admirar esta natureza tão bella, tão cheia de poesia divina.

Ao acerto deste pensamento Carlina teve em resposta um riso de sua mãe murmurando como uma reprehensão:

— Tu não casarás se teu pai não quizer!

Ricardo ouvira tudo isso sem proferir uma palavra; e para furtar-se aos disparates da esposa do commendador, pretextou:

— Perdôe-me, minha senhora, necessito escrever certo papel, de que ia-me esquecendo. Dá-me licença, D. Carlina...

E o mancebo olhando significativamente para a donzella, esta disse sorrindo:

— Quando se tem occupação não se deve pedir desculpa, Sr. Ricardo.

E o joven sahio do jardim.

Horas depois Ricardo tinha um colloquio com Roberto.

— Então estás satisfeito com a minha vinda?

— Oh! Sr. Ricardo, muito!...

— E porque?

— Porque senhor Ricardo vem fazer para mim e para meus parceiros todo o bem...

— Como isso, rapaz?



—Escute, senhor Ricardo. Sinhásinha é uma menina muito bôa; não gosta que os pretos captivos apanhem com o bacalhau na escada... Senhor commendador é mão; só o que quer é tirar sangue do escravo, e não attende nada!

—Então, Roberto, aqui na fazenda se castiga muito a escravatura?

— Oh ! lá, Sr. Ricardo ! isso nem se falla ! uma cousa é vêr, outra é contar...

— E' exacto isso, Roberto?

— Eu juro por Deus Nosso Senhor ! Olhe, Sr. Ricardo, aqui tem um negro velho, que se chama pai João congo, que o deseja conhecer muito... esse negro pôde lhe contar sua historia triste e cheia de sangue... o pobre negro padece muito...

— E quem foi dar-lhe noticias minhas !

— Eu, senhor Ricardo. E de mais sinhásinha mesmo me disse que fosse ter com pai João sobre Vm... e que depois viesse aqui para leva-lo à senzala.

— Pois vamos, Roberto. Desejo muito conhecer a esse escravo.

— Oh ! senhor Ricardo ! Pai João tem um coração muito bom... hade ficar amigo delle...

— Eu tenho pena de todo escravo que soffre, Roberto, murmurou o mancebo sahindo do seu quarto, indo Roberto adiante.

Era já noite fechada; mas no aposento do mancebo estava um pequeno lampeão aceso.



Emq
pai Joã
contra
transp
Lopes.
Na d
bondad
do o ce
nheira,
sob um
e adm
E' ne
Na v
rior da
eAméri
sortes f
— Or
— Po

UMA NARRAÇÃO DE VIAGEM.

Emquanto Ricardo se dirige para a senzala de pai João, o deixemos por algum tempo e vamos encontrar outras personagens deste toscó romance, transportando o leitor para o sitio de Americo Lopes.

Na doce paz do lar domestico frua esse moço a bondade de sua querida esposa Bemvinda, louvando o céo por ter-lhe deparado tão terna companheira, que lhe fazia sorrir a vida como respirada sob um céo de rosas orlado de bellezas infinitas, e admirando a Deus, creador de tudo.

E' noite.

Na varanda, que servia tambem de sala do interior da casa, illuminada por um lampeão, Bemvinda e Americo conversavam nesse tom amigavel de consortes felizes, olhando um para o outro ternamente.

— Ora, Americo, já estou cheia de cuidados...

— Porque, Bemvinda?



—Nosso pai já se demora... vinte dias e nada de noticias d'elle!

—Ora, não te dê isso cuidado... bem sabe que elle nos deu um mez para voltar...

—Porém ao menos podia-nos mandar alguma carta...

—Quem sabe se nos quererá preparar uma surpresa?

—Mas, para que isso?

—Para nos ser mais agradável a recepção...

—Isso não satisfaz, Americo, os meus cuidados... Papai está tão velho!... talvez alguma doença...

—Tu não tens confiança em Deus, Bemvinda?

—Oh! muita!

—Pois tem esperança...

—Mal de nós se ella nos abandonar!

—Tranquillisa teu espirito... tenho cá certo sentimento que teu pai chegará a qualquer hora.

—Assim permittisse Deus, Americo!

—Deus é bom e misericordioso, e guiará os passos de teu pai, Bemvinda.

—Agora vamos aventurar uma cousa, meu caro esposo...

—O que, Bemvinda?

—Se papai descobriu o que queria?

—Sobre o mysterio da vida de João Cypriano?

—Sim.

—O barão do Taquaral?

—Elle mesmo.

—Sim, Bemvinda, segundo o meu entender,



julgo que algum crime feio pésa na consciencia desse homem, que foi camarada de teu pai tanto tempo. Não era possível que, no decurso de alguns annos, ficasse assim tão rico, salvo se achou algum diamante de grande valor!

— Penso pelo lado máu, Americo, observou Bemvinda olhando para o marido.

— Eu tambem penso. Ah! se em realidade esse barão commetteu um attentado, um roubo grande, a justiça divina o punirá tarde ou cedo.

— E se apparecerem as provas, Americo? não terá a justiça da terra obrigação de cahir com toda força sobre o criminoso?

— Obrigação? um dever sagrado, Bemvinda! Porém a justiça fechará os olhos a seu chefe...

— Não te comprehendo...

— O barão é chefe de partido, e as auctoridades da cidade, todas lhe prestam obediencia; e assim, qualquer prova, que por ventura haja sobre sua culpabilidade, será abafada... Comprehendes-me agora?

— Seria possível isso Americo? Mas, escuta, alguém se approxima... Meu Deus! quem será?

— Se fosse teu pai!... exclamou o moço com agitação.

— Oh! oh! exclamou a bôa esposa admirada.

E Americo sem detença dirigiu-se pelo corredor da casa, cuja porta principal dava para o terreiro.

Nesse corredor encontrára-se com um individuo, que vinha de botas e esporas.

— O Sr. Leonardo! murmurou o esposo de Bem-



vinda cheio de contentamento, e dando um abraço no velho.

— Então como estão vocês por aqui! disse Leonardo entrando pela varanda.

— A sua benção, papai! gritou Bemvinda com alegria.

— Ah! papai! demorou-se tanto! neste instante acabavamos de fallar de Vm.!

— E' verdade, Sr. Leonardo, ajuntou Americo. Bemvinda já estava cheia de cuidados...

— Não dei noticias minhas, respondeu Leonardo, porque tencionava causar-te surpresa, minha filha; e, graças a Deus, fiz boa viagem, apesar de alguns contratempos que tive.

Dahi a pouco todos os escravos de Americo vinham tomar a benção do ancião, que tivera o cuidado de mandar desarreiar o seu animal.

Em seguida Leonardo tirára suas botas e calçara os seus chinellos grossos.

— Papai deve ter fome, disse Bemvinda olhando para o velho com satisfação.

— Sim, menina, manda-me apromptar alguma cousa, pois estou só com o almoço, e com oito leguas de caminho!

— Coitado do papai! Tenha paciência; vou á cozinha ajudar a Josefa; porém estou tão anciosa por saber o resultado de sua viagem, papai!...

— Espera, Bemvinda, murmurou Leonardo, pegando no braço da filha; não tenhas esse incommodo. Josefa arranjará a comida; é uma boa escrava.

— Pois seja como papai quer.



E Bemvinda foi á cosinha ordenar a comida e voltou logo para junto do velho.

— Sente-se aqui na rêde, Sr. Leonardo, para descansar, observou Americo com bondade. Depois, se lhe aprouver nos contará os pormenores de sua viagem a Minas.

— Sim, Sr. Americo, porque em realidade acho-me alquebrado de forças! Ha tão longo tempo que não faço uma viagem assim!... Porém a Providencia divina guiou os meus passos... descobri o que queria!

— Ah! exclamaram os dous esposos, olhando atentos o respeitavel ancião.

— Sim, meus filhos d'alma! o crime ha de ser patenteado, murmurou Leonardo com mysterio.

— O crime?!... clamaram Americo e Bemvinda.

— E' um attentado negro, que ficaria nas trevas da ignorancia se não tivesse eu o trabalho de descobri-lo!

— Até onde chegou, Sr. Leonardo?

— Não passei da cidade de Passos. Porém tive dias de falhas e outros em que andava pouco por causa do animal. Tinha feito tenções de ir até o Sabará, mas Deus teve compaixão do pobre velho, e encurtou-lhe a viagem.

— E os seus contratemplos, papai?

— Oh! sim, tive alguns; mas elles nada são, porque obtive aquillo que tanto desejava!

— Perdôe-me, Sr. Leonardo, disse Americo em tom respeitoso; sou curioso das narrações de viagem, e por isso peço-lhe que os seus incommodos...



— Sim, papai; conte-nos isso.

— Eu os satisfaço já.

E Leonardo calou-se alguns instantes, como quem se recordava do passado. Depois fallou assim :

— O primeiro contratempo que soffri foi a passagem de um caudaloso rio que, não tendo ponte, fui forçado a atravessar, porque sendo já quasi noite, cumpria-me vêr o pouso. A torrente era impetuosa e por duas vezes lutei a nado com o animal; e elevando o meu pensamento a Deus fiz um inaudito esforço e passei o perigo; porém em que estado? todo molhado e sem saber se adiante encontraria uma casa que me desse agasalho. Senti logo um calafrio tomar-me os membros como a ameaça de uma forte constipação. Metti as esporas no animal e caminhei: ao fim de meia legua de marcha, deparei com uma habitação á beira da estrada. Foi-me isso de agradável surpresa. Era já noite fechada. Uma dessas vendas da roça foi a primeira cousa que vi, e illuminada por um velho candieiro de folha. Apejando-me do animal, esbarrei-me com um individuo bem encarado, vestido de um grosso jaleco de panno grosso azul e de calças de algodão mineiro, que perguntou-me logo o que queria.

Contei-lhe o que me havia acontecido. Elle escutou-me com ar sério; porém depois rindo-se disse-me :

— « Quasi que levava a bréca; mas o seu anjo da guarda foi-lhe favoravel. »

— « Dá-me por obsequio uma pousada? estou a tiritar de frio e com febre... »



— « Ha de passar mal, porém meu coração é bom.

— « Oh! Senhor! disse-lhe agradecido.

Tempo depois, em uma cama de colchão, bem assediada, tomava um chá de flores de sabugueiro. E duas horas de repouso fôram tempo bastante para curar-me do calafrio. Amanheci bom, e com appetite. Pedi alguma cousa para comer, e o proprietario da venda tratou-me como podia, dando-me feijão, gallinha e arroz, tendo no entanto o interesse de saber quem eu era, para onde ia e com que negocio. Satisfazendo-lhe o desejo, contei-lhe que um negocio me chamava á cidade de Passos, e por isso expunha-me aos incommodos de uma viagem longa. Querendo-lhe depois pagar a despeza do pouso, o homem foi generoso nada querendo receber. Agradei-lhe de todo coração o favor e segui a minha viagem.

— E' casado esse homem, papai ?

— Sim, Bemvinda, e com dous filhos pequenos.

— E seu nome, Sr. Leonardo ?

— Honorio de tal.

— Quando andamos em viagem e encontramos a hospitalidade franca e generosa do pobre, é uma cousa que nos falla no fundo d'alma reconhecida, que pensa na bondade de Deus, disse Americo com intenção.

— E por isso quer tomar nota do nome desse homem hospitaleiro? voltou Leonardo olhando o genro com agrado.

— E' bom saber-se os nomes dos homens generosos. Ninguem sabe do seu futuro. Quem nos dirá



que poderei igualmente fazer uma viagem para Minas ?

—Tem razão, Sr. Americo.

—Sem conhecer a esse homem, já lhe voto reconhecimento pela hospitalidade que deu a papai.

—Escutem, meus bons filhos, murmurou o honrado velho; este contratempo que tive nada foi em comparação a outro que me appareceu dias depois...

—Já estou prevendo alguma cousa ruim, papai, disse Bemvinda como anciosa.

—Se algum perigo houve, elle já passou: observou Americo, como um aparte.

—Sim, menina; considera isso como um desses sonhos máus que algumas vezes nos accommettem a mente adormecida. Escuta.

Nesse interim Josefa veio dizer que a comida de seu senhor velho estava sobre a mesa.

—De pressa apromptou-se a minha refeição! disse Leonardo levantando-se da rêde.

—Havia carne frita, papai; foi só o tempo de temperar-se o arroz e cozer a gallinha.

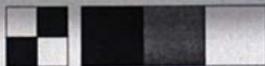
—Qualquer cousa me bastaria, menina.

E indo para a mesa o velho ajuntou:

—Agora vou refazer-me de forças, e depois continuarei a narração de minha viagem.

Aproveitemos o ensejo para pôrmos o leitor ao conhecimento dessa viagem de Leonardo.

Estará lembrado que o honrado velho fizera o proposito de penetrar o mysterio da vida de João Cypriano, barão do Taquaral, julgando não ser ella isenta de um grande crime; e cumprindo esse pro-



posito se animára, apesar de sua avançada idade, a expôr-se aos trabalhos de uma jornada longa e incerta em busca de provas que lhe pudessem evidenciar a verdade e assim prestar um grande serviço à sociedade, denunciando um criminoso titular e potentado.

Debalde Americo e Bemvinda se oppuzeram a essa resolução do velho Leonardo; baldados foram as suas prudentes observações.

O pobre homem a nada attendêra e fizera então comprehender que Deus era o seu guia, e por consequencia não enxergava perigo que obstasse à sua partida com destino talvez até Sabará, na provincia de Minas-Geraes.

A ingratiidão praticada pelo barão, com esse ar soberano e soberbo, muito penalisára a alma grande e sensível daquelle que fôra o seu bemfeitor; e, assim, para desforço dessa vil e indigna acção, ficára de pedra e cal, contando que o pensamento não lhe seria vão.

Não querendo ninguem para o acompanhar, apromptára-se e partira só para a provincia de Minas, com o pretexto de negocios do commendador João Cypriano, barão do Taquaral, de quem dizia ser empregado.

O honrado velho dêra um mez para estar de volta; e abraçando os filhos seguira o seu destino.

Ruins idéas, como naturalmente acontece quando um membro da familia se ausenta, vêm assaltar logo o espirito do pai, mãe, esposa, filho ou irmãos; assim vieram tambem os cuidados accommetter



a alma de Americo e Bemvinda, ao separarem-se do ente a quem tanto presavam. Baniram porém esses máus pensamentos e puzeram toda sua confiança em Deus.

O mez que decorrêra nos vinte dias da ausencia de Leonardo fôra mui longo para os dous esposos. Mas sua impaciencia tivera fim pelo regresso do velho.

Continuemos o romance.

— Papai, disse Bemvinda, beba agora este copinho de vinho para dar-lhe mais forças.

— Estou escandecido da viagem, menina, e este vinho poderá fazer-me mal.

— Qual, senhor Leonardo, ajuntou Americo, com sollicita bondade; beba o vinho; não lhe fará mal; é de qualidade superior.

— Pois seja como querem, murmurou o velho tomando o copinho e bebendo o liquido regenerador.

Largando depois esse copinho na mesa, Leonardo, olhou para Bemvinda, deu um estalo com a boca e murmurou, como se tivesse tirado a prova do vinho:

— E' excellente de gosto!

— Vai dar-lhe forças, papai.

— Agora, torno para a rêde, e alli continuarei a contar a minha viagem, visto ter reparado minha debilidade.

E Leonardo foi sentar-se na rêde.

Os dous esposos sentaram-se em tamboretas perto do velho.



Era
quena
logarej
santos
uns vão
coolicos
incauto
passar
e eu er
tendo t
— Un
veio pr
— Sin
mal ves
de faca
injurios
ou a pr
um emp

UM CRIME NAS TREVAS.

Era domingo, e eu tinha de passar por uma pequena povoação ou arraial. E' quasi sempre em logarejos desses que ha brigas e desordens nos dias santos e domingos. A gente ruim e pobre alli vai: uns vão para jogar, outros para beber espiritos alcoolicos, e outros para accommetter a qualquer incauto viajante, que por infelicidade tem de passar por taes logares. Eram tres horas da tarde, e eu entrava nesse insignificante arraial, apenas tendo umas vinte casinhas [e algumas vendinhas.

— Um bebado talvez, atalhou Bemvinda anciosa, veio provocar a papai...

— Sim minha filha, um bebado surgiu ante mim, mal vestido e com uma cara de facinora, com grande faca na cintura, e ameaçou-me com palavras injuriosas. Repelli-o com severidade; mas continuou a provocar-me; encarando-o, fil-o recuar com um empurrão no peito. Avançou-se então furioso e



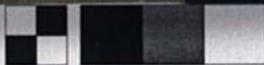
com a faca já na mão e vociferando acommetteu-me espumando pela boca. A este tempo vi um grupo de individuos, tambem mal vestidos, que tomaram o partido do bebado. Considerei-me então perdido; eram homens mal intencionados que alli se achavam com o prazer sómente de representarem uma disputa. Um delles tomou o freio do animal para não fugir do seu poder. Involuntariamente lembrei-me do revolver, que me havia dado o Sr. Americo para minha segurança na viagem. Tirei a arma e intimidei aquella gente. Porém tive ainda de lutar com outro sujeito.

— Oh! que perigo, que correu o papai! exclamou Bemvinda em voz tremula.

— Sim, Sr. Leonardo, poderia ser victima innocente desses malvados, que não temem a punição da lei e que se juntam nas estradas e logarejos em dia santificados para praticarem roubos e assassinatos, zombando das auctoridades policiaes, que relaxam o seu ministerio, perjurando o juramento do cargo.

— E' um dos males que mais affectam o nosso paiz respondeu Leonardo com gravidade. Por toda parte, sem excepção de provincia, apparecem estes flagellos para o povo pacifico. A falta do correctivo de nossas leis penaes, e os desmandos dos seus executadores, são as causas primordias dos attentados que se reproduzem entre essa classe da gente infima e ignorante...

— E o honrado e esclarecido velho ao terminar as ultimas phrases, sorriu com certo riso de tris-



za, que não passou desapercibido para Americo, que lhe comprehendeu a intenção, e por isso ajuntou assim. Sim, senhor Leonardo, nós fazemos parte dessa classe, porém, graças a Deus, educámos o nosso espirito nas boas regras da moral, repellindo o vicio e o crime.

— E' verdade. Tivemos a ventura de conhecer esse bem consideravel, que concorre para a felicidade de uma nação. Mas, tornando ao episodio de minha viagem, o sujeito que se arcára commigo, vendo-me com o revolver, tirou da cintura uma pequena pistola que não lhe tinha visto, e com a velocidade do pensamento armou o gatilho e ia disparar-me um tiro á queima-roupa, quando um homem surgindo adiante, pegou esse braço estendido, desviando o tiro, que foi ferir o hombro do outro individuo, que pedira logo soccorro. Agradei de toda minha alma a generosa acção que praticára o homem, que escudando-me com a sua protecção fez dispersar toda essa gente má, só informando-me que chegara no momento em que um crime se ia perpetrar livrando-me de uma morte certa. Na perturbação de espirito em que me achava, não occorrêra-me á lembrança de saber o nome do generoso homem, que supuz ser alguma influencia daquelle arraial, e assim passei a pequena povoação, tomando o meu caminho e receiando ainda esses malvados...

— Foi o dedo de Deus que livrou a papai da furia brutal dessa gente! exclamou Bemvinda, como agradecendo ao céu esse favor feito ao velho.



— Sim, minha filha, foi o dedo de Deus que livrou-me.

— Bem diz o dictado: que aonde está o homem está o perigo; voltou Americo fitando a seu sogro.

— E foram só esses os seus trabalhos, papai?

— Oh! não, Bemvinda, soffri ainda mais algum contratempo. Porém para que vos fatigar com a narração minuciosa da jornada?

— Fatigará a papai e não a nós, que ouvimos com interesse.

— Para dizer-te tudo quanto soffri, máu tempo, dias perdidos, mal dormido, passando ás vezes fome, encontrando almas caritativas e deshumanas: tudo isso resume a viagem, que penosa, porém com felicidade encetel...

E o velho juntando as mãos, como que em oração muda, agradeceu ao Creador o beneficio que lhe havia outorgado.

— E o crime de João Cypriano, Sr. Leonardo? perguntou Americo com summo interesse.

— Oh? esse arcano eu não lhe posso dizer já; mas prometto-lhe orienta-lo de tudo. Por ora quero que fique esse crime nas trevas da ignorancia. Desejo que a queda do barão do Taquaral seja grande, como grande é a sua impostura. Tenho um papel commigo que me vale um milhão; se preço existe para a punição de um homem, que pelo caminho do crime collocou-se tão alto, zombando de uma sociedade servil, ambiciosa e... corrupta!

— Quaesquer que sejam as suas tenções sobre esse facto, que denuncia um grave attentado, eu as res-



peito, apesar da minha impaciencia e curiosidade, murmurou o moço contrariado pela negativa do honrado velho.

— Leio em seu semblante o desejo do seu espirito, Sr. Americo; porém tranquillise-se; o tempo em que pretendo dar publicidade ao mysterio da vida do barão do Taquaral, não irá longe. Não se pôde tratar de chofre da queda de um figurão. E' preciso ir-se gradualmente, fazendo assim calar em sua alma perversa e prevaricadora a intensidade de um negro attentado, para expia-lo em desaggravo da sociedade offendida.

E Leonardo, assim fallando, encheu-se de certa satisfação intima, que patenteou a seus filhos no espelho da physionomia.

— Ora, papai, disse Bemvinda com ingenuidade, porque vocemecê não pune já o crime de João Cypriano?

— E' impossivel, minha filha. Isso não depende de mim.

— E então de quem depende?

— Do tempo...

Americo olhou para seu sogro admirado.

— Do tempo? perguntou.

— Sim, Sr. Americo, do tempo.

— Pois vocemecê não acabou de dizer que trouxe um papel, que lhe vale um milhão?

— E' verdade. Mas ahi não está tudo quanto desejo; falta ainda alguma cousa.

— Poderemos saber, Sr. Leonardo?

— Ha um individuo que dentro de algumas sema-



nas, ou talvez mezes, deve aqui apparecer com provas que vêm corroborar esse papel, que se fosse já patenteado seria um inconveniente. Esse individuo vem de Sabará, e o espero, se Deus o permittir...

— Estou agora conhecendo que a vida do barão do Taquaral envolve grande mysterio ! como mysterio encerra a vida da mór parte de nossos figurões !

— Se o bezerro de ouro não tivesse o seu culto, respondeu Leonardo com gravidade, e a justiça não se cegasse pelos esplendores de seus raios, a sociedade seria outra : os homens teriam crenças ; não transigiriam a consciencia ; respeitariam o sanctuario da lei ; cuidariam do progresso da patria ; e olhariam com toda attenção a instrucção do povo, que faz a soberania de um paiz, sua moralidade, sua grandeza e sua civilisação !

— Mas, infelizmente, o nosso mundo hade permanecer assim ainda por muito tempo. Ao carro da civilisação, com seus eixos perros, só a mão do tempo, no futuro, poderá tirar do entorpecimento em que actualmente se acha.

— Sim, Senhor Americo, o proprio povo ha de na posteridade ser esse conductor da civilisação e com ella a extincção completa do captivo para que assim se proclame a liberdade do imperio de Santa Cruz... Porém, agora, Sr. Americo, interrompamos nossas idéas ácerca dos males deste pobre paiz ; e á mercê do destino, a náu do Estado, sem derrota certa, ignora o porto do seu ancoradouro.

— A comparação é exacta no sentido em que se

exprim
severa
E A
sogro.

— Si
vel, e n
o Paraq
— A

Hora
milia e
descan

N'out
vera o
buscar

ticias c
Como
ellas lh

mercio
signant

Leona
que lhe

— Cor
sorriso.

— Opt
me lemb
semblan

— E' m
— Não

manitas v
dormir..

— Per



exprime, Sr. Leonardo. A náu do Estado, posso asseverar-lhe, não navega por mares bonançosos...

E Americo ficou silencioso, olhando para seu sogro.

— Sim, o nosso estado de cousas não é favoravel, e não sei ainda se essa guerra que temos com o Paraguay, torá um desenlace feliz...

— A Providencia o ha de permittir.

Horas depois deste colloquio a bôa e honrada familia estava em repouso, e o velho Leonardo no descanso de sua viagem.

N'outro dia, pela madrugada, Americo Lopes tivera o cuidado de mandar um escravo á cidade buscar os seus jornaes no correio, para vêr as noticias corridas pelo mundo.

Como já dissemos, o moço gostava de lêr gazetas e ellas lhe instruiam o espirito. Lia o *Jornal do Commercio* e o *Correio Paulistano*, dos quaes era assignante.

Leonardo levantára-se cedo, e abençoára a filha, que lhe viera beijar a mão.

— Como passou, papai? disse ella com bondoso sorriso.

— Optimamente! dormi como ha muito tempo não me lembra, Bemvinda! respondeu Leonardo com o semblante alegre.

— E' porque chegou cansado, e assim...

— Não é esse o motivo; porque tambem na viagem muitas vezes chegava cansado ao pouso, e não podia dormir...

— Perdão, Sr. Leonardo, murmurou Americo



rindo-se, não podia dormir por ter na idéa o pensamento em cuidado da continuação da jornada, julgando encontrar incommodos e precipícios... Não?

— Tem razão, não reflecti bem. Dormi porque já não pensava nessa viagem penosa...

— E não sei como poudes papai vencê-la! disse Bemvinda como se tivesse ainda recelos.

— Venci-a porque Deus o permittiu, minha filha.

— Seu intento era fazer um bem...

— Que o reputava grande para a humanidade, e assim poderia correr o nosso mundo sem que temesse o mal...

Josefa viera chamar essa boa gente para tomar o café.

Corrêra o tempo.

Na tarde desse dia Americo lia o «Jornal do Commercio» com interesse.

— Então, o que temos de novo da guerra?

— Nada de novidade. Tudo no mesmo pé.

— Milhares de vidas preciosas hão de ceifar-se nesse açougue do Paraguay...

— E' isso só, Sr. Leonardo? e o empenho da nação?

— Ella jogará o ultimo recurso na partida de honra!

— O paiz hade lutar com immensas difficuldades!

— A providencia o auxiliará, disse o bom velho com intima convicção.

— Lastimo a sorte dos nossos Guardas Nacionaes, pais de familia!

— E o nosso commandante superior que é o amal-

diçoado barão do Taquaral! ajuntou Leonardo como lastimando o povo.

— Um coração de pedra!

— E muito apropriado para a época!

— O pobre será amarrado e o rico galardoado!

— E este flagello perseguirá a infeliz gente acabrunhando-a de padecimentos.

E Leonardo foi também passando os olhos pelo «Jornal» sem encontrar o que chamasse a sua atenção.

Depois observou gravemente:

— Não de deixar orphãos sem o pai, esposa sem o marido, viúvas sem os filhos... não de fazer todas as sortes de vexames... não de especular com viveiro de gente para substituir os designados da Guarda Nacional, com tanto que appareça dinheiro... não de desprezar o direito, a lei, e a vontade dos nossos homens do governo será o despotismo incarnado na hypocrisia revoltante da justiça!

— A justiça! a justiça! murmurou Americo com sorriso de censura. Só tem justiça quem tem dinheiro! supplanta-se o direito quando o direito é pela causa do pobre!

— E' a triste verdade que deparamos por toda parte, ajuntou Leonardo com visos de pezar.

Bemvinda entrava nessa occasião.

— Aonde estavas? perguntou Americo olhando a esposa.

— No quintal.

— Está prompto o jantar!

— Está prompto. Tens fome, Americo?



— Alguma.

— E meu papai ?

— Tenho tambem alguma.

— Pois então vamos ao jantar, que já está na mesa.

Este dialogo se déra na sala de fóra.

E todos se dirigiram ao interior da casa.

Cumpre-nos informar ao leitor que essa casa do sitio de Americo é regular, bem construida, toda caiada e assoalhada. Bôas terras de cultura, café-eirae novos, excellente aguada, monjollo, paídes e pasto, com agradável vista pelo lado da frente, conservando um terreiro areiado, e algumas senzalas cobertas de sapé em redor.

Arrozaes e bôas roças de milho se veem ao longe em montanhas e *covôadas*, patenteando assim o abençoado trabalho do agricultor laborioso e intelligente, que o leitor conhece como um bom amigo do progresso do seu paiz.

Volte
O ma
aonde
ao pé d
tiva.
O esc
de resp
— Ad
triste ?
ção para
— Es
de dôr..
centrad
— Ah
— Ru
Rober
murmur
os noz



XIV

UMA BOA ACÇÃO

Voltemos agora a Ricardo de Lima.

O mancebo se dirigira á senzala de pai João Congo, aonde encontrára-o assentado, como de costume, ao pé do fogo, n'essa attitude merencoria e meditativa.

O escravo avistando o moço levantou-se, e cheio de respeito tomou-lhe a benção.

— Adeus, Pai João? então o que é isso? estás triste? perguntou Ricardo olhando com toda attenção para o negro.

— Escravo está sempre assim... coração está cheio de dôr... respondeu Pai João dando um suspiro concentrado.

— Ah! soffres no coração?

— Ruindades de senhorio máu...

Roberto que tambem tinha vindo com o mancebo, murmurou, intervindo no colloquio :



— Sim, Sr. Ricardo, Pai João é o negro que mais tem padecido aqui na fazenda!

— Pobre escravo! exclamou o joven com vizivel sentimento d'alma.

Pai João fitou a physionomia expressiva do moço, e deixou correr duas lagrimas pelo rosto agoniado, dizendo:

— Preto tem coração bom, e alma grande para sentir...

Estas expressões do escravo fôram calar no intimo do peito de Ricardo, que observou:

— Teus males, de hoje em diante, hão de minorar, prometto-te, Pai João.

— Porém senhorio é muito ruim.

— Não importa; eu serei por ti...

— Senhorio não attende ninguem, nem mesmo a Sinhásinha...

— Sinhásinha... articulou Ricardo com certa intenção que o escravo não comprehendeu.

— Sinhásinha, filha de senhorio commendador...

— Sei, pai João. Sinhasinha é uma moça boa...

— Oh! oh! fez o escravo em tom agradecido.

— Então, tu a queres muito?

— Sinhásinha é o anjo do céu!

Ricardo sentiu intimo prazer em ouvir o preto fallar assim.

— Pois eu tambem gosto muito desse anjo, pai João...

— Ah! se não fosse senhorio commendador, senhor Ricardo bem podia ainda...

— O que, pai João?



— Casar com Sinhásinha...

O mancebo sorriu-se bondosamente e disse:

— Isso é impossível, pai João. Teu senhor é homem poderoso de dinheiro, e eu sou um pobre.

— Senhorio de dinheiro tem coração de pedra, e senhor Ricardo coração de ouro...

— Como, pai João?

Roberto que escutava todo o dialogo sem interrompe-lo, respondeu:

— Pai João já lhe conhece bem, senhor Ricardo; eu conversei com elle a seu respeito, e... tambem de Sinhásinha...

— Ah! tu já lhe fallaste de mim...

— E nós ficámos satisfeitos...

— Dize-me uma cousa, pai João?

— O que, senhor Ricardo?

— Estás contente com a minha vinda para aqui?

— Preto está muito contente...

— Pois bem, para ficar muito teu amigo, peço-te que me contes toda a historia do teu captivo e as tuas desgraças...

— Historia de preto é muito triste...

E pai João suspirou involuntariamente.

— Eu te ouvirei com attenção.

E o escravo designando um cêpo, que tinha na senzala, e que lhe servia de banco, pediu a Ricardo que se sentasse.

Depois preparou o seu pito com fumo, e acendeu-o.

Roberto puzera-se de cocaras ao pé do fogo.

E, pitando, começou pai João a narração do seu



captivo, suas lagrimas, suas penurias, seus martyrios do *bacalhau*, sua dôr profunda pelo assassinato de sua mulher e de seu filho, de nada olvidando-se, patenteando mesmo o odio concentrado que tinha a seu senhor, e abençoando a bondade, a doçura, a singeleza e a virtude do anjo de Deus, que nos dias santificados vinha suavisar os padecimentos do escravo e distrahi-lo alguns instantes, dando-lhe dinheiro para fumo e rapaduras.

Em linguagem tosca, pai João se exprimira com todo sentimento d'alma, denunciando assim a Ricardo possuir um coração nobre e generoso, sabendo apreciar o bem e repellir o mal.

Ricardo o ouvira silenciosamente, admirado que o escravo conservasse a memoria fresca e calma para não esquecer-se da menor phase da sua vida de captivo, compungindo-lhe os seus crueis padecimentos, e abominando a impiedade do senhor.

E assim, murmurou:

— Cálculo toda a extensão dos teus males, pai João. Tu, merecias outro senhor, porque és um bom escravo. Porém não desesperes de tua sorte; tem fé em Deus, e eu te livrarei dos teus supplicios. Tua Sinhásinha hade ser o teu anjo da guarda...

— Sinhásinha! Sinhásinha! murmurou o escravo com transporte; se preto fica livre de senhorio máu... ah! Deus do céu! preto faz sua oração...

E pai João levantou-se, juntou as mãos e ergueu os olhos para cima, como fazendo uma prece muda.

Ricardo observando essa attitudo do escravo, sentiu-se commovido e não o interrompeu.

Roberto, igualmente olhava para o negro com interesse.

Houve alguns instantes de mutismo.

Depois pai João fallou assim:

— Preto está agora com o coração mais alliviado. Senhorio máu não botará mais o *bacalhau* nas costas do preto... Senhor Ricardo prometeu...

— Sim, pai João, acredita que tens em mim um amigo para defender-te... E para prova de que te digo, dá cá a tua mão...

O escravo olhou attonito para o moço.

— Dá cá essa mão, homem!

Pai João hesitava.

— Ah! não queres a minha amisade?

O pobre captivo riu-se de um modo parvo como se julgasse ser uma cassoadá de Ricardo.

— Pai João não entende! está tolo! observou Roberto levantando-se e batendo no hombro do negro. Dá a mão ao Sr. Ricardo... elle não está dizendo que é seu amigo?

— Branco amigo de preto? objectou o escravo em duvida. Oh! não póde ser!

— E porque, Pai João? inquiriu Ricardo com expressão bondosa.

— Preto que tem tomado tanto *bacalhau*...

— Pois é por isso mesmo que sou agora teu amigo e defensor. Repito dá-me essa mão, bom escravo..

E Pai João, transportado, tendo penetrado o sen-



tido das palavras do generoso mancebo, apresentou-lhe a mão tremula, dizendo:

— Oh! mão de preto velho signal de amizade! preto captivo beija a mão do moço branco como signal de obediencia.

E assim fallando, Pai João deu um osculo na mão que pegava, ajuntando:

— Agora preto fica descançado.

— Sim, descança, Pai João... eu irei trabalhar em teu beneficio.

E Ricardo retirou-se da senzala, levando o pensamento cheio das torturas do escravo.

Uma hora depois o mancebo escrevia em seu quarto.

Era uma carta dirigida a Alfredo de Castro.

N'esta carta Ricardo contava a conferencia que acabava de ter com o velho escravo João, e philosophava sobre o captivo em nosso paiz, censurando o pernicioso costume de alguns dos nossos fazendeiros no castigo immoderado infligido á desgraçada gente; porém que tarde ou cedo o reinado dos potentados havia de acabar; que o commendador Almeida havia tambem de pagar os seus crimes de um modo lento e sem estrondo. Que a epoca da liberdade do escravo teria de aproximar-se para a felicidade dos Brasileiros.

A este respeito Ricardo abundava em idéas claras, expressivas e cheias de sã doutrina, apresentando tambem os tropeços que se havia de encontrar para a consecução deste desideratum; e esses tropeços seriam os homens da mais alta posição, esses figu-

rões de
escrava
do Rio
extern
em tod
os apos
um, co
do conh
e nobre
problem
Santa C
Repre
ricardo a
a resum
O ma
pensam
Termi
a carta:
— Al
mas nã
ajudaria
Conheço
humani
pois, e
menina
do. Ama
do Taqu
da-la.
Ricard
quando
o chama



rões da politica, e proprietarios de centenaes de escravos e que existem por quasi toda provincia do Rio de Janeiro; baluarte poderoso que tentará exterminar a idéa do seculo, que vai achando echo em todo paiz no registro da manumissão. Que entre os apóstolos da liberdade, seria bem possivel surgir um, com o poder da vontade, pertinaz e com profundo conhecimento, affrontando as iras dos abastados e nobres fazendeiros, que dêsse o alarme do grande problema da liberdade para a terra abençoada de Santa Cruz.

Reproduzimos aqui essa longa carta de Ricardo a Alfredo, fôra massar o leitor, e por isso a resumimos, pedindo-lhe desculpa.

O mancebo levára mais de uma hora a dictar esses pensamentos.

Terminado o trabalho elle murmurou, fechando a carta:

— Alfredo se espantará de vêr esta lamentação; mas não importa: deve lê-la. Prometteu-me que ajudaria a minha idéa, conto com a sua dedicação. Conheço seu character sincero, e prestará serviço à humanidade. Não lhe fallo aqui de Carlina, mas, depois, e com vagar apresentarei esta interessante menina que ha de cooperar-me nos fins que pretendo. Amanhã pois esta carta seguirá para a fazenda do Taquaral. Procurarei algum pretexto para manda-la.

Ricardo ia guardando no bolso do paletot a carta, quando ouviu a voz do commendador na sala, que o chamava.



— Venha cá, Sr. Ricardo; preciso de uma cousa. O moço sahio logo do aposento, e encontrando-se com o fazendeiro disse:

— Bôas noites, Sr. commendador.

— Bôas noites. O que fazia Sr. Ricardo?

— Escrevia uma carta para um amigo de infancia.

— Pois bem quero que tambem me escreva uma carta para a côrte ao meu correspondente.

— Em que sentido Sr. commendador?

— Quero ser nomeado barão...

— Mas para isso é preciso o Sr. commendador concorrer com quantia avultada... ou ao menos libertar dez escravos para irem combater nos campos do Paraguay...

— Dinheiro estarei prompto a dar, mas libertar os escravos, isso é que não admitto.

— Porém seria uma acção bella, nobre e humanitaria...

— Qual nobre e humanitaria! Bem sabe o Sr. Ricardo que sou inimigo da liberdade, e assim, como apresentar os meus escravos para a guerra?... Posso facilmente obter o titulo com dez ou vinte contos mesmo! O paiz necessita de dinheiro para sustentar os seus brios nessa guerra; e desta forma fará a carta.

— V. S. a quer já ?

— Não : basta amanhã cedo. Previno-lhe que o titulo que desejo é barão do Campo-Alegre.

— E a quantia para esse titulo ?

— Disponho de dez a vinte contos de réis...

— Bem, Sr. commendador.



— Se obtiver esse titulo darei um cheque no barão do Taquaral !

— Então julga elle que V. S. não será capaz de ter essa honra ? perguntou Ricardo como censurando o barão.

— Oh ! lá se julga ! Tem para si que é a primeira figura deste termo ; porém eu lhe mostrarei o contrario. Embora esteja mal e indevidamente revestido do poder de chefe de partido, e que exerça o commando superior do municipio, cargo tão importante hoje para as designações dos Guardas Nacionaes, todavia não poderá tirar a minha influencia...

E o commendador tossiu fortemente, e em ar soberano, acrescentou :

— Oh ! tenho muito dinheiro ! muito dinheiro ! posso cumprir todos os meus caprichos !

— V. S. estava no caso de figurar como chefe do partido dominante neste termo.

— Julgaram que o tal barão do Taquaral era mais rico... enganaram-se.

— O povo é assim... o dinheiro sempre !

— Porque o dinheiro, Sr. Ricardo, é hoje a alma do mundo ! Elle remove todos os obstaculos...

— E por tanto V. S. hade obter a sua pretensão...

— Por certo !

E o commendador retirou-se do salão sem despedir-se de Ricardo, preocupado talvez com o titulo que ambicionava.

— Eis um homem inconsequente ! disse Ricardo para si. Por inveja, ciume ou cousa que o valha, ahí



está elle com o interesse de ser elevado a barão ! é amigo do tal Senhor do Taquaral e no entanto quer dar-lhe chéque ! só homens desta tempera pôdem proceder assim !

E Ricardo foi para o seu quarto, e ahi sentando-se junto a uma pequena mesa, preparou-se para escrever.

Pensou um instante e murmurou :

— Vá como quer o Senhor commendador.

E pegando na penna começou a escrever, e finalizando com o seguinte :

« Illmo. Sr. commendador Rodrigues Proença.
« Campo-Alegre, 24 de Janeiro de 1867.

« Com os actuaes empenhos pecuniarios do paiz,
« tenho resolvido a entrar com o meu contingente,
« auxiliando os cofres do Estado com a quantia de
« vinte contos de réis, em boa moeda, com a condi-
« ção porém do governo imperial despachar-me
« barão do Campo-Alegre, com as honras de gran-
« deza. E' o titulo desta nossa fazenda. Casos iden-
« ticos têm-se já dado, e assim julgo que esta minha
« pretensão não achará obstaculo ; advertindo a
« V. S., que se o governo quizer alterar o despacho
« o rejeitarei, porque quero ser barão do titulo já
« indicado.

« A um commendador das minhas posses e cir-
« cumstancias, é justiça dar-se a nobreza; por-
« que a nobreza está nas mãos do governo, desde
« que esse poderoso empenho, que tudo consegue, e
« a quem todos se curvam, se apresenta para advo-



«gar-me a causa—esse dinheiro, idolo adorado pela
«sociedade!

«Contando portanto com o pedido, V. S. logo que
«a minha nomeação se decrete e seja publicadana fo-
«lha official, entrará com a quantia que fôr ajustada
«entre V. S. e o ministro, debitando em nossa con-
«ta, e dando-me solução desta para não retardar a
«remessa da quantia que V. S. despende.

«Disponha de quem é com estima e consideração
«De V. S. amigo, obrigado e venerador.»

— Bom; nada tenho a alterar; vai escripta no
gosto do commendador.

E Ricardo fechando a porta do seu aposento, pen-
sando na triste historia de Pai João, e no coração
bondoso de Carlina, deitou-se, tendo sua linda ima-
gem na mente.



Volte
São p
Ricardo
O titu
mia res
de voz
E' o c
tor do
da cida
a insiga
— Se
gente p
e assim
ção cor
— Ma
uma bo
tada de
contem



Alfredo de Castro

Voltemos à fazenda do Taquaral.

São passados quinze dias depois daquelle em que Ricardo escrevêra ao secretario do barão.

O titular conversa com um homem de physionomia respeitavel, velho, e vestido com toda decencia de voz pausada e de modos socegados.

E' o capitão Duarte Barbosa, remediado agricultor do termo, porém liberal e eleitor da parochia da cidade de*** official da G. N. e condecorado com a insignia da ordem da Rosa.

— Senhor capitão, disse o barão, o governo quer gente para mandar para o Paraguay a todo o custo! e assim ordeno, que não tenha a menor contemplação com pessoa alguma!

— Mas, Senhor barão, respondeu Duarte, tirando uma boceta do bolso do paletot, e tomando uma pitada de rapé; as cousas não podem ir assim... sem contemplação com pessoa alguma... é muito!



— Ora, historias !

— Ha muita gente nas circumstancias de ir prestar serviços á guerra; mas ha tambem gente isenta desses serviços. ...

— Não admitto isso... quero gente, porque della depende a minha nomeação de visconde...

— Ah !

— Pois não sabia, Sr. Capitão? Eu o chefe do partido conservador, eu o commandante superior do municipio, eu o barão do Taquaral, não poderia aspirar a essa honra?

— Estava no seu direito, Sr. barão.

— Apesar de ser conservador, tenho relações com o ministro do imperio, que é liberal, e que prometteu-me dar o titulo logo que tenha obtido o numero de guardas nacionaes marcado para este commando superior.

— Porém Sr. barão, com toda a franqueza fallo a V. S.: não praticarei injustiça designando a torto e a direito; os que estiverem nas condições da recommendação do governo serão os escolhidos; mas com os que tiverem isenção legal, isso será impossivel!

— E porque não, Sr. Capitão ?

— Repito a V. Ex: é impossivel!

— Eu o ordeno debaixo de minha responsabilidade! gritou o fazendeiro com soberania.

— Perdão, Sr. barão. Eu só cumprirei o decreto do governo, e não importar-me-hei com as recommendações particulares.

— Pois não sabe que tenho ordens terminantes!



— Que importa isso? Cumpre-as quem tem pretenções como V. Ex...

— Senhor capitão! Sr. capitão! murmurou o titular em certo tom hostil.

Duarte, com tranquillidade de espirito, olhou para a physionomia sombranceira do barão; assoou-se, limpou o nariz em um lenço vermelho de seda, tomou uma pitada, e disse gravemente:

— V. Ex. desejando o titulo de visconde, pode conseguí-lo sem flagellar o povo!

— O povo! o povo! e que me importa o povo?...

— Então V. Ex. não tem humanidade, Sr. barão?

— E' cousa que não me cheira!

— Ora, Sr. barão, não lhe fica bem este seu modo de pronunciar! um pai de familia dizer que não tem humanidade!...

— São naturezas, Sr. capitão! Agora, ouça-me. Retire-se e ha de cumprir as minhas ordens, quando não suspendo-o do exercicio da patente!

Duarte Barbosa riu-se com desprezo, e observou com calma:

— Pode V. Ex. suspender-me quando quizer... Não praticarei injustiça alguma ao povo; porque sou tambem do povo e calcúlo o seu soffrimento...

— O Sr. capitão é um insolente! não sei onde estou que não o mando já daqui preso para a cidade por sua desobediencia ao coronel commandante superior! saia! saia da minha vista, que não respondo por mim!

O capitão, com a maior fleugma possível, não deu



a menor attenção ás expressões raivosas do barão, e respondeu :

— Senhor coronel estou á sua disposição. Quando bem lhe parecer póde privar-me da minha patente.

E retirou-se ajuntando :

— Até outra vista, senhor barão.

Este nada disse, e ficou cheio de despeito na sala. Ao passar o capitão em frente do aposento de Alfredo, o moço saudou-o, dizendo-lhe :

— Ouvi todo esse disparate do barão... não faça caso desse bruto, senhor capitão !

— E' em realidade um bruto ! disse Duarte com um sorriso de lastima.

— E a este homem liga-se o destino dos infelizes guardas nacionaes !...

— E' culpa do nosso governo...

— São os males do paiz ! Porém um dia se hão de acabar !

— Quem sabe, senhor Alfredo ?...

— Eu tenho cá as minhas razões...

— Ah !

— Com vagar havemos de conversar, senhor capitão, a este respeito...

— Quando quizer dar um passeio ao meu sitio, lá o receberei com prazer.

E Duarte, tomando a mão do mancebo apertou-a e retirou-se, indo tomar o seu animal, que estava alli perto, preso pelas redeas do freio.

Agora vamos fallar um pouco sobre Alfredo de Castro.



Este moço é filho da cidade de *** , de pais pobres, porém honrados e que lhe deram alguma educação ; de boa índole, intelligente, activo para qualquer negocio, amigo do trabalho, e adepto da liberdade: tal é o character do joven.

Ajustando-se com o barão do Taquaral para seu secretario, tivera esse desejo para conhecer de perto a esse homem, de quem se fallava bastante mal como verdugo de seus escravos.

Com esse fim tinha em mente tambem prestar auxilio a algum desgraçado escravo, victima do azorrague, para não deixa-lo succumbir.

Porém quadros cheios de agonias, pungentes e luctuosos, foram os que se patentearam aos olhos de Alfredo, que horrorisado, sem valor para accommetter a impiedade do Senhor, fugia para o fundo do seu gabinete com a alma fechada de pezar e ideando mil fórmas de prestar-se ao infeliz captiveiro e suavisar-lhe o soffrimento.

Desta maneira foram os dias passando, e Alfredo não achava o meio de favorecer aos que gemiam, suppliciados no castigo horrivel que lhes dava o barbaro barão.

O mancebo conhecêra bellamente o character máu do titular; e não se atrevia a fallar-lhe a respeito dos miseros escravos, advogando-lhes a justa causa, por ser o barão inimigo da liberdade e ter-lhe dito algumas vezes que o seu prazer era sempre vêr o azorrague cortar as carnes do negro, fazendo-lhe verter o sangue.



Com esse revoltante cynismo, o fazendeiro punha Alfredo em desanimo, pois este tinha a certeza de que crearia um poderoso inimigo se ousasse pugnar pela infeliz escravidão.

Isto tambem ia de encontro aos interesses pecuniarios de Alfredo, que tinha o bom ordenado de dous contos e quatro centos mil réis, ordenado que não acharia em parte alguma, e que servia-lhe para fazer um peculio.

Embora tivesse de presenciar o soffrimento da pobre gente na fazenda do Taquaral, sujeitára-se ao seu destino, na convicção de um melhor futuro.

Algumas vezes furtava-se de ser testemunha desses sangrentos espectaculos, e só ouvia o gemido doloroso da victima, pedindo o soccorro do céo, torturando-lhe a alma compassiva.

Vivia na fazenda impedido pela necessidade de obter uma posição social, e por isso não contestava as ordens do titular. Contrariava-se o joven em suas boas idéas; mas era-lhe isso uma abnegação ou virtude, que o recommendava pelos desejos de sua alma compassiva.

Alfredo escrevia e lia correctamente, sabendo o francez e geographia. Amigo da leitura, instruiu-se nos livros dos mestres, na litteratura e nos romances. Tinha predilecção pela poesia e pela vida campestre, apreciando a liberdade e a singeleza dos costumes.

Julgava para si que a escravidão no Brazil era-lhe um grande obstaculo para o seu completo desenvolvimento, tendo porém a lisongeira esperança de



que a aurora da liberdade despontaria radiante em epocha não remota e então seria o imperio da America do Sul abençoado pela providencia e admirado pelas nações civilisadas do velho mundo.

Alfredo de Castro tendo recebido a carta extensa de Ricardo de Lima, admirára a intelligencia do mancebo, que nessas phrases elegantes e simples, com a rethorica natural propria do talento, exprimia a sua idéa clara sobre a escravidão no Brazil, maxime a respeito do preto João, homem de coração e alma grande, que encheria paginas no poema da amargura e da agonia nas narrações doridas do captiveiro.

Alfredo de Castro regosijava-se por se achar o seu pensamento em harmonia com o de Ricardo, suppondo igualmente que de entre os apóstolos da liberdade surgiria um para levar a primeira pedra ao grande edificio da civilisação de um gigante paiz, — a liberdade.

Alfredo, respondendo a essa carta, abundava em idéas identicas ás do seu amigo, fazendo-lhe conhecer a maldade do barão do Taquaral, com quem não questionava por temer-se de suas iras, e perder um emprego, que lhe assegurava uma posição social no futuro. Porém, dizia-lhe que esperava occasião oportuna para pôr em publicidade os crimes do barão, occultos pelas sombras do mysterio, esperando sómente algum novo e grande attentado para sobrecarregar as culpas desse malvado titular.

Accrescentava mais Alfredo, que na fazenda do Taquaral os escravos eram alimentados com feijões



cozidos quasi em agua e sal, com angú de fubá de milho, sem que se lhes dêsse um pedaço de carne secca, ou mesmo alguma comida bem temperada; que no rigor do inverno, elles apenas tinham uma enxerga velha para resguardar seus membros enregelados pelo frio, salvo aquelles que passavam a noute ao pé de um fogo.

Que os serviços dos desgraçados negros começavam com o segundo cantar do gallo, e terminavam ás Ave-Maria, sendo punidos com o castigo do *bacalhau* aquelles que por qualquer pretexto deixassem de cumprir com as ordens do feitor.

Para corroborar a maldade do coração do titular, Alfredo contava a scena que se déra com o capitão Duarte Barbosa, em que o barão, desprezando o povo, tencionava flagella-lo para obter assim o titulo almejado de visconde com a remessa do contingente da guarda nacional, sahindo por fim esse bom homem revoltado pelo procedimento indigno e vil do barão que o ameaçava com a suspensão de sua patente.

Não apresentamos ao leitor a integra da carta, para não fatiga-lo a leitura do romance.

Alfredo fechando a sua carta guardou-a no bolso do paletot.

Na tarde desse dia o moço fôra surpreendido por uma mulatinha de 15 annos, de physionomia regular e de porte airoso, que vinha pedir o amparo de Alfredo para não ser castigada de uma supposta falta por ella commettida.

A cozinheira da baroneza viera-lhe participar



que Amelia (nome da escrava) lhe furtára um pedaço de lombo de porco para ir come-lo algures.

A baroneza fazendo vir a mulata á sua presença, a interrogára; e como Amelia negava o facto, fôra-lhe annunciado o castigo.

Alfredo tivera compaixão da mulata e, ainda mesmo que o caso fosse real, não seria motivo para uma punição.

Assim, querendo apadrinhar a escrava, dirigira-se civilmente á baroneza, rogando-lhe que por aquella vez lhe perdoasse o crime.

Mas essa mulher repellira o pedido do empregado dizendo-lhe com grosseria:

— Que tem o senhor com os negocios cá da cozinha?

— Perdão, Sra. baroneza, eu pensava que...

— Trate lá de suas occupações, interrompeu a Sra. do Taquaral, e não me aborreça com estes pedidos, porque não o attendo?

— Porém, senhora...

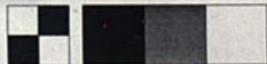
— Retire-se, Sr. Alfredo! Esta cachorra, pelo atrevimento que teve em ir apadrinhar-se com o senhor, vae tomar uma *tunda* dobrada de chicote nas costas!

E a baroneza mostrou a raiva no antipathico semblante.

Um sentimento profundo vascu na alma de Alfredo, que murmurou, como lastimando:

— Triste humanidade!

E retirou-se sem ajuntar mais uma palavra.



E dahi a pouco ouvia-se o gemido da mulata pagando o seu *enorme crime*.

E a propria baroneza applicava o castigo da escrava com o desejo de vêr correr o sangue de seu corpo!

O barão nesse dia tinha ido á cidade, acompanhado de um pagem, sem duvida para vingar-se do procedimento de Duarte Barbosa; e fôra isso a felicidade da escrava Amelia que teria de soffrer maior martyrio se elle se achasse na fazenda.

Para
tanha
é que
Ness
bitaçã
outros
que se
rede r
dinha
uma c
mesmo
Um e
dous g
prietar
homem
A's v
laranje
de pés



ulata pa-

tigo da es-
gue de seu

mpanhado
se do pro-
so a felicj-
frer maior

XVI

A CONVERSA DOS CAIPIRAS

Para um sitio agreste, na encosta de uma montanha de mata virgem, a duas leguas da cidade de *** é que vamos levar o leitor.

Nessa situação existe uma casinha de sapê, habitação propria dos nossos caipiras, que não têm outros commodos senão um pequeno repartimento, que serve de sala de fóra, com uma fura na parede na largura de uma porta dando para a varandinha aberta ou cercada de páus unidos, bem como uma charnecasinha, que é despejo e cozinha ao mesmo tempo.

Um ou dous bancos compridos, de pernas abertas, dous giráus ou tarimbas, para o descanso dos proprietarios e seus filhos, eis a propriedade rural do homem da plebe.

A's vezes se encontram n'essas situações algumas laranjeiras, e um pequeno cercado com uma duzia de pés de couves.



Um pequeno arrozal com suas douradas espigas, e uma roça de milho já quasi secca, denuncia o trabalho agricola do possuidor do sitio de que estamos tratando.

Estas roças estão a alguns passós da casinha.

Dous homens estão conversando sentados em um páu grosso e lavrado, unido á parede da habitação para o lado do terreiro.

Um é velho, parecendo ter 60 annos de idade; porém ainda com vigor nos musculos e forte para o serviço. Veste camisa de riscado grosso e calça de algodão tinto, tendo as pernas grossas e as calças arregaçadas até o meio das canellas.

Outro é moço e mostra ter 24 para 26 annos, de physionomia sinistra, tisonada, de olhos pequenos e sobranceiras cerradas e pretas, e com barbas no queixo. É magro e veste camisa e calças de algodão trançado branco.

Demos attenção ao dialogo dos dous individuos.

— Pois é assim, nhô pai, disse o moço com esse accentto acaipirado do homem do mato, riscando o chão com uma pontinha de páu, e sem olhar para a pessoa a quem se dirigia; eu estou vendo que boto fogo no tal barão, que nos quer mandar guerrear no Paraguay; o aperto é muito! dormindo no mato todas as noites!... oh! só um tiro ao pé do ouvido!

— Escuta rapaz, respondeu o velho com pausa, tu não sabes que o barão é um homem poderoso?

— Um tiro bem no ouvido ou na boca do *estamo* faz coxilar o *mano*. Não me importa que o tal barão



seja poderoso. E' um malvado que quer acabar com os pobres!

— Rapaz, tira isso do sentido...

— Qual, nhô pai! eu todo o dia estou pensando nessa historia do Paraguay e a cousa está ruim sempre! os ricos vivem muito bem e *nóis*, cá os pobres, é que pagamos o pato! Mas, nhô pai, não sabe de uma cousa?

— O que, rapaz?

— Desse barão maldito ninguem *quagi* gosta é um diabo levado do sarro! Elle mata lá os negros na fazenda e como é ricaço a justiça *pra mode* isso tem medo delle...

— Quem te contou essa cousa, rapaz?

— Quem me contou, nhô pai? eu cá sei a historia...

— Quero saber quem te contou, Miguel?

— Ora, quem havia de ser, nhô pai? O nhô Chico Cabaço...

— O Chico Cabaço?

E Miguel, que assim se chamava esse caipira, continuando a riscar o chão com o pausinho, ergueu a cabeça com máus modos e respondeu meio zangado:

— Pois, nhô pai, é o Chico Cabaço mesmo! elle não mente!

— Escuta, Miguel. O Chico Cabaço é tambem, como tu, designado para ir para o Paraguay. Assim elle está com raiva do barão e te contou por ahi uma mentira...



— Não é mentira, nhô pai... não é mentira, não... murmurou Miguel, tirando um velho isqueiro de chifre do bolso da calça, um fuzil e uma pedrinha de fogo.

O velho olhou para o filho e ficou em silencio alguns instantes e depois disse:

— Tu então estás com vontade de matar o barão? devéras?

— Nhô pai duvida? voltou o moço tirando um grosso cigarro de traz da orelha e ateando-o ao isqueiro.

— Não duvido, rapaz; mas podes perder a esse homem no momento que quizeres.

— Como, nhô pai?

— Tu, por via do Chico Cabaço, podes denunciar o barão á justiça...

— Ora, nhô pai, se a justiça tem medo do barão, respondeu Miguel com máu humor e guardando o isqueiro.

— Chico Cabaço denunciará ao chefe...

— A qual chefe, nhô pai?

— Pois o chefe da policia em S. Paulo...

— Póde ser... póde ser...

— Chico Cabaço mora perto daqui; assim vamos lá para acertar essa negociada, disse o velho levantando-se.

— Mas, nhô pai, meu gosto era dar um *estrondo* no barão atraz do páu!

— Não falles isso, rapaz! não falles isso!

Nesse interim uma cabocla velha, feia, com os cabellos grisalhos cahidos pela frente, vestida de



camisa mui suja e saia de zuarte, apresentou-se á porta da casinha vindo de dentro.

— O que estão fazendo aqui, nhô Marco com o Miguel, em lugar de irem apanhar milho para comermos cangica torrada, que é tão *bão*?...

— Nhã Quiteria, respondeu o velho, vá apromptar café para nós, pois vamos á casa do Chico Cabaço para fazer uma negociada...

E Marcos, que assim se chamava esse velho, bateu com ar alegre no hombro da megera.

— Oei! que historiada é, nhô Marco? disse a velha abrindo a boca sem dentes.

— Ande, nhã Quiteria! logo mais de tarde você saberá da *cousada*.

— Pois *escuite*, nhô Marco, o café está lá na tigella e tambem para o Miguel...

— Esta nhã mãi, observou o caipira, gosta muito de pregar pirraça a nhô pai!

E Miguel riu-se, tendo então apagado o cigarro, cuja ponta collocára atraz da orelha.

E essa gente se dirigira ao interior da casinha para tomar o café.

Não admire o leitor o modo inconveniente pelo qual Miguel tratava a seu pai.

E' peculiar entre os nossos caipiras o desrespeito aos seus pais, não lhes tendo a menor consideração. Fumam, jogam, proferem palavras obscenas, e os pais, em vez de as repellirem com força, apreciam isso como habilidade e espirito dos filhos!

Marcos não tinha voz activa para com Miguel; deixava-o obrar á sua vontade, não podendo mesmo



vencer os seus ruins desejos na perpetração de um crime, que frivolamente ruminava em sua idéa.

Pobre, com uma pequena nesga de terras para trabalhar conjuntamente com Miguel e Quiteria, fôra seu filho designado como Guarda Nacional para ir combater nos campos do Paraguay em defesa da patria.

Mas o caipira soubera occultar o filho, tendo-o já livrado de trez *barroadas* da escolta incumbida de caçar os pobres Guardas pelos bairros, fazendo-se suas prisões como se fossem réos de grandes crimes!

Estes máus exemplos forçaram a Miguel, que não tinha bom coração, a pensar n'um assassinato, julgando que assim poderia diminuir os males que affligiam os pobres e desventurados Guardas.

Pouco tempo depois de terem tomado o café, Marcos e Miguel partiram para o sitio onde morava o tal Chico Cabaço.

Esse sitio é igual ao de Marcos, com a differença porém de que ahi se encontra uns seis a oito mil pés de café novo, todo carregado de fructo verde.

Pequenas roças de feijão, milho e arroz, mostram a uberdade das terras, das quaes Chico Cabaço sabe tirar proveito.

Este homem vive em companhia de sua mãe velha, e de um irmão. Aquelle terá 30 annos e este 25.

Chico Cabaço possui dous escravos bons de roça, e comprados com dinheiro ganho pelo suor do trabalho.

E' um caipira honrado tendo n'alma bons instinctos.



Apezar de ser trabalhador e cumpridor de sua palavra, Chico Cabaço não pudéra eximir-se da designação da Guarda Nacional ; e, desde então fugira de ir á cidade, receiando-se da prisão, da qual só podia livrar-se apresentando um substituto para marchar para o Sul.

Porém isto não lhe convinha ; preferia dormir no mato, soffrendo os incommodos de uma ruim cama, e sujeito aos mosquitos pernalongos, que em chusma vêm martyrisar a um paciente.

A pobre e velha mãe molestava-se e receiava sempre da sorte do filho. Apegava-se a Nossa Senhora e aos Santos do céu para livrarem a Chico Cabaço de ir para o Paraguay ; pois que sendo viuva não tinha outro amparo senão esse filho, não contando com o outro por ser um idiota, que em quasi nada lhe valia.

Chegando Marcos e Miguel ao sitio de Chico Cabaço, elles o avistaram, em companhia de seus dous escravos e do irmão bobo, no trabalho do córte do arroz.

— Oh ! lá, nhô Chico ! gritou Marcos do caminho ; venha cá para perto de nós : temos que conversar !

— Lá vou, respondeu o roceiro, largando um matojo de arroz para um lado.

O pai e o filho o esperaram.

Sem demora de tempo, Cabaço veio juntar-se a esses homens.

— Como vai isso, nhô Chico ? disse Marcos, arriando a perna n'uma peroba que lhe servia de um comprido bastão.



— Vamos indo, nhô Marcos, assim, assim...

— Adeus, nhô Chico. Então, vamos para o Paraguay? Eu vim para convidar a *vancé*.

— Os diabos me levem antes do que ir para Paraguay, nhô Miguel. E devéras! nunca hão de me pilhar! nem com o caxorro no meu rasto!

Miguel deu uma risada, e murmurou:

— Nhô Chico está azeitado! assim mesmo vamos de *costiar* esses malditos ricões que querem acabar com *nois* os pobres!

— *Bamos* lá para casa, disse Chico Cabaço, com bons modos.

— Vamos, nhô Chico, respondeu Marcos sahindo adiante.

E foram para a casinha, onde encontraram a velha, mãe de Miguel, fiando algodão n'uma roda.

— Adeus, nhã Tude...

— Adeus, nhô Marcos, como vai *mecé antão-se*?

— Remando assim, assim, nhã Tude.

Miguel entrando por ultimo, complimentou a velha na sua linguagem de caipira.

— Nhã mãe, vá fazer café para esta gente, volveu Chico Cabaço, sentando-se n'um tamborete todo desmanchado, fazendo tambem sentar a Marcos e Miguel n'um catre com esteira.

Esta scena passa-se no repartimento da casa, que serve de sala e de quarto ao mesmo tempo.

— Fallem a verdade, disse Chico Cabaço; o que vieram *vancés* fazer?

— Viemos prender nhô Chico... murmurou Miguel rindo-se.

— *Vancé* não quer pecego!

— O barão lá das Taquaras me deu ordem para isso...

— O barão?... ora não pauteie commigo, nhô Miguel! *vancé* tem uns máus brinquedos!...

E Chico Cabaço, meio desconfiado do que ouvia, riu-se de um modo forçado.

— O rapaz está brincando, nhô Chico... observou Marcos também rindo-se.

— Ah! logo via! este nhô Miguel!...

— Descance, que havemos de ir para o Paraguay.

— Não me bate a *pacuéra* isso; durmo no mato e tenho quatro sentidos... quando vejo uma pessoa estranha por aqui, já estou me amoitando...

— *Esculte* uma novidade, nhô Chico, ajuntou Miguel olhando o roceiro.

— Pois o que é *antão-se*?

— *Vancé* sabe de uma cousa?

— Falle, nhô Miguel...

— Porém primeiro quero pitar, nhô Chico.

E tirando fogo do isqueiro, ateou o cigarro gasto, que tomou de traz da orelha.

E fumando, Miguel disse:

— Quem lhe contou aquella historia que o barão mata os negros na fazenda?

— Um preto, que mora ahi, escravo do barão, tolo, que se chama Gregorio e é meu conhecido velho...

— E' devéras isso, nhô Chico? perguntou Marcos como duvidando.



— Pois é dev ras, nhô Marcos. O barão já tem matado alguns negros a poder de surra !

— Com o bacalhau, nhô Chico ?

— Pois com que ha de ser, nhô Marcos ?

— Este nhô pai, ás vezes, pergunta as cousas átôa... murmurou Miguel, pondo a fumaça do cigarro pela boca ; *pois com que antão-se* se surra os escravos ?

Marcos não se importou com a malcreação do filho e disse para Chico Cabaço :

— Você, nhô Chico, é capaz de denunciar o barão lá perante a justiça, na cidade ?

— Eu, nhô Marcos ? !

— Você mesmo !

— Ora essa, nhô Marcos ?...

— Ah ! já pesquei a cousada ! ponderou Miguel, com riso de cassoadá ; nhô Chico tem medo do barão !

— Medo ?... eu ?.. não diga essa bobagem, nhô Miguel ! isso envergonha a gente ! respondeu o roceiro em tom aspero.

— Ora, nhô Chico, é *vancé* que envergonha o parceiro ! sabe de tanta cousa contra o barão e está com medo de ir contar tudo á justiça !...

— Se eu soubesse de ir contar e não ficasse depois no laço...

— Que laço, nhô Chico ?

— A gaiola da justiça...

Marcos e Miguel deram uma risada.

— A gaiola da justiça... ? disseram.

— Sim, nhô Miguel... aquillo lá não é biscoito !...



— Nada lhe acontecerá... você, nhô Chico, pôde ir contar o *causo* por boca do negro Gregorio, e assim...

— Espere, nhô Marcos... se eu passar essa historia para a justiça, ficaremos livres do barão?

— Que duvida, nhô Chico!

— Pois então *esculte* outra cousa...

— Falle.

— Tenho lá na cidade um letrado meu conhecido, a quem vendo mantimentos... esse homem é muito da justiça; e eu contando a historia a elle...

— Pois é isso mesmo que *vancê* deve fazer, nhô Chico; vá de noite para não ser fígado pela *perrengada* da escolta do barão...

— Está dito, nhô Miguel! irei!

— Quando, nhô Chico?

— Logo que achar occasião.

— Olhe, lá... heim? não falte, observou Marcos.

Alguns segundos depois, estes caipiras tomaram o café e se despediram de Chico Cabaço, indo Miguel certo do que o roceiro cumpriria a sua palavra e assim o livraria de realizar o seu intento.



Cinc
Esta
cido de
. Esse
um ho
mais o
vel, tra
Amb
Deme
— A
— P
feitas p
por out
nem se
— P
se um t
gocio c



XVII

CONFIDENCIAS.

Cinco dias são escoados na ampulheta do tempo. Estamos em casa do Doutor Reginaldo, já conhecido do leitor.

Esse honrado advogado está em companhia de um homem já velho, mostrando ter sessenta annos mais ou menos de idade, de physionomia respeitavel, trajando com toda a decencia.

Ambos conversam com interesse.

Demos attenção ao entretenimento.

— Acho agora razão no que me disse V. Ex...

— Pois é assim, Sr. Dr., as cousas devem ser feitas pelos proprios interessados. As pessoas que por outrem se encarregam de negocios importantes nem sempre os desempenham...

— Porém, Senhor conselheiro, V. Ex. deve achar-se um tanto fatigado da viagem, e só mesmo um negocio como este o chamaria a esta cidade...



— Com que então o joven Ricardo de Lima achase na fazenda do commendador Almeida como seu secretario?

— Desde fins de Janeiro do presente anno, como já tive a satisfação de communicar a um amigo de V. Ex., que esse moço é empregado do commendador.

— E seu comportamento, Sr. Dr. ?

— Seu comportamento, quando aqui morou, era excellente; e supponho que lá na fazenda do commendador Almeida elle o não terá desmerecido.

— Isso me enche de satisfação, disse o conselheiro com semblante alegre. Quando poderemos vêr esse mancebo ?

— Quando o Sr. conselheiro quizer.

— A'manhã, se isso fôr do seu agrado.

— Pois ámanhã iremos á fazenda.

— O melhor, Sr. Dr., seria manda-lo chamar aqui, em sua casa. Tenho negocios mui graves a tratar com esse moço...

— Estou certo que o commendador o dispensará.

— Provavelmente, Sr. Dr.

— Se hoje não fosse tarde...

— Oh ! não exijo muita pressa, embora tenha precisão de retirar-me para a côrte quanto antes.

E o conselheiro, assim fallando, tirou de uma charuteira dourada um delicado —Havana— offerecendo outro ao Dr. Reginaldo, que aceitou-o por deferencia ao conselheiro.

E tocou uma campainha em cima de uma mesa redonda com tempo de marmore.



Um moleque acudiu logo.

— Fogo, disse Reginaldo.

O escravo sahiu.

O conselheiro estava recostado em uma cadeira de balanço muito à vontade.

A sala, onde estavam estes dous personagens, era forrada de fino papel azul, e mobiliada com gosto.

O moleque trazendo o fogo deu, em pequeno fogareiro de metal branco, ao conselheiro, que acendendo o charuto começou a fuma-lo.

O Dr. Reginaldo sentou-se em uma cadeira em frente do conselheiro, e mudando a conversação, principiaram por tratar da guerra do Paraguay, applaudindo a certos actos do gabinete Zacarias e censurando outros em relação a essa guerra.

Este entretenimento não apanhamos, porque julgamos não interessar ao leitor, e mesmo porque são factos que não entram no enredo deste tócco romance.

Em quanto pois conversam Reginaldo e o conselheiro, orientemos o leitor ácerca destes dous individuos.

O Dr. Reginaldo é formado em Direito pela Faculdade de S. Paulo, e vive de advogacia na cidade de*** com notavel intelligencia e honradez nos seus tratos. E' casado, e apenas tem uma filha formosa, em idade de quatorze para quinze annos. A sua esposa rasteja pela mesma idade, e é uma senhora respeitavel pelas suas bõas qualidades.

O Dr. Reginaldo, no seu lar domestico, passa uma vida placida e commoda sem ser vexado pelas pri-



vações, que muitas vezes trazem a morte moral do homem, quando este quer sustentar o brio e a dignidade do character.

Com o trabalho da advogacia o Dr. Reginaldo fazia para as suas despesas, e economisava algumas quantias para o seu futuro, de sua mulher e de sua filha.

Homem de coração leal, generoso e nobre, advogava tambem o interesse do desvalido quando a justiça lhe era negada.

Na designação que injustamente faziam dos Guarda Nacionaes, que tinham a infelicidade de ser pobres, a sua voz se erguia em pról d'aquelles que vinham pedir o seu auxilio; e se não conseguia os seus intentos, sua alma se contrariava e lastimava a sorte do seu paiz.

Habitante da cidade ha muitos annos, não tinha desaffeição, quer como advogado, quer como cidadão particular. Regeitando todos os empregos de nomeação do governo, só aceitava os de eleição popular, que desempenhava sem lhes achar trabalho.

Amante e amigo extremoso de sua esposa, tinha por sua filha um amor profundo e desvelado.

Eugenia é o nome d'essa sympathica menina, cuja educação não havia sido olvidada.

Morena, olhos grandes e rasgados, nariz grego, rosto quasi redondo, boca pequena com labios rubros, com lindos dentes, cabellos negros e crespos, cutis de setim, mãosinhas delicadas e bem feitas, cintura fina e porte esbelto e gracioso: eis o retrato de Eugenia.



Seu trajar é simples apesar de sua elegancia. Não é altiva, e seu coração é fresco como os risos da aurora.

A esposa do advogado ainda conserva o resto de sua belleza, e é uma senhora de excellentes qualidades.

«O Dr. Reginaldo vindo ter com sua familia, a respeito do personagem que hospedava, disse para sua esposa com bondade :

— Sabes, Margarida, quem temos em nossa casa ?

— Não, Reginaldo.

— E' um sujeito que tem sido já deputado e presidente de provincia...

— Sim ?...

— E conselheiro...

— E o que vem fazer esse homem, papai ? perguntou Eugenia com interesse.

— Diz elle que vem tratar de um negocio importante, e supponho que...

— O que supões, Reginaldo ?

— Conheces aquelle moço, Ricardo de Lima, que hoje é secretario do commendador Almeida ?

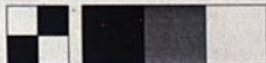
— Conheço.

— Pois tenho desconfianças de que o nosso hospede é pai desse mancebo...

— E quem sabe ?

— Ah ! papai ! murmurou Eugenia, esse Ricardo mostra ser filho de gente grande, porque seus modos... sua educação...

— Sua educação, Eugenia ? o pobre moço teve a educação dada por uma mulher do povo, que sem



seu trabalho honesto e quotidiano pôde-lhe mandar ensinar n'um collegio alguma cousa...

— Pois então esse moço...

— E' um filho do mysterio, Eugenia... disse o honrado advogado com toda a gravidade.

— Ah! filho do mysterio? disse a moça admirada.

— Porém terá uma bôa fortuna, segundo tambem supponho,olveu Reginaldo. A'manhã cedo vou manda-lo chamar á fazenda do commendador, porque o nosso hospede assim deseja.

— Papai tem razão em suppôr ser o conselheiro o pai de Ricardo; pois o seu desejo de encontra-lo está denunciando isso...

— Como chama-se o conselheiro, Reginaldo?

— André de Mello, Margarida. Porém elle lá está só na sala, e é incivilidade isso.

E o Dr. Reginaldo deixou a sua familia, retirando-se da sala do interior da casa, onde estavam, e recommendando o jantar do hospede.

Eram tres horas da tarde.

Quem é esse conselheiro André de Mello? perguntará o leitor.

E' um politico de todos os governos; que tem servido a Deus e ao diabo; visando sempre o seu proveito e fazendo especulação de sua politica de catavento. Altamente collocado por sua fortuna, tem tido a felicidade de ser representante da nação por uma provincia estranha ao seu nascimento, sendo imposta sua candidatura pela vontade do governo que desejava vê-lo elevado a tão distincta honra. Presidente de uma provincia de terceira



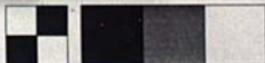
ordem, ahi apenas se demorára alguns mezes, servindo só para o expediente administrativo e não tratando de curar as necessidades desse torrão do Imperio de Santa Cruz.

Na camara dos deputados, fazendo fleira nos bancos ministeriaes, pouco fallava, certo de que seu voto daria mais força ao governo que a sua palavra.

E' solteiro, formado em direito, e tivera uma optima fortuna de seus parentes. O governo, para recompensar-lhe os serviços, dera-lhe o titulo do conselho.

Subindo ao dominio da nação a politica liberal, em balde o conselheiro André procurava ser reelito deputado; a provincia que o elegia não estivera pelos autos de o conservar na camara. Fizera pois *flasco* a sua candidatura, o que o contrariára infinitamente.

Quantos homens politicos assim no nosso paiz, benevolo leitor! politicos da barriga na camara, e no governo, só desejam sugar a teta gorda do Estado, com o sacrificio da mãe patria, falsificando o mandato que lhes é confiado. No seu *doce far niente*, vendo as espiraes de um excellente — Havana — seu pensamento corre pelo mundo seductor da opulencia e da aristocracia, e não se lembram que o pobre povo, apesar de tambem ser soberano, geme, opprimido pela má vontade dos despotas, não merecendo um seutil de beneficio, e lançando-se-lhe ainda baldões e improprios como se fossem escravos... como escrava é a pobre gente negra,



que agonisa sob o azorrague dos potentados de nossas aldeias!

Porém não massemos o leitor com esta nossa idéa, e prosigamos no romance.

O conselheiro André de Mello tivera um bom jantar, servido com toda a limpeza da casa do Doutor Reginaldo.

No outro dia muito cedo tinha ido o pagem do advogado á fazenda do commendador Almeida, levando duas cartas, uma para Ricardo e outra para o fazendeiro. Eram ambas de Reginaldo.

Passaram-se as horas.

O pagem voltava com a resposta pela affirmativa, dizendo Ricardo ao advogado, que viria nesse mesmo dia.

Pela volta das duas horas da tarde, o mancebo chegou á casa do Doutor Reginaldo.

O conselheiro o recebeu com toda a urbanidade, dizendo-lhe o Doutor Reginaldo, que desculpasse de o ter incommodado, mas que a summa importancia do negocio era tal, que o conselheiro André não podia communicar-lhe senão com reserva.

Depois de trocadas as primeiras palavras entre os nossos tres personagens, julgou o Dr. Reginaldo que devia retirar-se da sala, deixando a sós o conselheiro e Ricardo se entenderem em seus negocios.

André agradecêra com um sorriso a discrição do advogado, e logo que achára-se só com Ricardo, disse-lhe :

- O Senhor Ricardo é filho da côrte ?
- Sim, Senhor conselheiro.



- Seus pais quem são ?
— Não os tive, Sr. conselheiro, por infelicidade minha...
— Quem o creou então ?
— A compaixão e a bondade de uma mulher.
— E o nome dessa mulher ?
— Joanna de Lima.
— Foi então uma criança exposta ?
— Fui, Senhor conselheiro.

André de Mello estava sentado em sua cadeira de balanço. Oscillando-a, ajuntou com ar bondozo :

— Diga-me : não existem quatro ou cinco linhas escriptas n'um papel, que o acompanhou quando engeitado ?

- Porque deseja V. Ex. saber isso ?
— Porque desejo, Sr. Ricardo ?

E o conselheiro riu-se, continuando a oscillar a cadeira. Depois acrescentou :

- Para beneficia-lo...
— Para beneficiar-me, Sr. conselheiro ?
— Sim.

— Tenha paciencia. Desejo uma explicação, murmurou Ricardo, não comprehendendo qual o sentido real dessas palavras.

— Com todo o prazer dou-lhe a explicação. Sua desgraçada mãe, que já não vive, tivera a fraqueza de assentir aos carinhos de um homem ; e com falsas promessas de um bom e rico consorcio, deixára manchar a sua virgindade. O homem que a perdêra, prostituindo-a, tivera mais tarde um remorso pela indigna acção que praticára ; e tendo posição ele-



vada, protestára reparar essa gravissima falta, favorecendo ao filho bastardo... Assim, fui incumbido por esse homem, que é meu amigo intimo, de levar o Senhor Ricardo para a côrte...

E o conselheiro assim se expressando, esperou a resposta do mancebo, na maior calma possivel.

Ricardo olhou para André com dignidade notavel, e murmurou gravemente :

— Repillo o homem que foi o autor das desgraças de minha pobre mãe... desprezo o seu desejo de favorecer-me...um seitel de sua fortuna não desejo... Embora tenha posição alta, para mim é elle um miseravel, um malvado que, não tendo coração para sentir e alma para comprehender os incalculaveis males da prostituição, foi o assassino da infeliz mulher, que déra-me o ser ! Esse homem !... esse homem !... eu não desejo vê-lo !

E o mais nobre dos sentimentos humanos desenhou-se no semblante do mancebo, patenteando assim a honradez de seu character, que poz o conselheiro como attonito, sem poder combinar uma idéa em opposição a essas palavras que esmagavam o individuo, que contava favorece-lo por via do conselheiro.

Passaram alguns instantes de mutismo. André de Mello quebrou o silencio com estas phrases :

— O Senhor Ricardo é por demais altivo ! nem tanto rigor para com aquelle a quem deve chamar de pai ! se elle commetteu uma indignidade, está prompto a reparar o erro beneficiando o fructo de um amor illicito, já que o fogo de uma paixão ardente



o cegára levando-o a commetter tão gravissima falta. Elle hoje não faz questão em reconhecê-lo, Sr. Ricardo, por filho natural. Sua fortuna, maior de quatro centos contos de réis, pertencerá ao manco, que ora me ouve tomado de indignação pelo justo motivo, pois como tal o reconheço...

E o conselheiro, sem mostrar perturbação e nem contrariedade, fixou o semblante de Ricardo, esperando por uma resposta.

O joven encolhendo os hombros, observou com azedume:

— Um, dous, tres milhões que fossem! essa fortuna não encobriria o meu vexame! Filho bastardo! triste idéa para um homem que tem por timbre a honestidade, e que só enxerga agora a vergonha e opprobrio! oh! não! não! quero antes viver na obscuridade ganhando, com o suor do meu trabalho honrado, um salario limitado, do que pensar nesse futuro rico que me querem abrir para a minha morte moral!

— Não prosiga, Senhor Ricardo; respondeu André de Mello em tom grave; por demais já conheço a sua indole. Serene o seu espirito electrizado pelo fogo da juventude que lhe incendeia o peito. Não podemos continuar assim. Suspendamos a nossa conferencia e logo, mais tarde, havemos de conversar com toda a calma...

Nesse momento o Doutor Reginaldo entrava na sala.



XVIII

O RECONHECIMENTO

— Perdão, Sr. conselheiro, se o vim interromper...

— Acabavamos de terminar o colloquio, Sr. Dr., e, por conseguinte, veio a proposito.

— Estou impaciente, Sr. Ricardo, por ouvi-lo, disse Reginaldo batendo amigavelmente no hombro do joven.

— Eu tenho gosto em satisfazer-lhe, Sr. Dr.

— Tem-se acostumado à sua vida da roça ?

— Vou-me acostumando.

— E o commendador como o trata ?

— E' um homem exquisto e inconsequente...

— Sim ?

— Hoje os seus empenhos são obter um titulo de barão...

— E não obterá?... é tão rico !

— Aconselhei-o que apresentasse ao governo dez escravos, que como libertos fossem engrossar o nosso



exercito no Paraguay ; porém regeitou a minha idéa ; querendo antes despende dez contos ou vinte mesmo, porque se confessa inimigo da liberdade...

— E' o pensamento de quasi todos os nossos mandões e potentados, Sr. Ricardo, murmurou Reginaldo em tom de censura.

— E infelizmente são elles os que martyrisam a essa desgraçada raça, que succumbe sem que a lei faça punir seus assassinos.

— As nossas leis penaes são boas ; porém os seus executores são os que as relaxam, entregando-se á submissão dos ricos, intitulados figurões... Mas este mal que afflige a humanidade hade findar, com convicção o digo, Sr. Ricardo .

O conselheiro, que parecia, em sua cadeira, entregue a profunda cogitação, olhou então para o Dr. Reginaldo como em distracção, murmurando :

— Diz bem, Sr. Dr., o espirito do seculo ha de acabar com o reinado destes mandões de aldeia ! Essa liberdade, que o paiz inteiro reclama, ha de vir ! o povo então será civilisado ; porque não manietará com as algemas do captiveiro o homem que tem sido a exploração do homem, que o tem enriquecido fazendo-o grande pelo suor do seu trabalho, e que tem a remuneração do azorrague !

Ricardo assim ouvindo o conselheiro manifestarse, expandiu a sua alma em sympathica demonstração de regozijo, e respondeu :

— Eis uma logica incontestavel, Senhor conselheiro ! o homem tem sido a exploração do homem !



Mercadoria que repugna á alma sensível, e que no entanto para vergonha se tolera em nosso paiz !

— Para que havemos de tocar nestas chagas, que só a mão de uma geração futura poderá curar? exclamou o dr. Reginaldo com pezar. Não será mais conveniente irmos refazer nossas forças no jantar? O moleque nos vem chamar.

E de facto, o pagem do advogado chegára á porta da sala, dizendo baixo para seu senhor :

— O jantar está na mesa.

— A idéa é das melhores, Sr. doutor, respondeu o conselheiro com um agradável sorriso. Logo mais teremos de conversar sobre cousa mais funda para mim...

— Vamos, Sr. Ricardo, disse Reginaldo bondoso.

E todos se dirigiram para a sala do interior.

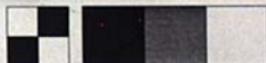
Aproveitemos agora o tempo que vão tomar os nossos personagens nesse jantar, para mostrar ao leitor a scena que se havia dado antes da partida de Ricardo da fazenda de Campo Alegre para a cidade, ao chamado de Reginaldo.

Permitta-nos, portanto, essa digressão do romance, se digressão póde-se chamar um dialogo anterior.

Ricardo achava-se no jardim da fazenda em companhia de sua linda discipula.

Era-lhe o mais doce dos entretenimentos.

O commendador Almeida, apezar de seus defeitos, tinha no entanto confiança no character honrado do seu empregado, deixando que Carlina o acompa-



nhasse só em toda a sua liberdade, não constringindo-a nas suas sympathias pelo mancebo.

Carlina, recebendo as lições do seu mestre, as aproveitava com intelligencia notavel, dando nisso satisfação a Ricardo que muito apreciava e para os seios d'alma acolhia os sorrisos meigos que a ingenuidade da menina lhe prodigalisava com fascinação.

Carlina, sempre que estava com Ricardo, não se esquecia de seu predilecto pai João, com os desejos de liberta-lo e, apesar de conhecer a opinião de seu pai, contava que o mancebo a havia de cooperar para livrar essa pobre victima do captiveiro, digna de melhor sorte pelas boas qualidades de sua alma.

O pagem do Dr. Reginaldo chegára á fazenda pelas 9 horas da manhã e o colloquio de Ricardo e Carlina dera-se ás 10 horas.

-- Então, dissera a menina com bondade, vai partir para a cidade, Sr. Ricardo?

— E' verdade, o Dr. Reginaldo me chama para um negocio urgente...

— Um negocio urgente? oh! se o Sr. Ricardo vai para a cidade e se o destino o leva para longe d'aqui... observára a donzella em duvidas.

— Não, eu não seria capaz de deixa-la sem que cumprisse os seus desejos, que tambem são os meus...

— E ainda mesmo que os cumprisse, parece-me que sua partida me magoaria o coração, porque...

E a menina, travessa como era, ficára um instante em silencio como se algum mal estranho lhe



viesse accommetter o peito, deixando passar pelo bello semblante uma sombra de visível tristeza.

Ricardo a olhára e comprehendêra o seu pezar, dizendo :

— Pensa que eu seja tão cruel e que assim desconheça as sympathias que me vota um dos mais lindos anjos da terra ?

Um sorriso agradecido, como o abriu de um dia formoso, adejára pelos coralinos labios da donzella, que expandiu a sua alegria intima, respondendo :

— Sim, sentirei profundamente se deixar-me aqui só... no pouco tempo que tem morado nesta fazenda, Sr. Ricardo, tenho comprehendido bem a sua alma nobre, e assim, ouvindo a sua acertada palavra e apreciando sua intelligencia, a vida corre-me suave, como a aragem do campo colhendo os effluvios das flores silvestres...

— Como é doce ouvir isso ! exclamára o mancebo maravilhado. Pois bem, D. Carlina, não a deixarei ; salvo se uma força maior...

— Não diga tal, não, Senhor Ricardo. O seu destino ha de ser bom ; não toldará o céu de seu futuro, meu coração o diz...

— Seu coração o diz, anjo do céu ? aventurou Ricardo, um tanto tremulo por uma subita emoção que sentira.

— Anjo do céu ? disse a menina sorrindo e mirando o joven com regozijo. Pois os anjos não têm azas, Sr. Ricardo ?

— Sim... sim... articulou este, extasiado pela belleza que nesse momento apresentava a donzella.



— E onde estão as minhas azas de anjo ?
— Nas mãos do Creador de todas as maravilhas !
— Ah ! sim... nas mãos do Creador... diz bem... o Creador pôde dar-me azas de um para outro momento ; porém não para o corpo, mas para a alma, porque esta vda como uma pomba para alturas infinitas !

E Carlina ao pronunciar estas palavras unguidas de sentimento, como que entristecêra pensando na eternidade, que é o despertar de uma vida em sonhos.

— Digo, D. Carlina, murmurava Ricardo buscando distrahir a donzella dessa repentina melancolia que se debuxára em sua physionomia ; que suas azas estão nas mãos de Deus, porque Elle...

— Basta, Senhor Ricardo, respondêra a linda menina, batendo de mansinho com toda a simplicidade no hombro do moço ; basta, nem mais uma palavra sobre anjos...

— Não serei capaz de a contrariar...

— Vai agora para a cidade ? quando volta ?

— Se possível fôr, hoje mesmo voltarei ; quando não, ámanhã, se Deus o permittir.

— Quero pedir-lhe uma cousa...

— Ordene...

— Não quero que me faça mysterio do negocio que o obriga a ir á cidade... seja lá o que fôr, prometto-lhe guardar segredo inviolavel.

— Será satisfeito o seu desejo...

— Agora... adeus !



E a donzella olhára para Ricardo e sorrira; e no transporte de sua emoção, tomára a mão do joven e apertára docemente, signal expressivo que elle comprehendéra perfeitamente, extasiando a sua alma.

Meia hora depois desse agradável entretenimento, Ricardo seguira para a cidade, tendo obtido a concessão do commendador, que lhe recommendára não se demorasse mais que um dia.

Apanhemos agora o dialogo que se passa entre Ricardo e o conselheiro.

Depois do jantar, entretiveram-se o Dr. Reginaldo, André de Mello e o mancebo, em conversa alheia ao assumpto deste nosso tósco romance, e o conselheiro pedindo permissão ao advogado, a sós com Ricardo, proseguira em suas confidencias.

— Senhor conselheiro, disse o joven, sou reconhecido ás expressões delicadas com que me trata V. Ex.; porém esse favor que me pede, sinto dizer-lhe, não o posso satisfazer...

— Attenda-me, Senhor Ricardo, observou André, dando alguns passos pela sala, com signal de visível contrariedade. Não comprehende, não estuda esta sociedade em que vivemos?

— Se não a estudo, Sr. conselheiro? oh! antes assim não fôra!

— E porque?

— Porque esse estudo não me fecharia a alma.

— E o que vê que lhe fecha a alma?

— O que vejo, Sr. conselheiro? quasi todo o mundo curvando-se ao poder do dinheiro, pelo



qual se despreza honra, virtude e os sentimentos mais nobres do coração humano !

— Ah ! já percebe então que o dinheiro é o soberano absoluto, que reina por toda a parte !

— Porém eu o desprezo, Sr. conselheiro ! murmurou Ricardo com intuição.

André de Mello, com um riso sarcástico, respondeu :

— Desprezar-se o dinheiro nos tempos em que vivemos !... isto é loucura, Sr. Ricardo, loucura ! ouça-me : quando a fortuna lhe vem sorrir prometendo-lhe um futuro grande, cheio de seducções, em que o titulo mais pomposo do mundo o levará ao pinaculo da fama — millionario — ! é que o Senhor me responde tranquillo : eu o desprezo !

— E' porque não posso contrariar os meus sentimentos, Sr. conselheiro ! Embora pobre e reconheça que o dinheiro é a mola poderosa que move todo o mundo, eu tenho brios e não quero que elle me venha conspurcar a dignidade do pensamento !

— E se viesse o proprio autor de seus dias offerrecer-lhe a herança, como procederia ? perguntou André de Mello gravemente.

— O autor de meus dias ? !...

E o mancebo ficou um instante em silencio como sendo presa de um sonho.

— O autor de meus dias ? !... repetiu.

Um lampejo de esperança atravessou rapido o pensamento do conselheiro, que ajuntou para reforçar a sua proposição :

— Seu pai ! que embora tivesse praticado um



grande mal, viria justifica-lo, pedindo o perdão ao filho.

Ricardo, passando a mão direita pela fronte, gozante de suor, articulou a custo :

— Meu pai !... meu pai !... oh ! este mysterioso sentimento me falla n'alma o perdão ! eu me curvaria submisso ante aquelle que me déra o ser... mas regeitaria sua fortuna ... nem um seitel della desejaria !

Estas palavras transportaram o conselheiro, que exclamou com alegria :

— Sim, generoso mancebo ! esse pai se abaixaria ao filho pedindo-lhe perdão, porque apesar de ser germinado pelo vicio de uma paixão delirante, sua alma é grande como generosa e grande é seu coração !

E o conselheiro, exaltando-se gradualmente, foise aproximando de Ricardo, que observando essa alteração de André, sentiu seu peito pulsar descompassado como se nelle experimentasse uma estranha revolução.

— Sim, Ricardo ! ajuntou esse homem com verdadeira effusão do espirito, tu foste engeitado por uma joven, bella e seductora, que enviando-te a uma bôa mulher, recommendára-lhe a criação do innocente fructo de sua leviandade : e esse pai, a quem os encantos de uma moça fascinaram, perdendo-a no abysmo da prostituição, esse pai cheio de culpas, cheio de vergonha, aqui está em tua presença, pedindo-te o perdão ! sim ! sim ! perdão, meu filho !



XIX

A MEDALHA.— DENUNCIA

Uma scena toda de intimidade se panteteia agora em casa do honrado Doutor Reginaldo.

E' o pai e o filho que se entretêm n'um dialogo.

— Então, Ricardo, vás commigo para a côrte ?

— Não, senhor conselheiro...

— Ah ! ainda estás com as tuas susceptibilidades ?

— Perdão, meu pai.

— Porém, porque não podes ir ?

— Porque tenho um sagrado compromisso.

— Ah ! tens um compromisso ?

— E' verdade.

— E esse compromisso poderei sabe-lo ?

— Poderei agora occultar alguma cousa a meu pai ? Prometti ser util á humanidade...

— E de que modo, meu filho ?

— Favorecendo as victimas da escravidão...



— Bonita idéa ! E como ?

— Patenteando os crimes do algoz.

— E esses crimes ?

— Tenho as provas na fazenda do commendador Almeida.

— E é este o motivo que te priva partir comigo ?

— E', meu pai.

— Pois bem, não quero contrariar as tuas boas intenções. Dar-te-hei um prazo para realisaes o teu desideratum.

— Ignoro o tempo que preciso para isso ; mas, em todo o caso, conto que em tres mezes...

— Tres mezes ? eu queria que fosse muito breve.

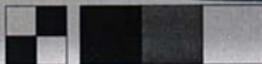
— Não é possível, meu pai.

— E se te compromettes para com a sociedade, Ricardo ? Trata-se de um negocio gravissimo, talvez envolvendo-se um potentado...

— Buscarei demonstrar ao criminoso o attentado que commette contra as leis divinas e as da terra na sua sêde pelo sangue do escravo, prostrando-o pelo martyrio o mais atroz na impiedade de seu coração de pedra ; se as minhas palavras não tiverem forças para convence-lo desse barbarismo, que o presente seculo não pôde admittir, então não respeitarei conveniencia alguma... eu proprio irei denunciar o potentado pedindo a sua punição para desagravo da pobre humanidade !

Ricardo proferira estas idéas na pureza de suas convicções, ajuntando com dignidade :

— Sim, meu pai, esse homem a quem sirvo de



secretario, é um potentado deste termo; eu não o devo trahir; a franqueza será o meu característico em tão grave negocio... e, por todos estes sacrificios no terreno falso em que me hei de collocar, por ter de lutar com uma sociedade sempre mysteriosa, sempre inconsequente e sempre avida, Deus me livrará dos precipícios e guiar-me-ha ao beneficio social.

— Pois bem, meu Ricardo, segue esses bons instinctos do teu coração; não te contrario, não. Assim terás a prova da minha amizade por ti. Porém antes de partires para a fazenda do commendador Carlos de Almeida, exijo um favor de ti...

— Um favor de mim, meu pai?

— Sim, um favor. Não tens ahí contigo o papel mysterioso que te acompanhou quando engeitado á porta de Joanna de Lima?

— Tenho, meu pai, e o conservo como uma sagrada' reliquia.

E o mancebo abrindo o peito de sua camisa, patenteou aos olhos de André de Mello uma medalha de prata, do tamanho de um broche de retrato, presa a um cordão fino de ouro; e tomando a mesma medalha, sem tirar o cordão do pescoço, tocou em sua móla, abrindo-a. Tirou um papel muito bem dobrado de dentro, que deu logo ao conselheiro.

Este o recebendo, abriu com sofreguidão, e passando os olhos pela lettra, exclamou:

— Oh! é della! Elvira Clarice!

— Elvira Clarice, meu pai?... murmurou Ricardo surprezo.



— O nome de tua mãe !

— Ah !

E o moço ficou como prostrado com essa lembrança dorida e saudosa, que lhe vinha fazer vibrar as cordas sensíveis do coração.

— Tu me confias este papel, meu filho ?

— Meu pai... respondeu Ricardo como hesitando.

— Eu t'o prometto restituir.

— Aqui o tem, meu pai.

E com presteza, desatando a gravata do pescoço, desabotoou o collarinho e tirou o cordão com a medalha, entregando-a a seu pai.

— Quando tu souberes do meu intento, Ricardo, louvarás a teu pai. Por enquanto nada te posso dizer. E' um mysterio.

— Seja um mysterio, meu pai, eu não instarei para penetra-lo.

— O tempo não está longe em que tua alma se expandirá de prazer ; e esta reliquia que me confias será o caminho para a tua felicidade, meu filho, com convicção te digo !

E o conselheiro, assim fallando, como que sentiu-se consternado.

— Toda a felicidade desejarei, meu pai, menos essa herança maior de quatro centos contos. Prefiro viver pobre e honestamente, antes que milionario com vexame.

— Só o que te posso affirmar, meu filho, é que tudo se conciliará. A'manhã, parto para a côrte. Retirando-me, confio em tua promessa.

— Eu a cumprirei, meu pai.



Era já quasi hora do crepusculo, quando o pai e o filho terminaram este dialogo.

O Dr. Reginaldo viera-se juntar então a elles.

Ricardo tinha de pousar em casa do advogado para fazer companhia ao conselheiro por algumas horas.

Nessa noite, estando o honrado doutor entre-tendo-se com sua familia ácerca do conselheiro André e seu filho Ricardo, alguem o veio procurar batendo á sua porta.

Era já tarde.

— Quem será, papai? onze horas vão dar no relogio, disse a filha de Reginaldo como em susto.

— Ha de ser, minha Eugenia, algum desses pobres designados que não podem tratar de seu direito á luz do dia e amparam-se com o manto da noite para verem o advogado.

— Quem sabe, Reginaldo? murmurou a respeitavel esposa do doutor, em duvidas.

— Pois é um designado, affirmo-te, minha amiga. E assim observando, Reginaldo chamou o seu pagem, que foi vêr quem era.

— Vamos vêr se me engano, ajuntou elle para sua mulher.

O pagem voltou sem demora, dizendo para seu senhor:

— E' aquelle homem conhecido de meu senhor, que se chama Chico Cabaço...

— Então, minha amiga? é ou não um designado! ponderou Reginaldo rindo-se para sua mulher.



— O papai adivinha, mamã! juntou Eugénia como cassoando.

— Não adivinho, Eugénia. Só mesmo os designados são que me procuram a estas horas. Deixem-me lá vêr o que deseja esse meu conhecido Chico Cabaço.

E Reginaldo foi-se encontrar com o nosso caipira.

Saudando-o, Cabaço mostrou-se receioso.

— Não tenha sustos... aqui não haverá perigo. Entre para cá.

E o advogado fez introduzir esse homem ao seu gabinete de trabalho, aonde seu pagem tinha levado um lampeão aceso, como Eugénia por prevenção lhe ordenára.

— Então, o que temos, Sr. Chico? perguntou Reginaldo em tom amigo.

— Ora, Sr. doutor, respondeu Cabaço, pondo o pé sujo em cima de uma cadeira como para descansar a perna; aquelle Sr. barão do Taquaral nos quer acabar *nois* pobres...

— Como?

— Pois como, Sr. doutor? nos mandando para o Paraguay.

— Ah! E quer-se livrar da designação?

— Se quero, Sr. advogado? isso não se pergunta!

— Que motivos tem a allegar, Sr. Chico?

— Tenho muitos...

— Sim?...

— E' verdade. Esse barão tem crimes ahi pela manta do diabo!



- Crimes?! o barão?!...
— Isso nem é *bão* fallar!
— E vem denunciar-me elles?
— Venho, Sr. doutor.

O caipira estava vestido de um ponche de panno grosso, forrado de baeta vermelha que tirando poz em cima de uma cadeira.

Depois, sem a menor cerimonia, tirou do bolso das calças de algodão tinto o seu isqueiro de metal com o fuzil e pedra.

E pondo de novo o pé direito em cima da cadeira, como fizera ao principio, riscou o fuzil na pedra ateando a isca.

Depois ainda, com todo o vagar, tomou um grosso cigarro de traz da orelha, e acendendo-o, começou a fuma-lo.

O Dr. Reginaldo olhava para o caipira com interesse notavel, sem distrahi-lo do que fazia.

— Pois *escutte* lá a historia, Sr. Doutor, murmurou Chico Cabaço, cuspiendo de um lado e soltando da boca uma fumarada.

— Conte-me isso, conte-me...

— Pois é *assim o caso*... aquelle negro do barão, que se chama Gregorio, que é levado do sarro, me contou umas cousas bem grandes...

E o caipira soltou outra fumarada quasi no rosto do advogado, que desviou com toda a pachorra a cabeça para um lado.

— Umás cousas de botar a gente perdido na *casa do Ignacio!*

— *Casa do Ignacio!* o que é isso, Sr. Chico?



— Pois o Sr. Dr. não sabe o que é *antão-se*? disse Chico Cabaço rindo-se.

— Ignoro.

— E' a cadeia...

— Ah!

— *Esculte*, Sr. Dr. — O tal negrinho Gregorio, lá na roça da minha casa, me veio dizer que o barão do Taquaral já tem matado muito negro!

— Oh! disse o advogado com admiração.

— E' verdade, Sr. Dr.! e matado a poder de *bachau* de couro cru! Isto bota sangue ahi pela manta do canhoto! exclamou o caipira apagando o cigarro e pondo-o atraz da orelha.

— Explique-me isso bem claro, Sr. Chico. Desejo muito ouvi-lo.

— Pois é *ansim...* *esculte*, Sr. Dr.— O molho ás vezes é de trez dias, e ás vezes até *antão-se* chega-se á *novena*.

— A' *Novena*?! quer dizer nove dias de castigo?

— Isso mesmo, Sr. Dr., isso mesmo! Porém pouco negro escapa do molho...

— E quantos já têm morrido por causa disso?

— Isso lá não sei, Sr. Dr.

— Pois o tal negro Gregorio não lhe contou quantas eram as victimas?

— Victimias, Sr. Dr.? isso não *capisco*. *Vossuncê* me explique essa cousa... respondeu o caipira rindo-se.

— Victimias, Sr. Chico, são os negros que morrem....

— Ah! já entendo. O Gregorio disse que muitos



negros já têm morrido na fazenda, e crioulinhos também, que morrem de maltrato...

— E só isso, Sr. Chico ?

— Espere, espere, Sr. Dr., eu não disse tudo ainda a *vossuncé*...

— Pois o que é ?

— Os negros que morrem de *bacalhau*, são enterrados lá mesmo na fazenda do barão, e não vêm cá para o cemiterio da cidade. Agora, nada mais tenho a dizer a *vossuncé*. Se o barão quizer apertar a *nois* pobres, que venha o negrinho Gregorio para a justiça escangalhar com o nosso commandante. Tome nota nisso, Sr. Dr. : e vou *raspar-me* já para a roça, antes que appareça ahi uma escolta...

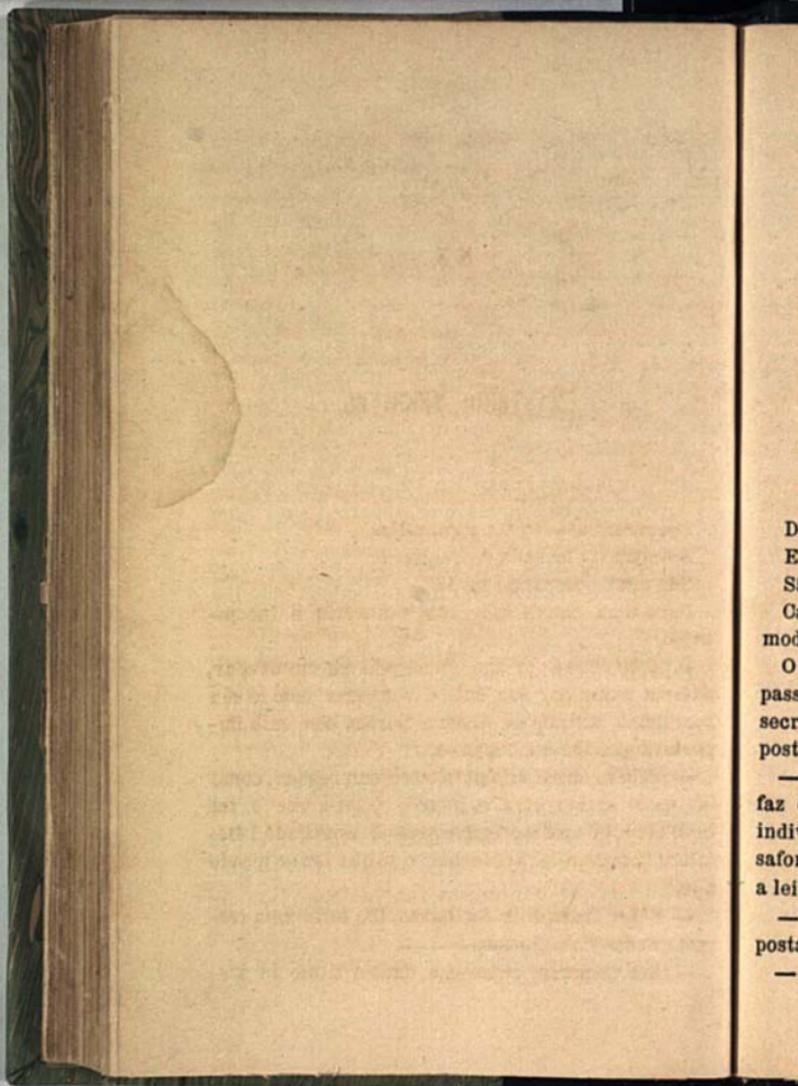
E fallando assim, o caipira tomou o ponche, vestiu-o, e despediu-se do Dr. Reginaldo, que lhe disse:

— Vá descansado, nada lhe ha de acontecer. O barão, em tempo, pagará os seus crimes.

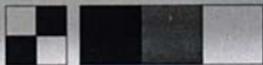
Alguns minutos depois, o advogado commentava esse factio com sua familia, na certeza da perpetração desses attentados pelo barão do Taquaral.

Deixemos agora esta honrada familia, deixemos também o conselheiro André, que tinha de seguir para a côrte no dia immediato ao da entrevista com seu filho Ricardo ; vamos apresentar ao leitor outra scena que o interessa.





D
E
S
C
mod
O
pass
secr
post
—
faz
indi
safor
a lei
—
posta
—



XX

MYSTERIO TERRIVEL

Decorreram-se mais alguns dias.

Estamos na fazenda do Taquaral.

São quatro horas da tarde.

Cahe uma chuva fina, com vento frio e incommodo.

O barão João Cypriano, embuçado em um cavour, passeia ufano por sua sala e conversa com o seu secretario Alfredo de Castro, porém com essa impostura que lhe conhecemos.

— Veja lá, disse elle para o seu empregado, como faz esse artigo para o jornal. Quero que o tal individuo que me accomette seja esmagado ! Desaforo ! accusar-me de despota, e de que tenho pisado a lei !

— Fique tranquillo, Sr. barão, lhe farei uma resposta nos devidos termos !

— Em vesperas de ser-me dado o titulo de vis-



conde. é que apparece um artigo assim!... murmurou o barão raivoso.

— Será mais uma força para apressar-lhe essa grande honra, Sr. barão, respondeu Alfredo com riso de censura.

— O ministro não faltará com a promessa.

— Por certo que não, Sr. barão. E, V. Ex. além dos serviços que já tem prestado na designação dos Guardas Nacionaes, ainda concorreu com dez contos de reis para as urgencias do Estado, esse dinheiro que acaba de ser entregue no Thesouro...

— E é por esse motivo que conto com a promessa do ministro... sim Sr. Alfredo, brevemente serei visconde do Taquaral! virá toda essa gente da cidade render-me homenagem e submissão... oh! como é bello ser-se grande e rico nesta época em que vivemos!

— Hoje, Sr. barão, a riqueza vale tudo! ponderou com sorriso de ironia. Faz do estúpido um sabio, do homem da plebe um nobre, e do criminoso um innocente!

Estas palavras de Alfredo despertaram no titular o quer que fosse de estranho, porque sua physionomia mostrou-se sobranceira como se sua consciencia tivesse sido ferida por algum espinho de má pensamento.

Porém, fosse lá o que fosse esse sentimento, o barão buscou occulta-lo, apesar de Alfredo tê-lo comprehendido, julgando ser esse homem em verdade um criminoso.



— A sociedade, articulou o titular com apparente tranquillidade, não trata de indagar de onde procede a riqueza de um homem, embora miseravel hoje e opulento amanhã : nem assim mesmo vem ella incommoda-lo. A pessoa do homem abastado torna-se inviolavel e sagrada!

E o barão passeou como agitado pela sala.

O que desconfiaria elle ?

Quem sabe se sua idéa lhe denunciaria que Alfredo, sabendo algum mysterio de sua vida, se animaria a proferir aquellas expressões, que tão a proposito vinham justificar o seu character máu e criminoso?

E comsigo murmurára :

— Temos alguma novidade!

Depois, como em um momento de zanga, disse para o seu empregado :

— Retire-se Sr. Alfredo ! preciso estar só.

O moço obedeceu á ordem sem ajuntar uma palavra.

— Não ha duvida, acrescentou depois ; este *quidam* sabe de algumas particularidades de minha vida... coitado d'elle se minhas suspeitas se realisam !

E um riso sinistro crispou os labios do barão, como o annuncio de uma sentença de morte.

Nesse interim, entrou apressado na sala o pagem do titular, que vinha avisar a seu senhor, que uma pessoa o procurava para fallar-lhe, e que essa pessoa mostrava ser estranha.



— Veio a pé ou a cavallo? perguntou o barão de mau humôr.

— Veio a cavallo, meu senhor, e trouxe uma mala na garupa...

O pagem sahiu, depois de ter o barão dado ordem para que fizesse entrar esse individuo.

— Para dizer que algum meu bajulador tomou o incommodo de mandar-me participar da côrte a minha nomeação de visconde? oh! inclino-me por esta idéa...

E o barão, apezar da contrariedade em que se achava o seu espirito, riu-se, certo de que ia ver o decreto de sua tão alta dignidade.

E continuou a passeiar pela sala, ancioso já pelo portador da feliz nova.

Alguns segundos depois, entrava esse portador. Era um homem de 30 annos mais ou menos, branco, de estatura baixa, não mal vestido, e com semblante regular, trazendo longa barba negra que lhe cahia no peito. Calçava botas de couro branco.

Saudou o titular com respeito, fazendo-lhe uma reverencia.

— Viva, senhor! Donde vem então?

— Venho de longe, Senhor barão.

— De onde?

— Lá desses fundos de Minas...

— Ah!

E o barão mostrou na physionomia um visível mau estar, que não deixou de ser percebido pelo individuo desconhecido, que o media de alto a baixo.



— E o que deseja, Senhor?

— O que deseja, Senhor barão? oh! o negocio é todo de V. Ex., e não meu... respondeu o homem em certo tom de confiança, sem curvar-se ao titular.

— Ah! o negocio é todo meu... pois nesse caso estarei prompto a ouvi-lo.

— Sabe, Sr. barão, ha quantos dias estou caminhando?

— Como hei de saber, homem? respondeu o titular raivoso.

— Não zangue-se por isso S. Ex... Fazendo uma viagem por sua causa, soffrendo os incommodos de um caminho pessimo, conto hoje vinte e cinco dias...

— De que ponto de Minas vem, Senhor?

— Da cidade de Sabará.

— De Sabará?!... exclamou o barão com pasmo.

E passando a mão pela testa, seu rosto tornou-se livido, como se algum espectro medonho lhe viesse torturar a alma.

— Vem mesmo de Sabará? repetiu elle agitado.

— Já o disse a S. Ex., murmurou o desconhecido tranquillamente.

— Da parte de quem vem o Senhor?

— Da parte de um amigo velho de S. Ex...

E o homem sorriu-se ao proferir essas palavras.

— Será possivel?

— Sim, senhor barão. Porém antes que oriente a S. Ex., permita-me que eu vá tirar estas botas sujas, e trocar esta roupa de viagem. Dá-me S. Ex. um commodo, por favor?



— Entre naquella alcova, e lá esteja á sua vontade, respondeu o fazendeiro cheio de contrariedade.

E indicou com a mão direita essa alcova.

O desconhecido disse :

— Então vou buscar a minha mala, que lá deixei com o animal no terreiro. Com licença de S. Ex.

E o portador sahiu da sala.

— Oh ! murmurou o barão com o espirito revoltado, hoje parece-me um dia aziágo! quantas idéas me assaltaram o pensamento! Se minha vida está descoberta !...

E o terrível fazendeiro, como se de repente experimentasse um calafrio, tremeu involuntariamente, ajuntando com mysterio :

— Não, não ! sou um imbecil em lembrar-me disto... tudo ficou em trevas... tudo ! E de mais, não tenho eu dinheiro de sobra para vencer todos os obstaculos que achar ? não tenho eu a justiça fechada em minhas mãos ? não tenho tambem um grande titulo que me enobrece, e não estou eu em vespera de outro maior, que me acobertará dos botes dos meus inimigos, se inimigos tenho ? Fraqueza ! fraqueza humana ! que se receia dessa cousa que se chama consciencia, que é a accusadora de nossas acções más, fazendo-nos pusillanimes e cobardes ! Não ! não ! um homem collocado nas minhas alturas não deve recuar ante um perigo imaginario, e pelo contrario deve despreza-lo e impassivel encara-lo !

E o barão, com este pensamento, buscou serenar



o seu espirito agitado, dando alguns passos pela sala.

Passaram-se alguns minutos.

O desconhecido voltou para a sala.

Tinha trocado o fato, e calçado chinellos de couro branco.

— Diga-me o nome desse amigo que o manda aqui ? inquiriu o barão, olhando para o homem.

— José Cabral...

— José Cabral?... Pois o Sr. vem da parte delle ?

— Justamente. Esse individuo é amigo intimo de S. Ex., e assim...

— Espere, homem ! espere ! deixe-me pensar um momento : disse o titular sentindo novo calafrio tomar-lhe o corpo.

E para não dar a entender ao desconhecido a sua perturbação de espirito, passeou um instante, como recordando-se do passado.

— Ah ! sim, murmurou ; bem me recordo agora... um amigo, de Sabará, a quem sou obrigado...

— Pois é esse amigo mesmo, Sr. barão, que aqui me envia...

— Devo ter uma carta... disse Taquaral em voz alterada.

— Oh ! por certo, Sr. barão !

— Dé-m'a cá, homem !

E o portador tirando uma carta do bolso do paletot de brim, apresentou-a ao titular, dizendo-lhe mesmo em mysterio :



— Attenda bem ao conteúdo desta carta, Senhor barão... ella vai tocar na sua vida privada... pôde-lhe vir uma grande tempestade daquelles fundos de Minas...

O barão tendo arrebatado a carta da mão desse homem, abria soffrego como fóra de si.

E todo convulso, leu para si estas linhas :

« Senhor João Cypriano.

« Sabará, 8 de Março de 1867.

« Que vá esta encontra-lo no gozo de saúde, é o que estimo.

« Tomei a deliberação de enviar o portador, Sr. « José Ribeiro, para pessoalmente entregar-lhe « esta, visto como não tendo confiança no correio, e « tratando-se de um negocio gravissimo, qualquer « demora no recebimento desta mesma carta muito « mal lhe poderia acarretar.

« Eis o caso. Um individuo, morador desse termo, « já velho e que se chama Leonardo de tal, desco- « brira, na cidade de Passos, desta provincia, os « segredos de sua vida. O individuo que isso lhe « patenteára, promettêra ainda ao velho enviar-lhe « um homem, aqui de Sabará, que sabe da origem « de sua grande fortuna, Senhor João Cypriano, e « que o poderá perder para sempre, denunciando-o « do-o como ladrão e assassino! E esse homem « partiu ha tres dias para esse termo.»

Embates terriveis accometteram a alma do barão do Taquaral durante a leitura destas linhas; não tendo forças para vence-los, cahiu n'uma cadeira aniquilado, sem poder terminar a leitura da carta,



e apenas articulou com voz sombria e ameaçadora, sem attender que uma testemunha o escutava :

— Desgraçado de ti, Leonardo ! tu me pagarás com a morte o teu arrojo !

E José Ribeiro, olhou, cheio de espanto, para a physionomia sinistra e terrível do malvado barão do Taquaral.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

